



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
UNIDADE ACADÊMICA DE ADMINISTRAÇÃO E
CONTABILIDADE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO



ECONOMIA CRIATIVA E INOVAÇÃO SOCIAL: UMA
ANÁLISE DE PRÁTICAS ARTESANAIS EM
COMUNIDADE RURAL NO MUNICÍPIO DE
ESPERANÇA - PB

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

THIAGO JOSÉ DE QUEIROZ JATOBÁ

CAMPINA GRANDE-PB 2021



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO

THIAGO JOSÉ DE QUEIROZ JATOBÁ

**ECONOMIA CRIATIVA E INOVAÇÃO SOCIAL: UMA
ANÁLISE DE PRÁTICAS ARTESANAIS EM
COMUNIDADE RURAL NO MUNICÍPIO DE
ESPERANÇA - PB**

Orientador: Prof. Dr. Gesinaldo Ataíde Cândido

Dissertação apresentada como pré-requisito para obtenção do Título de Mestre em Administração do Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal de Campina Grande.

CAMPINA GRANDE-PB 2021

J39e

Jatobá, Thiago José de Queiroz.

Economia criativa e inovação social: uma análise de práticas artesanais em comunidade rural no município de Esperança – PB / Thiago José de Queiroz Jatobá. – Campina Grande, 2021.

100 f. : il.

Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2021.

"Orientação: Prof. Dr. Gesinaldo Ataíde Cândido".

Referências.

1. Economia Criativa. 2. Inovação Social. 3. Artesanato. 4. Desenvolvimento Local. 5. Transformação Social. I. Cândido, Gesinaldo Ataíde. II. Título.

CDU 316.42(043)



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
POS-GRADUACAO EM ADMINISTRACAO
Rua Aprígio Veloso, 882, - Bairro Universitário, Campina Grande/PB, CEP 58429-900

FOLHA DE ASSINATURA PARA TESES E DISSERTAÇÕES

THIAGO JOSÉ DE QUEIROZ JATOBÁ

"ECONOMIA CRIATIVA E INOVAÇÃO SOCIAL: UMA ANÁLISE DE PRÁTICAS ARTESANAIS EM COMUNIDADE RURAL NO MUNICÍPIO DE ESPERANÇA -PB"

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Administração (PPGA-UFCG) como pré-requisito para obtenção do título de Mestre em Administração.

Aprovado em:31 /03/2021

Prof. Dr. Gesinaldo Ataíde Cândido - PPGA/UFCG
Orientador

Profa. Dra. Suzanne Érica Nóbrega Correia - PPGA/UFCG
Examinador Interno

Profa. Dra. Tania Nunes da Silva - PPG-Administração/UFRGS
Examinador Externo

Campina-Grande-PB, 2021



Documento assinado eletronicamente por **SUZANNE ERICA NOBREGA CORREIA, PROFESSOR(A) DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 02/04/2021, às 12:16, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



Documento assinado eletronicamente por **GESINALDO ATAIDE CANDIDO, PROFESSOR(A) DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 03/04/2021, às 07:29, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



Documento assinado eletronicamente por **Tania Nunes da Silva, Usuário Externo**, em 05/04/2021, às 11:53, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site <https://sei.ufcg.edu.br/autenticidade>, informando o código verificador **1359548** e o código CRC **8EDF0EF9**.

“Descobrir consiste em olhar para o que todo mundo
está vendo e pensar uma coisa diferente”.
(Roger Von Oech)

AGRADECIMENTOS

Este trabalho não é apenas meu. Ele é resultado de uma construção coletiva. O mesmo não seria possível sem a colaboração, a amizade e a compreensão de muitos. Assim, agradeço:

A Deus, sobretudo pela vida e pela saúde, os bens mais valiosos.

Aos meus pais – em saudosa memória, por toda dedicação, carinho e afeto investidos.

Ao Sebrae Paraíba e a Universidade Corporativa Sebrae, pelo privilégio de viabilizar mais esta experiência de aprendizagem.

A Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e ao Programa de Pós-Graduação em Administração (PPGA), pela oportunidade de acessar o curso de Mestrado Acadêmico em Administração, com oferta de excelência em educação.

Aos Professores, Coordenadores, à Secretaria e ao nobre Orientador, professor Gesinaldo Ataíde Cândido, pela atenção, a compreensão e o estímulo, que foram essenciais para a conclusão deste desafio.

A todos os discentes, e em especial a Cláudia Lemos, Leonardo Batista e Paloma Bezerra, pela atenção, o companheirismo, a colaboração e o auxílio no convívio e nas atividades acadêmicas.

A Kalina Araújo, querida esposa, por toda sua paciência. Por suportar todos os altos e baixos. Pelo senso de responsabilidade e compromisso, que nunca me permitiu desistir.

A Diogo Jatobá e Alcides Gertrudes, irmão e amigo de todas as horas, sempre vigilantes e disponíveis, e que me cobriram nas ausências mais sentidas.

À mestra e mentora Luciana Cabral, que foi incansável no auxílio, no encorajamento e nas provocações teóricas. A quem me serve de exemplo, pela empatia e pelo envolvimento.

A Danilo Aguiar e Desireê Nicole, que tanto colaboraram na compreensão do objeto de estudo.

A todos os entrevistados – os quais não posso citar os nomes por compromisso ético – pela fundamental colaboração, ao compartilhar da rica experiência profissional e vivência com o artesanato paraibano.

Aos Artesões da Paraíba, pela inspiração e criatividade, pela autêntica expressão de arte.

JATOBÁ, THIAGO JOSÉ DE QUEIROZ. ECONOMIA CRIATIVA E INOVAÇÃO SOCIAL: UMA ANÁLISE DE PRÁTICAS ARTESANAIS EM COMUNIDADE RURAL NO MUNICÍPIO DE ESPERANÇA – PB. 100 páginas. Dissertação de Mestrado em Administração - Universidade Federal de Campina Grande, Paraíba, 2021.

RESUMO

A Economia Criativa consiste em um modelo econômico que envolve um conjunto de atividades criativas de produção de bens e serviços que utilizam como insumo a criatividade e as habilidades dos indivíduos ou dos grupos, desempenhando papel importante na promoção da diversidade cultural, da inclusão social e do desenvolvimento humano. Esta perspectiva econômica pode alinhar-se às inovações sociais, que consistem em uma intervenção social com a finalidade de responder a uma aspiração ou suprir necessidades sociais a partir de soluções geradas em uma ação conjunta de atores inseridos em uma comunidade ou em um contexto específico. Ambas as temáticas podem gerar transformações sociais, culturais, políticas, econômicas e proporcionarem benefícios para a coletividade. A partir destas considerações, o objetivo da pesquisa foi analisar as práticas da Economia Criativa na perspectiva da Inovação Social e as suas contribuições para o desenvolvimento de uma comunidade rural no município de Esperança-PB. Em termos metodológicos, trata-se de uma pesquisa qualitativa exploratória sob a forma de um estudo de caso, realizado a partir de um levantamento bibliográfico sobre as temáticas abordadas, bem como a realização de entrevistas, nas quais foram utilizadas um conjunto de dimensões de análise propostas por Tardiff e Harrison (2005) para compreensão da realidade da comunidade e suas características enquanto Inovação Social. Os resultados demonstraram a ocorrência das dimensões investigadas na comunidade em diferentes intensidades, estes elementos caracterizando a existência de uma inovação social. A atividade criativa do artesanato mostrou-se uma ferramenta de inovação social contributiva para o desenvolvimento da comunidade, contudo a falta de interação entre os atores sociais, organizacionais e institucionais e a difusão de objetivos dificultou o manutenção da atividade na região, bem como dissipou o grupo de atores envolvidos na atividade e reduziu o potencial contributivo do artesanato para o desenvolvimento da comunidade pesquisada.

Palavras-chave: Economia Criativa. Inovação Social. Artesanato. Desenvolvimento Local. Transformação Social.

JATOBÁ, THIAGO JOSÉ DE QUEIROZ. **CREATIVE ECONOMY AND SOCIAL INNOVATION: AN ANALYSIS OF ARTISANAL PRACTICES IN A RURAL COMMUNITY IN THE MUNICIPALITY OF ESPERANÇA – PB.** 100 pages. Master Dissertation in Management – Federal University of Campina Grande, Paraíba, 2021.

ABSTRACT

Creative Economy consists of an economic model that involves a set of creative activities for the production of goods and services that use the creativity and skills of individuals or groups as an input, plays an important role in promoting cultural diversity, social inclusion and development human. This economic perspective can be aligned with Social Innovations, which consist of a social intervention with the purpose of responding to an aspiration or meeting social needs from solutions generated in a joint action of actors inserted in a community or in a specific context. Both themes can generate social, cultural, political, economic transformation and provide benefits for the community. Based on these considerations, the objective of the research was to analyze the practices of Creative Economy from the perspective of Social Innovation and their contributions to the development of a rural community in the municipality of Esperança-PB. In methodological terms, it is an exploratory qualitative research in the form of a case study, carried out from a bibliographic survey on the topics covered, as well as the conduct of interviews, in which a set of dimensions of analysis were used. proposed by Tardiff and Harrisson (2005) to understand the reality of the community and its characteristics as Social Innovation. The results demonstrated the occurrence of the dimensions investigated in the community at different intensities, these elements characterized the existence of a social innovation. The creative activity of handicrafts proved to be a tool of social innovation contributing to the development of the community, however the lack of interaction between social, organizational and institutional actors and the diffusion of objectives made it difficult to maintain the activity in the region, as well as dissipated the group of actors involved in the activity and reduced the contributory potential of handicrafts for the development of the researched community.

Keywords: Creative economy. Social Innovation. Crafts. Local Development. Social Transformation.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Classificação das indústrias criativas	26
Figura 2: Escopo dos Setores Criativos no Brasil	29
Figura 3: Participação do PIB criativo no PIB geral brasileiro	30
Figura 4: Classificação do Artesanato Brasileiro	34
Figura 5: Tipologia do Artesanato Paraibano.....	35
Figura 6: Desenvolvimento da pesquisa.....	56
Figura 7: Mapa de localização geográfica do Estado da Paraíba	59
Figura 8: Mapa de localização geográfica do Município de Esperança - PB.....	60
Figura 9: Mapa da localização geográfica de Riacho Fundo.....	60
Figura 10: Mapa de Riacho Fundo (Satélite).....	61
Figura 11: Mestre artesã Socorro.....	61
Figura 12: Artesãs Socorro e Aderita	61
Figura 13: Bonecas de pano Esperança	62
Figura 14: Residência da artesã Socorro	64
Figura 15: Associação Casa da Boneca Esperança	64
Figura 16: Dimensão Transformações.....	67
Figura 17: Dimensão Caráter Inovador	69
Figura 18: Dimensão Inovação.....	73
Figura 19: Dimensão Atores.....	76
Figura 20: Dimensão Processo	79

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Divisão das macrorregiões do Estado da Paraíba e a relação com o artesanato.....	36
Quadro 2: Conceitos de Inovação Social.....	38
Quadro 3: Síntese Conceitual	41
Quadro 4: Dimensões de análise de uma Inovação Social.....	44
Quadro 5: Dimensões de análise	47
Quadro 6: Síntese dos Atores	50
Quadro 7: Identificação dos Entrevistados.....	51
Quadro 8: Roteiro Semiestruturado das Entrevistas.....	54
Quadro 9: Perfil dos Entrevistados.....	65

LISTA DE ABREVIATURAS/SIGLAS

ARTESOL	Artesanato Solidário
BEPA	<i>Bureau of European Policy Advisers</i>
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CCI	Centro de Comércio Internacional
CRISES	<i>Centre de Recherchesur lês Innovations Sociales</i>
DCMS	<i>Department for Culture Media and Sport</i>
EC	Economia Criativa
FIRJAN	Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IS	Inovação Social
MINC	Ministério da Cultura
MTE	Ministério do Trabalho e Emprego
OIT	Organização Internacional do Trabalho
OMPI	Organização Mundial de Propriedade Intelectual
ONU	Organização das Nações Unidas
PAB	Programa do Artesanato Brasileiro
PAP	Programa do Artesanato Paraibano
PIB	Produto Interno Bruto
PNUD	Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
SEBRAE	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
SEC	Secretaria de Economia Criativa
SETDE	Secretaria de Estado do Turismo e Desenvolvimento Econômico
UNEP	<i>United Nations Environment Programme</i>
UNCTAD	<i>United Nations Conference on Trade and Development</i>
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	15
1.1. OBJETIVOS.....	20
1.1.1. Objetivo Geral	20
1.1.2. Objetivos Específicos	20
1.2. JUSTIFICATIVA.....	21
1.3. ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO	22
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	23
2.1. ECONOMIA CRIATIVA	23
2.1.1. Economia Criativa no Brasil.....	28
2.1.2. Indústria Criativa do Artesanato.....	31
2.2 INOVAÇÃO SOCIAL	37
2.2.1 Dimensões de análise da Inovação Social	43
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	49
3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA.....	49
3.2 SUJEITOS DE PESQUISA	49
3.3. DELINEAMENTO DA PESQUISA, COLETA E ANÁLISE DOS DADOS	52
3.3.1 Etapas de desenvolvimento da pesquisa.....	52
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	59
4.1 CARACTERIZAÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO.....	59
4.2 ASSOCIAÇÃO CASA DA BONECA ESPERANÇA	63
4.3 PERFIL DOS ENTREVISTADOS	65
4.4 DIMENSÕES DE ANÁLISE.....	65
4.4.1 Dimensão Transformações	66
4.4.1.1 Emprego e Renda e Qualidade de Vida.....	66
4.4.2 Dimensão Caráter Inovador.....	69
4.4.2.1 Criatividade, Cultura Popular e Singularidade do artesanato.....	69
4.4.3 Dimensão Inovação	72
4.4.3.1 Desenvolvimento Individual, Coletivo, Local e Inovação Social	72
4.4.4 Dimensão Atores	75
4.4.4.1 Interação entre atores.....	75
4.4.5 Dimensão Processo.....	78
4.4.5.1 Aprendizagem, Desafios e Perspectivas.....	78

4.5 DISCUSSÕES	81
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	83
REFERÊNCIAS	85
APÊNDICES	97
Apêndice A: Autorização para uso de nomes, dados pessoais e imagens.....	97
Apêndice B: Roteiro semi estruturado de entrevistas	98
Apêndice C: Roteiro semi estruturado de entrevistas	99
Apêndice D: Comprovante de submissão de artigo	100

1. INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, o conhecimento, a cultura e a tecnologia têm convergido na busca de soluções inovadoras para problemas específicos da sociedade. Assim surgem novos modelos econômicos e inovações sociais baseadas no uso de ativos criativos e tecnologias sociais, uma vez que essas podem ser replicadas em diferentes contextos sociais, bem como fomentam o desenvolvimento econômico, social e sustentável (REIS, 2008; CLOUTIER, 2003; UNCTAD, 2018).

A Economia Criativa (EC) e a Inovação Social (IS) têm ocupado lugar de destaque no cenário mundial, indicando o surgimento de um novo paradigma para o atual sistema socioeconômico em países com histórico, contexto e características diferentes (BENDASSOLLI et al., 2009; MURRAY; CAULIER-GRICE; MULGAN, 2010). Ao mesmo tempo que possibilitam a conexão entre cultura, economia, política, sociedade e tecnologia em prol da inclusão, da diversidade e do desenvolvimento.

Nesse cenário, a EC e a IS atuam como estratégias de desenvolvimento multicultural e multidisciplinar ao evidenciar o potencial do capital humano e sua interação com diferentes setores e objetivos sociais, culturais e econômicos, e abrem espaço para o surgimento de novas formas de produção e trabalho frente a um modelo econômico convencional, centralizado, socialmente excludente e ambientalmente insustentável.

Historicamente, no decorrer dos anos após a Segunda Guerra Mundial, o modo de produção industrial e a difusão da tecnologia adentraram em novas discussões relacionadas ao desenvolvimento econômico, e provocaram transformações na sociedade, nas formas de comunicação entre os povos, e principalmente naquelas economias dependentes da manufatura tradicional. Em sequência, crises econômicas começaram a surgir em decorrência da redução dos postos de trabalho.

Como medida para o enfrentamento dessas crises foram desenvolvidas estratégias alicerçadas no conhecimento, na informação, na cultura e na criatividade. Por sua vez, o conhecimento motivou mudanças estruturais no modo produtivo, no comércio e na economia, e possibilitou a concepção de um modelo econômico capaz de equilibrar a economia e o patrimônio de uma nação, capitalizado pelo conhecimento e pela criatividade (ASKERUD, 2008; MADEIRA, 2014).

A era pós-industrial atribuiu à criatividade a capacidade de agregar valor ao conhecimento e impulsionar o desenvolvimento econômico e cultural. Esta, por sua vez, pode ser entendida como o processo no qual ideias são criadas, reinventadas, conectadas e

transformadas em coisas passíveis de valoração, a fim de solucionar problemas antigos e novos (REIS, 2008; UNCTAD, 2010; UNCTAD, 2018).

Neste contexto, a criatividade, ao ser associada à economia, fomenta uma espécie de negócio capaz de impulsionar a inclusão social e o estabelecimento de relações equilibradas entre indivíduos e regiões que resultam em valor social e econômico, por meio da interação social, do conhecimento, da tecnologia e da cultura, bem como esta relação é capaz de criar valor e riqueza (HOWKINS, 2001; FLORIDA, 2011; SERRA; FERNANDEZ, 2014).

A ênfase na estratégia econômica orientada pela criatividade surge a partir da economia baseada na propriedade intelectual e nas indústrias culturais, posteriormente alterada para indústrias criativas, e, atualmente, para a economia criativa, no sentido amplo (REIS, 2008). Destarte, em 1994 surge o termo indústrias criativas, na Austrália, por meio de um projeto intitulado *Creative Nation*.

Esse projeto tinha por finalidade compreender a importância do trabalho criativo, seu potencial contributivo para a economia, e o uso da tecnologia em prol da política cultural (REIS, 2008). Todavia, o termo ganhou notoriedade em 1997, após o governo britânico realizar um mapeamento das atividades criativas desempenhadas na Inglaterra (BLYTHE, 2001), e originou o conceito de EC (REIS, 2008). Assim, as indústrias criativas tornaram-se o centro da EC (UNCTAD, 2010).

Nessa nova estrutura, indústrias criativas – também denominadas indústrias de conhecimento ou indústrias culturais – se destacaram devido a sua origem enraizada na criatividade, na habilidade e nos talentos individuais, mediante a criação e exploração da propriedade intelectual como recursos para geração de riqueza e emprego (DCMS, 1998).

Nas últimas décadas estudos envolvendo EC aumentaram substancialmente (HOWKINS, 2001; REIS, 2008; DALLAS COSTA; SOUSA-SANTOS, 2011; FARMAKIS, 2014; FLORIDA; MELLANDER; KING, 2015; SUNG, 2015; GRAND, 2018) devido às mudanças causadas nas esferas política, econômica, organizacional e social (HARTLEY, 2005; REIS, 2008; UNCTAD, 2010).

Sung (2015), após realizar revisão conceitual, propõe definição abrangente, atual e madura da EC, compreendendo-a como um conjunto de atividades fundamentadas na criatividade, no conhecimento e na inovação, que tem como finalidade contribuir para o desenvolvimento econômico local, por meio da criação de novos modelos de negócio e emprego. Adotado para fins desta pesquisa, a definição de Sung, embora não ofereça suporte de um modelo teórico, versa sobre EC para além do viés puramente econômico.

Neste sentido, engloba a intersecção e convergência multidisciplinar de aspectos econômicos, culturais, sociais e políticos. No âmbito econômico, a EC promove a geração de emprego e renda; no campo social, estimula o desenvolvimento humano e a inclusão social; no âmbito cultural, promove a diversidade e a geração de propriedade intelectual; já na política, pode promover o desenvolvimento de políticas inovadoras e multidisciplinares (UNCTAD, 2010).

Iniciativas da EC têm contribuído para o desenvolvimento econômico, a diversificação e a inovação do comércio em diferentes países e regiões, em áreas urbanas e rurais, assim como tem promovido a preservação e a valorização do patrimônio natural e cultural (UNCTAD, 2010). Apresenta-se como uma alternativa viável, que conjuga estratégia de mercado, capacidade criativa e a convergência de políticas públicas – culturais, tecnológicas e comerciais para desenvolvimento sustentável.

É oportuno ressaltar que o setor cultural abrange unidades produtoras de bens e serviços culturais tangíveis e intangíveis, tornando-se um campo fértil, rentável e potencialmente contributivo para o desenvolvimento (REIS, 2008; UNCTAD, 2010). Com efeito, este é o setor cujos países em desenvolvimento possuem representativa participação no mercado global, devido à forte produção e comercialização, especialmente, do segmento artesanal (REIS, 2008).

O artesanato, neste contexto, consiste na expressão da cultura por meio do uso do potencial criativo de um povo e se posiciona entre arte e mercadoria (BRASIL, 2012; LEITÃO; GANTOS, 2012). Sua cadeia de valor é complexa, devido à informalidade, e sua classificação é subjetiva (UNCTAD, 2010) em razão das diferentes características dos produtos, a saber: artístico, decorativo, estético, lúdico, utilitário, de valor simbólico cultural, religioso ou social (AMBERT, 2003; SEBRAE, 2010).

A internacionalização da produção e do comércio de artesanato impulsiona a geração de emprego, de receitas de exportação, e consiste em uma ferramenta favorável para a promoção da diversidade cultural, da troca de habilidades, e redução da pobreza da comunidade no qual está inserido (UNCTAD, 2010). Entretanto, essa atividade ainda é carente de informações e dados que viabilizem sua mensuração e caracterização, dificultando a elaboração de políticas de estímulo e apoio (REIS, 2008). Logo, é fundamental a realização de pesquisas, análises e intervenções políticas relativas à temática em tela (UNCTAD, 2010).

A expansão da EC fortaleceu o artesanato brasileiro. A prática artesanal com finalidade econômica está presente em cerca de 80% dos municípios e representa uma das principais formas de demonstração e valorização da diversidade cultural do país, bem como impulsiona a geração de renda e o desenvolvimento territorial (FREITAS DUARTE; SILVA, 2013; IBGE,

2017). Contudo, vê-se como oportunidade a necessidade de produzir análises para além da face econômica da atividade, sendo necessário compreender a contribuição do artesanato para a sociedade no contexto de Inovação Social (PIMENTA, 2017; GALLAS *et al.*, 2019).

De modo correlato à EC, a Inovação Social (IS) busca desenvolver e implementar novas ideias de produtos, serviços e modelos capazes de atender demandas sociais, contribuir para o bem-estar humano e aumentar a capacidade de ação dos indivíduos na sociedade, por meio da produção com menor utilização de recursos, e maior aproveitamento das potencialidades presentes na localidade (CLOUTIER, 2003; EUROPEAN COMMISSION, 2013; OLIVEIRA *et al.*, 2015).

Na literatura existem inúmeras definições para IS (GOLDENBERG, 2004; POL; VILLE, 2009; MURRAY *et al.*, 2010; KLEIN *et al.*, 2012; MOULAERT; MACCALLUM; HILLIER, 2013; BUCKLAND; MURILLO, 2014; EZPONDA; MALILLOS; 2016; PUE; VANDERGEEST; BREZNITZ, 2016; CASTRO-ARCE; VANCLAY, 2020). Bouchard (1997) refere-se a IS como qualquer nova prática, processo, produto ou abordagem desenvolvida com a finalidade de resolver um problema social ou melhorar determinada situação.

Em outra definição, IS é admitida como um processo de co-criação, co-iniciação e co-execução, em que os indivíduos idealizam e desenvolvem novos produtos e serviços que geram transformações sociais e solucionam problemas por vias mais eficientes, eficazes e sustentáveis, cujo valor a ser criado é revertido para a sociedade (CLOUTIER, 2003; PHILLS; DEIGLMEIER; MILLER, 2008; BOUCHARD, 2012; CAJAIBA-SANTANA, 2014; VOORBERG; BEKKERS; TUMMERS, 2015).

Ressalta-se que as atividades econômicas criativas desenvolvidas por um grupo, no qual todos os integrantes participam do processo, podem ser admitidas como IS. Essa, assim como a EC, estimula a geração de ganhos socioeconômicos e impacta a vida dos indivíduos e da comunidade. As teorias da EC e da IS buscam a valorização dos saberes locais, da cultura, da criatividade, e do conhecimento, e atribuem aos atores sociais papel de destaque. Em síntese, a EC e a IS convergem em suas características culturais, econômicas, comportamentais e sociais e tem por finalidade impulsionar mudanças na sociedade por meio da criação de novas ideias, ações ou produtos. (MANZINI, 2008; OSSANI, 2013; PIMENTA, 2017).

Estudos envolvendo EC e IS já foram realizados no contexto brasileiro (PIMENTA, 2017; GALLAS *et al.*, 2019). Contudo, apesar dos avanços em pesquisas científicas ainda há espaço para contribuições teóricas e práticas (CAJAIBA-SANTANA, 2014), especialmente acerca da relação entre EC, IS e o artesanato. Destarte, as IS podem contribuir para o

desenvolvimento das comunidades de artesãos que criam, produzem e distribuem produtos por meio do uso da criatividade e do conhecimento como principais recursos produtivos.

Contudo, considerado ainda como uma lacuna importante na produção acadêmica recente, conjugar uma pesquisa sobre EC na perspectiva de IS apresenta-se como um desafio, uma oportunidade de contribuição, mas sobretudo como um dever, para enxergar, analisar e desenvolver alternativas práticas capazes de gerar transformações positivas na realidade das comunidades.

Tendo em vista a ausência de um modelo teórico maduro para análise da EC, optou-se por utilizar um modelo de IS que fosse amplamente conhecido e consolidado na academia: o modelo teórico desenvolvido por Tadiff e Harisson (2005), que possibilitou a análise multidimensional, contemplando três eixos norteadores (a saber: (i) trabalho e emprego; (ii) condições de vida; e (iii) território).

O *locus* da pesquisa foi o Sítio Riacho Fundo, identificado como uma iniciativa social adequada e acessível para o desenvolvimento deste estudo. Riacho Fundo está situado na cidade de Esperança, localizada na mesorregião do Agreste paraibano a 146 km de João Pessoa, capital do estado da Paraíba. Esperança possui uma área territorial de 159,663 km², e apresenta uma população estimada de 33.199 habitantes (IBGE, 2021).

A comunidade de Riacho Fundo é formada por aproximadamente 250 pessoas, as quais têm acesso a um posto de saúde, uma escola municipal, uma capela, uma Associação de Trabalhadores Rurais e a Casa da Boneca Esperança. Sua atividade econômica é formada predominantemente pela agricultura familiar, por meio do cultivo de feijão, milho, batata e macaxeira, e pelo artesanato. Especificamente a atividade artesanal de bonecas de pano promoveu mudanças socioeconômicas na região (SEBRAE, 2008).

A partir da produção de bonecas, a comunidade conquistou o reconhecimento e valorização do artesanato local, ao passo em que fortaleceu a autoestima, melhorou a qualidade de vida e teve incremento na renda, tendo seus produtos encontrados em lojas localizadas em diversas cidades no Brasil (João Pessoa, Recife, São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília) e no mundo, na Alemanha, Itália, Estados Unidos e Austrália (SEBRAE, 2008).

De forma peculiar, essa comunidade rural impulsiona a economia de forma criativa e envolve diversos atores sociais (artesãos, gestores públicos, instituições parceiras e a comunidade) neste processo e se destaca como uma iniciativa peculiar, uma vez que se utiliza da habilidade têxtil para oferta de um produto que não se limita a confecção de roupas e vestuários e sim a uma representação infantil autêntica, lúdica e permeada de significado histórico e cultural.

Face ao exposto, a atividade artesanal desenvolvida nesta comunidade indica a presença de elementos teóricos pertencentes tanto à EC como à IS, configurando-a como um objeto empírico relevante para realização desta pesquisa.

Considera-se ainda que tanto a EC como a IS podem estimular a criação de ocupação, emprego e renda, promover a inclusão social, bem como o empoderamento dos indivíduos e gerar transformações nas localidades. Essa interação, entre EC e IS, pode contribuir para a transformação territorial, social e econômico de uma comunidade, fato que ocorre no objeto desta pesquisa e justifica a escolha do sítio Riacho Fundo, em razão das iniciativas locais ali encontradas e dos seus desdobramentos, positivos e negativos acumulados ao longo dos anos.

Esta pesquisa parte da premissa que a EC é uma ferramenta de IS contributiva para o desenvolvimento de determinadas localidades, em especial aquelas mais vulneráveis, e buscou, por meio de uma abordagem qualitativa, de caráter exploratório, ao utilizar como método o estudo de caso, responder à seguinte questão: **de que forma as práticas de Economia Criativa na perspectiva de Inovação Social são contributivas para geração de desenvolvimento em uma comunidade rural?**

Norteados por esta questão de pesquisa, encontrou-se nas práticas artesanais da Comunidade Riacho Fundo um laboratório singular. A comunidade possui potencial criativo ímpar e rico histórico sociocultural, contextualizado com décadas de experiência, marcadas pela obtenção de conquistas relevantes, pela sucessão de lideranças técnicas, a sazonalidade dos resultados, as variações de mercado, e descontinuidades de parcerias, plano de fundo que justifica a escolha do *locus* de pesquisa.

Para responder a este questionamento são propostos os objetivos a seguir.

1.1. OBJETIVOS

1.1.1. Objetivo Geral

Analisar as práticas da Economia Criativa na perspectiva da Inovação Social e as suas contribuições para o desenvolvimento de uma comunidade rural no município de Esperança-PB.

1.1.2. Objetivos Específicos

- a) Contextualizar e caracterizar as práticas de EC e IS na atividade artesanal de confecção de bonecas de pano no sítio Riacho Fundo no município de Esperança – PB;
- b) Conhecer a percepção dos atores sociais envolvidos com a atividade artesanal de confecção de bonecas de pano no sítio Riacho Fundo no município de Esperança – PB;
- c) Evidenciar as formas de contribuições das práticas de atividade artesanal de confecção de bonecas de pano no sítio Riacho Fundo, no município de Esperança – PB, para a geração de desenvolvimento nessa comunidade.

1.2. JUSTIFICATIVA

Na Economia Criativa, a transformação do poder criativo em bens e serviços gera riqueza, impacta os diversos setores econômicos (primário, secundário e terciário) e estimula o campo da educação, dos negócios, do turismo, da indústria e do comércio. No tocante à IS, essa consiste em intervenção iniciada por atores a fim de satisfazer uma necessidade social em um contexto específico (BIGNETTI, 2011). Neste sentido, é importante destacar a necessidade de compreender as características da EC e da IS conforme a localidade, singularidade, dinâmica cultural, e o valor de seus produtos e serviços, bem como o potencial contributivo de ambas para o desenvolvimento socioeconômico das comunidades onde são desenvolvidas.

No Brasil, a cadeia criativa tem significativa representação no Produto Interno Bruto (PIB), gerando riqueza, novos modelos de negócio e postos de trabalho, bem como o fomento ao empreendedorismo. Especificamente no que tange aos artesãos, o país pode ser caracterizado pela diversidade produtiva. Com isso, convém ressaltar a abrangência, a transversalidade, a produtividade e o potencial deste segmento para o desenvolvimento econômico e sua contribuição para a sociedade, o que justifica a escolha do setor para fins deste estudo.

A partir do trabalho desenvolvido por Tardiff e Harisson (2005), que trata da especificação de um modelo para análise de uma Inovação Social, mostra-se contributivo para a identificação de uma IS seu contexto, sua forma implementação e os papéis dos atores sociais. Esta pesquisa buscou relacionar os constructos de Economia Criativa e Inovação Social a partir do uso do suporte teórico defendido e sugerido pelos autores supracitados.

A presente pesquisa agrega como diferencial o uso das dimensões propostas por Tardiff e Harisson (2005) em conformidade com as características e o contexto da comunidade de Riacho Fundo.

A pesquisa justifica-se pela notoriedade atual do campo da Economia Criativa e da Inovação Social como aspectos impulsionadores de desenvolvimento local e regional. Outro

fator importante consiste na escassez de estudos envolvendo ambas as temáticas que venham a colaborar para o avanço do tema proposto. Mediante a lacuna na literatura, como contribuição teórica para o campo da administração, o estudo buscará auxiliar na compreensão da EC a partir do prisma das Inovações Sociais, assim como contribuir para o avanço dessas temáticas em virtude dos recentes conceitos em evolução atribuídos a ambas.

Na perspectiva local, essa pesquisa justifica-se por oportunizar a análise do potencial criativo presente no Sítio Riacho Fundo, como meio para avaliar o efeito da atividade artesanal na transformação desta comunidade. A relevância da pesquisa consiste na caracterização da inovação social e seu relacionamento com a comunidade onde está inserida, bem como a importância desta ferramenta para o desenvolvimento e fortalecimento da economia do município de Esperança, ao buscar mostrar o panorama atual da EC e da IS nesta localidade.

Do ponto de vista prático, a pesquisa buscou contribuir para a formulação de ações e estratégias que viabilizem o desenvolvimento a partir dos recursos e ativos criativos existentes no município escolhido como recorte espacial, especificamente no sítio Riacho Fundo. Por fim, se buscará neste trabalho de dissertação compreender o papel do artesanato no fomento ao desenvolvimento local.

1.3. ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO

A dissertação está organizada em cinco seções, incluindo a presente introdução. A Seção 2 apresenta os fundamentos teóricos que orientaram o estudo ao elucidar os desdobramentos dos constructos centrais deste trabalho, a saber: Economia Criativa e Inovação Social.

Na Seção 3, são apresentados os procedimentos metodológicos que orientaram o desenvolvimento do estudo, bem como descreve os procedimentos de coleta e análise de dados. Na seção 4, são apresentados os resultados e as análises. As conclusões são apresentadas na seção 5 para fins de obtenção do título de mestrado acadêmico.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Esta seção apresenta as definições dos constructos que permearam o desenvolvimento da pesquisa, sendo estes, os conceitos de Economia Criativa e Inovação Social, bem como seus desdobramentos.

2.1. ECONOMIA CRIATIVA

Não é difícil perceber que o modo de produção e consumo vem se modificando ao longo do tempo. Da Revolução Industrial aos tempos atuais, mudanças radicais podem ser notadas facilmente nas mais diversas esferas da sociedade (REIS, 2008; UNCTAD, 2018). Essa constatação não é apenas material, mas de comportamento, de práticas e preferências. De onde se emerge uma nova ordem, na qual o conhecimento e a criatividade suplantam a eficiência baseada na lógica matemática.

Mudanças econômicas, tecnológicas e sociais impactaram decisivamente o cenário da antiga indústria de massa, transformando-a fundamentalmente. Da tradicional automobilística ao audiovisual, tanto a oferta como a demanda parecem caminhar para uma cultura de consumo menos tangível e material, em que o acesso a bens e serviços substitui a necessidade de posse (REIS, 2008; UNCTAD, 2018).

A Economia Criativa e a Inovação Social dão lugar a um novo arquétipo socioeconômico, onde o conhecimento, a criatividade e a interação de redes têm o papel crucial de fomentar a inovação na modelagem de negócio, na introdução de novos processos organizacionais e na entrega de produtos e soluções adequados a essa realidade (REIS, 2008; UNCTAD, 2018).

Neste contexto, a criatividade ganha valor, transcende a perspectiva cognitiva do indivíduo e se estende como um estímulo para a dinâmica do capitalismo, como fator crítico de sucesso. Contudo, não há novidade no que se refere à criatividade e à economia, mas, sim, na forma como essas se relacionam e geram valor e riqueza ao serem conectadas (FURTADO, 1978; SCHUMPETER, 1997; HOWKINS, 2001).

Essa interação engendrou as indústrias criativas, surgidas na década de 1990 em resposta às transformações na socioeconomia global e deram origem a EC. Sustentada pelos pilares da singularidade, do simbólico e do intangível, o conceito em evolução de EC enfatiza a força da criatividade para o desenvolvimento da economia contemporânea, no qual o

crescimento econômico e cultural pode ocorrer simultaneamente, ao passo em que contribuem para o desenvolvimento sustentável das regiões e dos países (REIS, 2008; UNCTAD, 2010).

Mais tarde, mais precisamente no início do século XXI, surgiram discussões acerca do conceito de EC, a partir dos estudos publicados com ênfase nas indústrias criativas, nas características individuais e na capacitação dos trabalhadores inseridos no âmbito dessas indústrias (BENTLEY; SELTZER, 1999; CAVES, 2000; HOWKINS, 2001; FLORIDA, 2011). Todavia, apesar dos esforços teóricos, não existe consenso acerca da definição de EC, vindo a ser definida por diversos estudiosos da temática (HOWKINS, 2001; HARTLEY, 2005; TEPPER, 2002; REIS, 2006; MIGUEZ, 2007; UNCTAD, 2010).

A criatividade, admitida como recurso e capacidade, o uso extensivo de equipes polivalentes, a priorização por concepções simbólicas, estéticas e artísticas, bem como a utilização intensiva de novas tecnologias e a descentralização das atividades de produção, distribuição e consumo caracterizam o modo de produção dessa indústria e atribui mais condições de competição a pequenas empresas e comunidades.

No que diz respeito ao produto, têm-se como características distintivas a sua infinita variedade, pois não há limite de variação nas possibilidades de combinação e diferenciação e; quanto ao consumo, pressupõe-se uma nova classe de serviço, em que o cliente é agente ativo, influente e subjetivo na definição do valor, fato que gera instabilidade na demanda e promove um imperativo por inovação contínua.

Jonh Howkins (2001) publicou em seu livro, intitulado *The Creative Economy: How People Make Money From Ideas*, o conceito seminal de EC, o qual consiste em uma estratégia de desenvolvimento que envolve atividades econômicas, culturais e tecnológicas, na qual as transações que envolvem um bem ou serviço, resultante da criatividade, possuem valor econômico. Para o relatório da Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD) (acrônimo em inglês para *United Nations Conference on Trade and Development*), a EC é um conceito em construção fundamentado em ativos criativos capazes de gerar crescimento e desenvolvimento econômico (UNCTAD, 2018).

Segundo Duisenberg (2008), na EC os objetivos de mercado envolvem produtos e serviços criativos com valor cultural. De modo análogo, Miguez (2007) afirma que EC corresponde aos modelos de negócio que transacionam produtos e serviços desenvolvidos por meio da criatividade e do conhecimento.

Em outra definição, o relatório intitulado *BRA Research Division* considera EC aquelas atividades originadas na criatividade, na habilidade e no talento individual com potencial de geração de riqueza e criação de empregos (BRA, 2005). As atividades econômicas criativas

estão inseridas nos campos da arte, cultura, negócios e tecnologia e perpassam pelo ciclo de criação, produção e distribuição de bens e serviços que utilizam o conhecimento e a criatividade como os principais insumos (UNCTAD, 2010). A atividade envolve o poder público, o setor privado e a sociedade civil no processo em busca do desenvolvimento sustentável, baseado na criatividade e nos valores culturais intangíveis para gerar bens e serviços com valor simbólico e econômico e assim, distribuí-los mundialmente (REIS, 2006).

Essa nova economia transcende as fronteiras das artes, da conectividade e dos negócios (DCMS, 2008; UNCTAD, 2010), e tem se destacado como eixo estratégico de desenvolvimento, segundo discussões internacionais envolvendo a UNCTAD, a Organização Internacional do Trabalho (OIT), o Centro de Comércio Internacional (CCI), o PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento), a Organização Mundial de Propriedade Intelectual (OMPI) e a UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) (REIS FILHO, 2012).

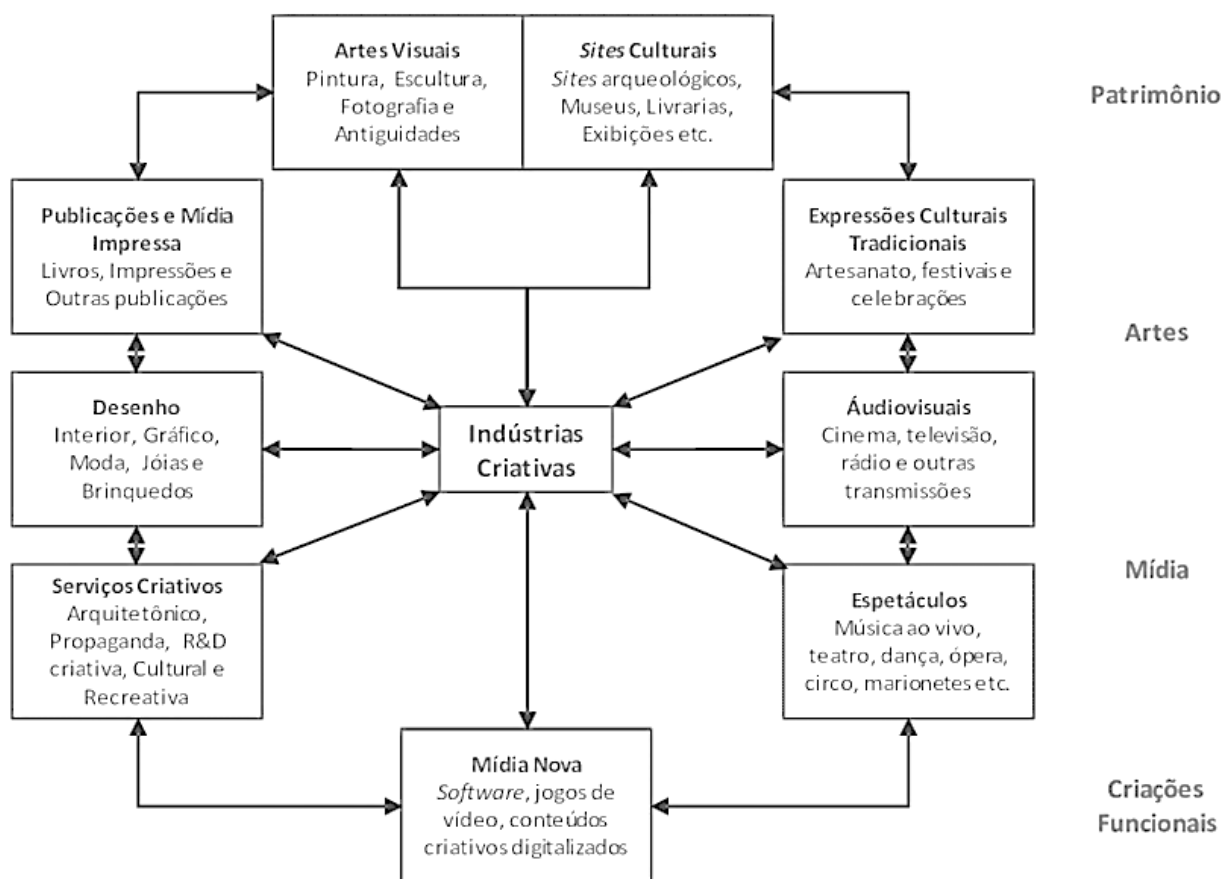
Sung (2015) acrescenta que a EC é uma ferramenta potencializadora de transformações mundiais. Por conseguinte, poderá se tornar a forma de produção predominante do século XXI, ao romper paradigmas e conceitos relacionados à economia da era industrial para uma economia baseada nos ativos pertencentes à determinada localidade, conectando ideias e talento (MASCÊNE; TEDESCHI, 2010; HOLLANDA, 2011; HOWKINS, 2011). Ademais, oferece suporte à política pública transversal ao interligar economia e cultura em benefício do desenvolvimento sustentável (REIS, 2006).

Em nível mundial, a Conferência das Nações Unidas sobre os Países Menos Avançados, ocorrida em 2001, da qual participaram 50 países com economias mais vulneráveis, destacou as iniciativas da EC como um meio de promover o desenvolvimento de países da África, América Latina, Ásia e Caribe por intermédio do aproveitamento integral do potencial cultural destes países (UNCTAD, 2010).

Posteriormente, a XI Conferência Ministerial da UNCTAD realizada na cidade de São Paulo, em 2004, introduziu a temática das indústrias criativas na agenda econômica e de desenvolvimento internacional com intuito de ampliar as discussões acerca do tema, bem como ampliar o escopo do conceito de criatividade. Neste contexto, a criatividade passou a ser considerada como toda atividade econômica que gera produto simbólico dependente de propriedade intelectual com objetivos mercadológicos (UNCTAD, 2010). A partir dessa conferência quadrienal, uma série de iniciativas surgiram com a finalidade de promover a EC no âmbito local e internacional.

A amplitude e a diversidade dos conceitos acerca da EC dificultam sua delimitação, visto que lida com a interação entre diversos atores, bem como engloba desde as atividades artesanais e audiovisuais até aquelas que envolvem o uso de tecnologias e novas mídias. De forma a facilitar a compreensão sobre a interação entre os setores, a EC pode ser dividida em nove indústrias criativas. A UNCTAD classificou as indústrias criativas em quatro categorias principais, a saber: (i) patrimônio cultural, (ii) artes, (iii) mídia e (iv) criações funcionais. Em sequência, essas categorias foram subdivididas em nove subgrupos, conforme apresentado na Figura 1.

Figura 1: Classificação das indústrias criativas



Fonte: UNCTAD (2010).

Segundo o relatório da UNCTAD, independente da definição e classificação adotada, a EC tem apresentado rápido crescimento entre os países. Reconhecidas como local de inovação e crescimento, as indústrias criativas contribuem significativamente para a economia nacional e global. Com isso, durante a última década a demanda global por bens criativos mostrou uma taxa de crescimento anual entre 5% e 10% em relação à economia total dos países, ao passo em que o mercado mundial de exportação de bens criativos passou de US\$ 208 bilhões em 2002

para US\$ 509 bilhões em 2015. Enquanto isso, as importações passaram de US\$ 227 bilhões em 2002 para US\$ 454 bilhões, com superávit comercial de US\$ 55 bilhões no mesmo período.

Estudos têm demonstrado uma crescente participação da EC em países desenvolvidos e em desenvolvimento (BENDASSOLLI *et al.*, 2009; DCMS, 2010). A EC é considerada propulsora de vantagem competitiva e um dos setores com maior índice de crescimento na economia mundial (WHITE *et al.*, 2014; SUNG, 2015). Contudo, de forma particular, cabe a cada país suas próprias definições, características e parâmetros acerca da EC, estas devendo ser guiados conforme sua identidade, objetivos e política econômica (REIS, 2008).

Nos países mais desenvolvidos, essa economia vem sendo utilizada como eixo estratégico de desenvolvimento e tem liderado o crescimento econômico, do comércio e do emprego. Com efeito, países como Alemanha, Bélgica, Estados Unidos, França, Holanda, Itália, Japão, Reino Unido, Suíça, Polônia e Japão ocupam lugar de destaque no ranking de exportação de bens criativos.

Cabe ressaltar que na Europa a EC apresentou um faturamento de US\$ 171 bilhões e doze milhões de novos empregos em 2015, isso representa um aumento em 12% na economia geral. Atualmente, estima-se que cerca de 2,6% do PIB da União Europeia provém das indústrias criativas, o que tornou o setor estratégico a ser priorizado na Agenda Europeia de 2020 (UNCTAD, 2010; UNCTAD, 2018).

Na Itália, as indústrias criativas representaram 9% do PIB, e gerou cerca de 2,5 milhões de novos empregos em 2004. No Canadá, o setor criativo apresentou um crescimento econômico de aproximadamente 6% e um PIB de 3,5% em 2007, sendo um motor de crescimento econômico e de vantagem competitiva, devido ao reconhecimento mundialmente de seu conteúdo criativo e das suas indústrias de alta qualidade.

No Reino Unido, estima-se que cerca de 4,5% de todos os bens e serviços exportados foram provenientes da indústria criativa, que gerou cerca de dois milhões de empregos criativos em 2008 (DUISENBERG, 2008; UNCTAD, 2010; UNCTAD, 2018). No mesmo período, a Alemanha com o PIB de 2,5% apresentou uma receita estimada em € 132 bilhões, e um milhão de empregos. Posteriormente, em 2014, as exportações de bens criativos do país chegaram a US\$ 29,1 bilhões e tornou as indústrias criativas um dos setores mais inovadores da economia alemã. Na Dinamarca, a EC representa 16% das exportações, 12% dos empregos e 5,3% do PIB; especificamente em 2014, as exportações de bens criativos dinamarqueses atingiram US\$ 3,7 bilhões. (DUISENBERG, 2008; UNCTAD, 2010; UNCTAD, 2018).

No que tange aos países em desenvolvimento, observou-se um aumento na participação destes no comércio de bens criativos durante o período de 2002 a 2015, superando as economias

mais desenvolvidas, destacando-se China, Cingapura, Filipinas, Índia, Malásia, México, Tailândia, Taiwan e Turquia. Na China, cerca de 6% do PIB foi proveniente das indústrias criativas e proporcionou ao país lugar de destaque mundial entre os maiores exportadores de produtos criativos, monetariamente equivalente a US\$ 168,5 bilhões em 2015. Outro caso é o México, onde o potencial criativo de serviços audiovisuais e de entretenimento foi responsável pela maior parte das exportações totalizando US\$ 80 milhões.

No tocante aos setores, o design, as artes visuais, o artesanato, as novas mídias e as publicações foram os que mais se destacaram no âmbito das exportações. Todavia, apesar do aumento na participação dos países no escopo da EC, a gestão da capacidade criativa a favor do desenvolvimento está aquém da capacidade produtiva cultural e dos recursos culturais existentes nos países, sobretudo aqueles emergentes.

Convém reconhecer que a EC despontou como um conjunto de atividades econômicas criativas imbricadas às artes, à cultura e a novas mídias, que demandam força de trabalho com habilidades especiais e está diretamente relacionada aos avanços tecnológicos e científicos, ao passo em que potencializa a geração de oportunidades para a comunidade, regiões e países.

2.1.1. Economia Criativa no Brasil

Diante do atual cenário econômico brasileiro, caracterizado por incertezas e crises econômicas, sociais e políticas, cabe à EC a capacidade de gerar ativos criativos e expandir as relações comerciais destes ativos, bem como fomentar a produção baseada no uso prioritário do talento e das habilidades dos indivíduos ou dos grupos, a fim de propiciar a geração de emprego, renda e desenvolvimento social e econômico (DUISENBERG, 2008; REIS, 2008; UNCTAD, 2018).

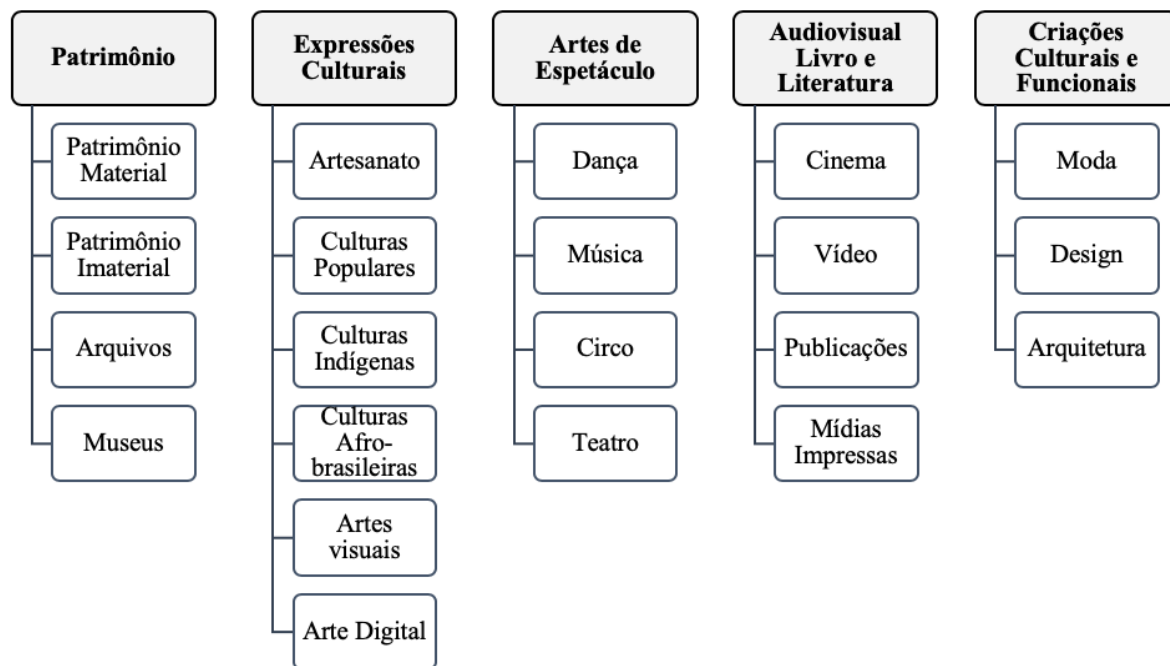
O avanço e consolidação da EC fundamenta-se na carga cultural e na diversidade de um país. Embora possua vasta e abundante diversidade cultural, o Brasil enfrenta desafios no que tange à escassez de dados e estudos empíricos voltados à temática, principalmente no que tange a análises setoriais.

No Brasil, discussões acerca da EC surgiram em 2004 durante a Conferência XI da UNCTAD, na sessão temática “*High Level Panel on Creative Industries and Development*”, e passou a ser inserida nas políticas governamentais brasileiras em 2011, após a instituição da Secretaria de Economia Criativa (SEC) vinculada ao Ministério da Cultura (MinC). A secretaria tem por finalidade formular, implementar e monitorar políticas públicas direcionadas ao desenvolvimento local, como também fomentar os empreendimentos criativos.

A SEC atribui às atividades criativas a capacidade de inovação, a inclusão social e produtiva, o aproveitamento da diversidade cultural e a sustentabilidade dessas atividades para as gerações futuras, por meio do ciclo de criação, produção, distribuição, circulação, disseminação e consumo de bens e serviços advindos de setores criativos (BRASIL, 2011).

O conjunto de setores e atividades criativas estimulam a geração de propriedade intelectual, trabalho, renda e desenvolvimento local, por meio da valorização das tradições, e do fomento a uma classe de trabalhadores e empreendedores inseridos na economia do conhecimento e da inovação (FREITAS DUARTE; SILVA, 2013). O escopo dos setores criativos brasileiro contempla setores culturais e de aplicabilidade funcional. A Figura 2 mostra a classificação dos setores criativos adotada pela SEC.

Figura 2: Escopo dos Setores Criativos no Brasil



Fonte: Adaptado de Brasil (2011).

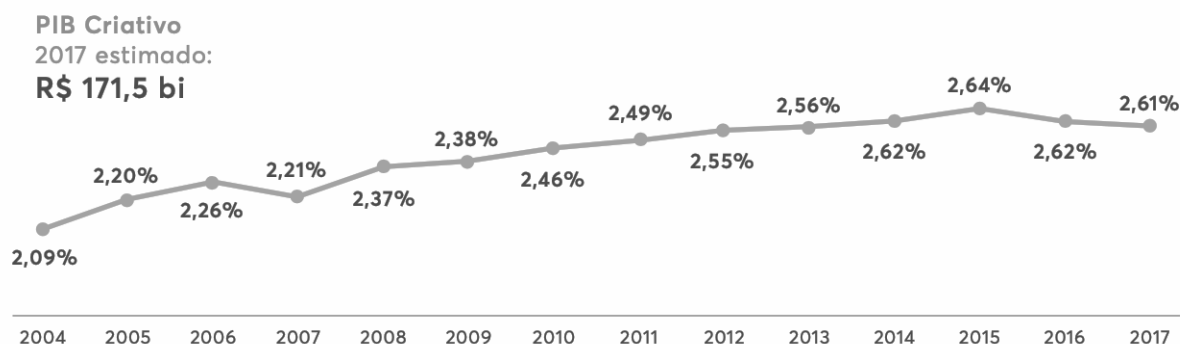
Conforme indicado na Figura 2, as atividades criativas brasileiras estão segmentadas em cinco amplas categorias, a saber: (i) Patrimônio; (ii) Expressões culturais; (iii) Artes de espetáculo; (iv) Audiovisual; e (v) Criações culturais e funcionais. A categorização possibilita a compreensão acerca do potencial de cada setor, bem como o seu comportamento em relação ao outro.

O Brasil é considerado um dos maiores mercados culturais do mundo. Estima-se que a cadeia criativa representa cerca de 18% do Produto Interno Bruto (PIB), o equivalente a R\$ 735 bilhões (FIRJAN, 2012a). Em 2014, as exportações de produtos criativos somaram US\$ 923,4

milhões, essas exportações tiveram como destino a África (9%), Ásia (4%), Europa (24%) e Estados Unidos (63%). O mercado criativo brasileiro teve como principais parceiros de exportação países como Angola, Chile, Estados Unidos, Peru e Reino Unido, com os quais o Brasil manteve a balança comercial positiva. Além disso, a indústria criativa brasileira gerou cerca de 11 milhões de empregos. No tocante aos serviços criativos, estes alcançaram US\$ 1.808 milhões em 2015 (UNCTAD, 2018).

Segundo a Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (Firjan) (2019), durante os últimos anos o PIB criativo se manteve estável em relação à economia geral. A Figura 3 mostra a participação do PIB criativo no PIB geral, entre o período de 2004 a 2017, no Brasil.

Figura 3: Participação do PIB criativo no PIB geral brasileiro



Fonte: FIRJAN (2019).

O crescimento ocorrido ao longo dos anos despertou no poder público o interesse para esta atividade econômica. Assim, foram desenvolvidos estudos e políticas públicas com o objetivo de identificar os desafios e soluções para viabilizar o crescimento desta área (DALLAS COSTA; SOUSA-SANTOS, 2011).

Apesar da retração em relação ao ano de 2015, em 2017 o PIB Criativo foi de aproximadamente 2,61%. em termos produtivos as atividades econômicas criativas movimentaram o equivalente a R\$ 171,5 bilhões, considerando toda a riqueza produzida no território nacional. Além disso, foram contabilizados 245 mil estabelecimentos e cerca de 837 mil profissionais criativos com vínculo empregatício demonstrando a relevância e a significativa contribuição da EC para a economia geral do país (FIRJAN, 2019). Entretanto, Duisenberg (2011) afirma que a EC brasileira está aquém da capacidade produtiva do país, assim, faz-se necessário compreender a amplitude e o potencial das oportunidades para o desenvolvimento desta.

Neste sentido, em meio a um cenário de avanços tecnológicos e disseminação da informação e do conhecimento, estes passaram a fazer parte das atividades e ações dos indivíduos, ao impulsionar a construção e a partilha de objetivos entre grupos sociais, tal como acontece nas cooperativas e associações de artesãos (MORIGI; ROCHA, 2007). Por fim, a identidade cultural de um país ou de um povo confere aos bens e serviços um caráter único. Neste sentido, dentre as atividades criativas das expressões culturais, especificamente o artesanato tem se destacado em relação as demais.

2.1.2. Indústria Criativa do Artesanato

A singularidade cultural de um povo pode ser demonstrada por meio de produtos criativos de valor econômico e social. Reconhecer a atividade artesanal sob o prisma da economia criativa evidencia o estabelecimento de uma nova relação entre artesãos, produto e cultura popular, como também um grande desafio para fortalecimento do setor.

Historicamente, o artesanato surgiu nos primórdios da humanidade, a partir da necessidade do homem em produzir artefatos de utilidade e uso comum no cotidiano. Contudo, com o passar dos anos a atividade artesanal deu espaço aos processos industriais manufatureiros. Paradoxalmente, no decorrer das últimas décadas, estes processos manufatureiros voltaram a ceder espaço para a produção artesanal, mediante um novo modelo produtivo criativo.

Define-se como artesanato todo artefato resultante da transformação de matéria-prima com predominância manual, envolvendo destreza, criatividade e valor cultural, podendo ter o auxílio limitado de utensílios, máquinas e ferramentas no processo da atividade produtiva (BRASIL, 2010; MASCÊNE; TEDESCHI, 2010).

Para melhor compreensão do setor é necessário segmentá-lo, conforme a origem da matéria-prima (animal, mineral, vegetal), sua utilização (natural, processada, reciclada) e destino. No Brasil, as principais matérias-primas utilizadas são: argila; pedra; fibras vegetais; palhas; madeira; sementes e cascas; fios; couro; metais; papel; entre outros (SEBRAE, 2010).

O artesanato carrega a exclusividade dos aspectos locais, das tradições, hábitos e do beneficiamento da matéria-prima disponível no território (SILVA, 2006; SANTOS, 2013). Sua inovação e tecnologia surgem da necessidade do aproveitamento de materiais, das ferramentas utilizadas e do método de trabalho (SEBRAE, 2014). Segundo o Programa do Artesanato Brasileiro (PAB) a atividade artesanal eleva o nível cultural, e socioeconômico do artesão, por

meio do uso das aptidões regionais, da preservação das culturas locais e do estímulo ao empreendedorismo (PARAÍBA, 2011).

A EC fomenta o mercado de produtos artesanais devido ao seu valor histórico e cultural, uma vez que as manifestações artísticas de um povo atribuem aos objetos características locais. O artesanato é, sobretudo, a expressão da criatividade de um artesão. É intrínseco ao ser humano a capacidade de transformar experiências em informações, símbolos, narrativas escritas, orais e visuais que reforçam sua identidade cultural. Para Coutinho *et al.*, (2007), a identidade de um país pode ser, em parte, construída e mensurada por meio de bens e serviços industriais ou artesanais.

O artesanato expressa a vida e a cultura, por meio da arte indígena, do folclore, das tradições e manifestações populares, e permite a um grupo a condição de ser inigualável, mesmo que esta prática seja realizada como meio de sustentação, atividade laboral ou ocupacional (MARINHO, 2007). Mascêne e Tedeschi (2010) definem artesanato como todo artefato originado a partir de atividade produtiva manual, na qual são utilizados meios rudimentares ou tradicionais, envolvendo habilidade e criatividade.

Ao longo das gerações, foi atribuído ao artesanato o papel de resgatar e promover a identidade e os valores de um povo, e de potencializar a geração de trabalho e renda. Todavia, na grande maioria dos casos, a atividade é desenvolvida por populações menos favorecidas, mulheres e idosos em meio a um setor de informalidade e desvalorização.

Não obstante as dificuldades, o artesanato é o principal produto de exportação das indústrias criativas e um dos setores mais relevantes para o aumento do nível de exportação dos países (DUISENBERG, 2008).

O reconhecimento da importância econômica do artesanato deu-se por meio da criação do Programa do Artesanato Brasileiro (PAB) vinculado ao Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior por meio do Decreto nº 1.508, de 31 de maio de 1995, pelo governo federal com a finalidade de estabelecer diretrizes e políticas para o desenvolvimento e promoção da prática artesanal, ao passo em que busca coordenar e desenvolver atividades direcionadas à valorização cultural, profissional e socioeconômica do artesão brasileiro (BRASIL, 1995; PARAÍBA, 2011). Por sua vez, essa passou a ser reconhecida como atividade profissional por meio da promulgação da Lei nº 13.180 em 22 outubro de 2015. (MARQUESAN; FIGUEIREDO, 2014).

Estima-se que em 2015 o comércio internacional de artesanato gerou US\$ 35 bilhões e apresentou uma taxa média de crescimento anual de 4,2%. Os principais exportadores desta indústria criativa neste período foram: Bélgica; Estados Unidos; Alemanha; Holanda; Itália;

França; Polônia; Espanha; China; Turquia; Hong Kong; Índia; México; Taiwan; Paquistão; Arábia Saudita; El Salvador; e Brasil (CHAUDHRY, 2018; UNCTAD, 2018).

No Brasil, a atividade artesanal está presente em todas as regiões e aproximadamente 80% dos municípios brasileiros possuem algum tipo de produção artesanal. Revestida de diversidade, cultura, modo de vida, técnicas e matérias-primas locais, a atividade possui referências regionais que permitem a produção de artefatos diferenciados que retratam a história de quem os produz (SEBRAE, 2004; DINIZ; DINIZ, 2007). No que tange aos artesãos, estima-se que cerca de 10 milhões de pessoas vivem dos recursos obtidos por meio do artesanato, e juntos movimentam aproximadamente R\$ 52 bilhões por ano (IBGE, 2017).

O tipo de artesanato produzido em cada região diferencia-se pela disponibilidade de matéria-prima local, bem como pelas características intrínsecas em cada comunidade e realidade social. De acordo com o SEBRAE (2010), o artesanato pode ser classificado em função da matéria-prima utilizada e de seu estado, conforme mostra a Figura 4.

Figura 4: Classificação do Artesanato Brasileiro

MATÉRIA-PRIMA	MINERAL		VEGETAL		ANIMAL		MINERAL + VEGETAL + ANIMAL			
NATURAL	ARGILA	CERÂMICA	FIBRAS	TAPEÇARIA	COURO	SAPATARIA/ CALÇADOS				
		PORCELANA		CESTARIA		SELARIA				
		MOSAICOS		MOVELARIA		MALAS				
	PEDRA	SANTERIA	MADEIRA	MARCHETARIA	CHIFRE E OSSO	PRÁTICAS DIVERSAS				
		JOALHERIA		LUTHERIA		CONCHAS E CORAIS	ENTALHES E ESCULTURAS			
		MOVELARIA		CARPINTARIA NAVAL	LÃ		TECELAGEM			
		CANTARIA		MARCNARIA		PENAS E PLUMAS	PRÁTICAS DIVERSAS			
			CASCAS E SEMENTES	PRÁTICAS DIVERSAS						
	PROCESSADA	METAIS	FERRARIA/ FERRAMENTAS	FIO	TECELAGEM	COURO	CALÇADOS	CERA	MODELAGEM	
			UTENSÍLIOS		RENDAS		SELARIA		COURO SINTÉTICO	CALÇADOS
JOALHERIA			BORDADOS		MALAS		CONFEÇÃO DE BOLSAS E ACESSÓRIOS			
SERRALHERIA					FIO DE SEDA	TECELAGEM	MASSA	MODELAGEM		
		TECIDO	BORDADO							
		VIDRO	VITRAIS	BORRACHA	LÃ	TECELAGEM	PARAFINA	MODELAGEM		
		MOSAICOS	PRÁTICAS DIVERSAS							
		EMBALAGENS								
		GESSO	MODELAGEM							
		PARAFINA	MODELAGEM							
REICLÁVEL/ REAPROVEITÁVEL	METAIS	FERRAMENTAS	MADEIRA	MARCHETARIA	COURO	PRÁTICAS DIVERSAS	COURO SINTÉTICO	CALÇADOS		
		UTENSÍLIOS		MARCNARIA		TECELAGEM		COSTURA / CONFEÇÃO DE BOLSAS E ACESSÓRIOS		
		JOALHERIA	ESCULTURA	LÃ	TAPEÇARIA					
		SERRALHERIA			BORDADOS					
			VIDRO	VITRAIS						
			MOSAICOS							
			EMBALAGENS							
		PLÁSTICO	TECIDO	COSTURA						
				BORDADOS						
				FUXICO						

Fonte: SEBRAE (2010).

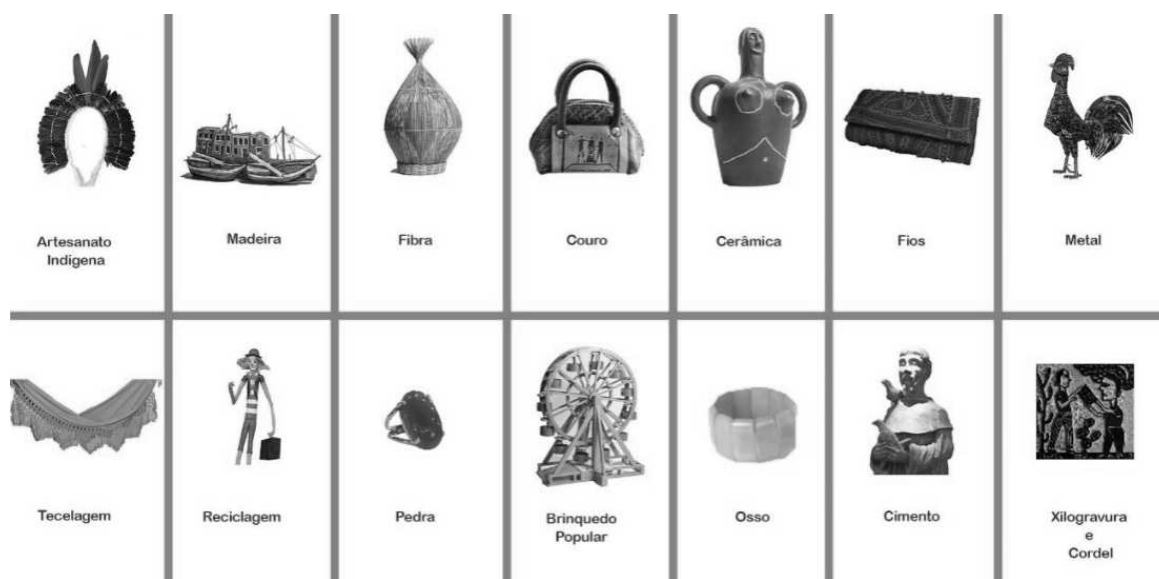
No tocante à região Nordeste, as matérias-primas são encontradas em abundância, resultado das condições naturais da região, rica em algodão, barro, couro, fios, madeira entre outros. A partir destas matérias-primas são produzidos acessórios de vestuário, brinquedos, calçados, esculturas, imagens sacras, instrumentos musicais, jarros, mobiliário, tapetes, renda, entre outros.

Cabe ressaltar que o Nordeste tem se destacado no cenário nacional devido a sua diversidade, tradição cultural e turística expressas na atividade artesanal. (SANTOS, 2007; SEBRAE, 2008). Vainsencher (2007) acrescenta que o artesanato nordestino deixou de ser obra de arte e passou a ser atrativo local rico em origem cultural. Estima-se que a atividade esteja presente em cerca de 600 municípios e conte com aproximadamente 3,3 milhões de artesãos (SEBRAE, 2014).

Especificamente no estado da Paraíba, o artesanato ganhou força por meio do decreto estadual 24.647/2003 de 01 de dezembro de 2003, posteriormente alterado pelo decreto 32.186, de 09 de junho de 2011, que instituiu o Programa de Artesanato da Paraíba (PAP), ligado à Secretaria de Estado do Turismo e Desenvolvimento Econômico (SETDE) e ao PAB com o objetivo de gerir as políticas públicas voltadas à atividade, bem como estimular a arte popular paraibana por meio da geração de renda, valorização das tradições culturais, desenvolvimento e capacitação do artesãos, e fomentar o comércio dos produtos artesanais (PARAÍBA, 2011; SOBRINHO, 2014).

No estado, a atividade está presente em aproximadamente 85% dos municípios, e sua produção artesanal apresenta características heterogêneas influenciada pelas raízes históricas de povos africanos, europeus e indígenas (CHAUDHRY, 2018). De acordo com a classificação do PAP, o setor artesanal pode ser tipificado como indígena, brinquedo popular, cerâmica, couro, fibra, fios, madeira, metal, pedra e tecelagem, conforme mostra a Figura 5.

Figura 5: Tipologia do Artesanato Paraibano



Fonte: Paraíba (2011).

Ao considerar a subdivisão do estado em macrorregiões, compreende-se que cada uma dessas possui características próprias e riqueza material diversificada. O Quadro 1 mostra a divisão das atividades artesanais, segundo a região onde essa é desenvolvida.

Quadro 1: Divisão das macrorregiões do Estado da Paraíba e a relação com o artesanato.

Macrorregião	Características Geográficas	Matéria-prima/ Artefato
Agreste	Situada entre a zona da mata e a região do sertão. Caracterizada por clima semiárido, contudo, o percentual de chuvas na região é maior do que em regiões como Borborema e sertão. A economia é formada por cana-de-açúcar, algodão, sisal, pecuária.	<ul style="list-style-type: none"> • Rendas • Fios • Tecelagens • Couro • Madeira • Brinquedos
Borborema	Situada entre o sertão e o agreste, as chuvas são mais escassas nesta região, com maior potencial de secas do estado. Sua economia é formada pelo algodão, extração mineral, sisal, pecuária de caprinos.	<ul style="list-style-type: none"> • Rendas • Couro • Madeira
Mata Paraibana	Caracterizada por clima úmido, acompanha o litoral. A mata foi substituída pela cana-de-açúcar. Esta região é a mais urbanizada e povoada do estado.	<ul style="list-style-type: none"> • Mariscos • Ossos • Cerâmica • Fibras • Coco • Bordado
Sertão	Caracterizada pela vegetação da caatinga, de clima seco e rios temporários, com pecuária extensiva de corte e cultivo do algodão, principal produto da região.	<ul style="list-style-type: none"> • Barro • Madeira • Fibras • Fios

Fonte: Paraíba (2011).

Além da disponibilidade de materias, a produção artesanal também se diferencia uma das outras conforme as habilidades e tradições de cada município. Tradicionalmente, o artesanato é caracterizado pela produção familiar e está interligado ao modo de vida da comunidade local. Essa atividade aproveita as potencialidades locais, fortalece as relações sociais e contribui para a transformação da qualidade de vida dos indivíduos, por meio da produção e comercialização dos bens criativos.

A seção a seguir busca elucidar os conceitos relacionados ao constructo da Inovação Social, a partir do qual foi identificado o modelo, bem como as dimensões de análise de uma IS que permitirão a análise das práticas da Economia Criativa na perspectiva da Inovação Social e as suas contribuições para o desenvolvimento de uma comunidade rural no município de Esperança, juntamente com os conceitos pertinentes à Economia Criativa.

2.2 INOVAÇÃO SOCIAL

As Inovações Sociais dizem respeito à introdução de novas práticas, que são empreendidas com a finalidade de promover o desenvolvimento humano, social, econômico, político e cultural, por meio da implementação de novas estratégias de inclusão produtiva para solucionar ou responder a problemas e necessidades de determinadas comunidades ou regiões, e se manifestam para além do convencional através de iniciativas coletivas, autênticas e criativas, tendo como valores fundamentais o protagonismo dos atores locais, o engajamento, a participação e a cooperação social.

Inicialmente, o termo inovação surge a partir da dinâmica da ‘destruição criativa’, na qual Shumpeter defende a necessidade de se destruir o velho para construir o novo como meio para se atingir novos mercados e manter o desenvolvimento econômico (SCHUMPETER, 1961). De modo análogo, ainda na década de 60, Schumpeter abordou indiretamente em suas teorias a inovação social como um dos meios de garantir eficácia econômica em paralelo à inovação tecnológica (MOULAERT *et al.*, 2005).

Todavia, o termo Inovação Social (IS) foi utilizado pela primeira vez por James B. Taylor na década de 1970. Esse autor formulou o conceito seminal da IS como sendo a busca de repostas para necessidades sociais básicas por meio de uma invenção social ou organização social (CLOUTIER, 2003). Redirecionando o foco especificamente para o campo social, Taylor induz uma diferenciação importante sobre o entendimento do conceito de inovação, como era compreendida até então.

Posteriormente, após a década de 1990, os estudos a respeito da temática foram intensificados e sugeriram o posicionamento do conceito de IS em contraste com políticas de inovação e a visão tecnológica da economia. Estudos desmonstraram que as inovações sociais e as tecnológicas estão em lados opostos, e se diferenciam uma da outra quanto a seus produtos, formas de colaboração e relações.

Neste sentido, enquanto a inovação tecnológica tem por finalidade a apropriação de valor em virtude de interesses individuais e privados, orientados pela busca de vantagem competitiva, a IS busca a criação de valor em virtudes dos interesses de grupos sociais e da comunidade, a fim de resolver problemas sociais por meio da cooperação estabelecida a partir de esforços locais (ANDRÉ; ABREU, 2006; GOLDSMITH, 2010; MURRAY *et al.*, 2010; BIGNETTI, 2011; CANESTRINO; BONFANTI; OLIAEE, 2015; VAN DER HAVE; RUBALCABA, 2016; MIRVIS *et al.*, 2016; EICHLER; SCHWARZ, 2019). Cabe ressaltar que

apesar das divergências, as inovações tecnológicas podem ser de caráter social e contribuir para o desenvolvimento das inovações sociais (OSSANI, 2013).

O surgimento de demandas sociais não atendidas pelo governo ou pelo mercado concedeu à IS um lugar de destaque no cenário mundial (MURRAY *et al.*, 2010; MOULAERT *et al.*, 2013; CANESTRINO *et al.*, 2015; OLIVEIRA *et al.*, 2015; AVELINO *et al.*, 2019; EICHLER; SCHWARZ, 2019; DIONISIO; VARGAS, 2020). Por se tratar de um fenômeno recente e complexo, a IS continua a despertar o interesse de pesquisadores e teóricos na busca da compreensão, definição e formulação de políticas de IS, assim, diversos outros conceitos foram atribuídos à IS (MOULAERT *et al.*, 2005; MULGAN, 2006; CORREIA, 2015; CORREIA; OLIVEIRA; GOMEZ, 2016; VOLTAN; DE FUENTES, 2016; PATIAS *et al.*, 2017).

As inovações sociais são benéficas para a sociedade, ao passo em que contribuem para o aumento da sua capacidade de agir da sociedade, por meio de novas ideias (produtos, serviços, modelos) que satisfazem necessidades sociais e estabelecem novas relações ou colaborações sociais simultaneamente, conduzindo ao empoderamento dos indivíduos e das relações entre os seres humanos e grupos sociais (MULGAN, 2010, EUROPEAN COMMISSION, 2013; DEFOURNY; NYSSSENS, 2013).

De acordo com Bignetti (2011) a IS não pode ser considerada um campo de conhecimento sólido, devido à pluralidade de abordagens e metodologias. Assim, o Quadro 2 apresenta algumas abordagens e definições a respeito da IS compilados a partir da revisão da literatura.

Quadro 2: Conceitos de Inovação Social.

Autor	Conceito
Lévesque (2002)	Consiste na inovação realizada pela associação e mobilização de pessoas cujo objetivo visa resolver necessidades e aspirações não atendidas pelo Estado e/ou mercado.
Mumford (2002)	Criação e implementação de novas ideias a cerca de relacionamentos sociais e organizações sociais para atingir objetivos comuns, bem como pode envolver a criação de novas tipologias de instituições sociais, movimentos sociais ou novas ideias sobre o governo.
Nilsson (2003)	Representa uma mudança criativa e sustentável no modo como determinada sociedade lida com um problema, como pobreza, doença, violência ou deterioração ambiental.
Novy e Leubolt (2005)	Busca a participação política de grupos marginalizados, o aumento da capacidade sociopolítica e o acesso a recursos necessários para reforçar direitos que conduzam à satisfação das necessidades básicas e a participação dos indivíduos.

Fonte: Elaboração própria (2021).

(Continua)

Autor	Conceito
Tardiff e Harrisson (2005)	A inovação social se fundamenta por meio de 05 dimensões: transformação, caráter inovador, inovação, atores e processos.
Rodrigues (2007)	Trata de uma nova forma de fazer as coisas, a partir da interação entre diferentes atores, diferentes experiências e a troca de papéis sociais.
Phills <i>et al.</i> (2008)	Procura uma nova solução para um problema social de forma efetiva, eficiente, justa ou sustentável na qual o valor criado atinge a sociedade como todo e não indivíduos isolados.
Pol e Ville (2009)	Conceitua IS como novas ideias com objetivos sociais, que têm o potencial de melhorar a qualidade ou a quantidade da vida.
Howaldt e Schwarz (2010)	Uma nova configuração de práticas sociais em determinadas áreas de ação ou contexto social promovidas por determinados atores com o objetivo de satisfazer ou responder às necessidades e problemas da sociedade.
Morales (2010)	Ações que resultam na criação de soluções originais, que beneficiam a sociedade como um todo, contribuindo para o seu desenvolvimento sustentável, seja em termos sociais, ambientais ou econômicos. Onde problemas sociais não podem ser entendidos e nem resolvidos sem a participação do setor público, privado e terceiro setor.
<i>Bureau of European Policy Advisor</i> (BEPA, 2011)	Uma inovação social pode ser definida como o desenvolvimento e implementação de qualquer nova prática, processo, produto ou abordagem desenvolvida com a finalidade de atender demandas sociais, resolver um problema social ou melhorar determinada situação, como também, criam novas relações sociais.
Klein <i>et al.</i> (2012)	Sugere a implementação de novos arranjos sociais e institucionais, novas formas de mobilização de recursos, novas respostas a problemas para os quais as soluções disponíveis se mostraram inadequadas ou novas aspirações sociais.
CRISES (2013)	A inovação social é uma intervenção iniciada por atores sociais para atender a uma aspiração, atender a uma necessidade, uma solução ou desfrutar de uma ação de oportunidade para mudar as relações sociais, para transformar um quadro ou propor novas orientações culturais.
Moulaert <i>et al.</i> (2013)	Soluções progressivas para toda uma gama de problemas de exclusão, privação, alienação, falta de bem-estar e também para aquelas ações que contribuem positivamente para o progresso e desenvolvimento humano significativo.
Center for Social Innovation (CSISU, 2015)	Representa uma nova solução para um problema social de forma mais eficaz, eficiente e sustentável que as soluções atuais e cria valor para a sociedade como um todo.

Fonte: Elaboração própria (2021).

(Continua)

Autor	Conceito
Correia (2015)	Inovação Social refere-se as iniciativas definidas como processos desenvolvidos por atividades coletivas que tem por objetivo atender às necessidades sociais, difundidos através de atores para gerar ganhos e resposta social.
Howaldt, Kopp e Schwarz (2015)	Compreende um conjunto de estratégias, conceitos, ideias e formas organizacionais que busca fortalecer o papel da sociedade civil em resposta necessidades sociais (saúde, educação, cultura, entre outros), e que busca responder aos problemas coletivos, e as demandas sociais de uma forma mais eficaz do que as práticas existentes
Borges (2017)	Consiste na geração ou combinação de novos conhecimentos, por meio de um processo coordenado, intencional, sistemático e planejado a partir da colaboração e do compartilhamento de conhecimento entre diversos agentes, que visa a mudança social, sustentável e benéfica para a coletividade.
Castro-Arce, Parra e Vanclay (2019)	Uma IS pode ser definida como uma mudança nas relações sociais, nos arranjos políticos ou processo de governança que possuía a capacidade de conduzir melhorias em um sistema social.
Fuso Nerini et al. (2019)	Uma IS possui ao menos dois elementos centrais, as saber: (i) capacidade de alterar relações sociais, estruturas ou sistemas e, (ii) essa mudança deve satisfazer uma necessidade compartilhada ou atender a um problema relevante.
Castro-Arce e Vanclay (2020)	Se trata da renovação, criação ou transformação de relações sociais no desenvolvimento de novas formas de trabalhar em conjunto para alcançar objetivos sociais. Consiste em uma resposta adaptativa do sistema (crise, conflito) que promove mudanças no sistema.
CRISES (2021)	Criação de novos arranjos sociais, institucionais, organizacionais ou novos produtos e serviços que possuem meta social explícita, resultante de uma iniciativa individual, ou de um grupo de indivíduos de forma voluntaria ou não, que busque atender a uma necessidade, responder a uma aspiração, oferecer uma solução para um problema ou aproveitar uma oportunidade de ação para mudar as relações sociais, transformar um quadro ou propor novas orientações culturais.

Fonte: Elaboração própria (2021).

A partir da análise dos conceitos atribuídos à IS, esses desmonstram a evolução, interdisciplinaridade e abrangência da temática, convergindo especialmente no tocante ao papel dos atores sociais frente ao desenvolvimento de soluções para a resolução de problemas sociais e para o desenvolvimento dos indivíduos.

Neste sentido, as reestruturações sociais e econômicas surgem das demandas da sociedade por meio de iniciativas coletivas sob a perspectiva *bottom-up*. Entretanto, os

discursos construídos ao longo do tempo apresentam divergências no que se trata da participação dos setores público e privado no processo de desenvolvimento da IS.

Segundo Ruiz (2012), a prática da IS estimula a produtividade, o aproveitamento de recursos, e a formação do capital social em favor do desenvolvimento econômico a partir da participação dos cidadãos.

A partir das definições apresentadas no Quadro 2, acima, é possível identificar alguns aspectos comuns aplicados ao conceito de IS como: a percepção da existência ou reconhecimento de uma situação problemática, a integração e a participação coletiva, o desenvolvimento de uma ação conjunta, a busca de mudança pautada na concepção de um processo original, baseado em objetivos sociais voltados à comunidade e com foco em resultado, dispostas no Quadro 3.

Quadro 3: Síntese Conceitual

Aspectos	Características
Situação Problemática	Contexto de vulnerabilidade e risco, caracterizado em geral por: baixa renda; desemprego; insegurança; violência; exclusão; entre outras restrições sociais, econômicas e culturais.
Integração e Participação Coletiva	Engajamento dos atores locais como uma reação de integração ao contexto apresentado, requer interação e participação, visando empoderamento e confiança.
Ação Conjunta	Pressupõe a superação de interesses individuais em favor da cooperação, da participação de diferentes atores, afim de reconfigurar os arranjos institucionais e a representação local.
Busca de Mudança	Subentende-se que as soluções convencionais são ineficazes e não atendem as necessidades vigentes, demandando soluções autênticas, criativas e, portanto, novas estratégias.
Objetivos Sociais	Norteados pela comunidade, busca como resultado a superação ao contexto, visando o desenvolvimento humano, o bem-estar e a qualidade de vida.

Fonte: Elaboração própria (2020).

Outras definições compreendem a IS como novas ideias que buscam criar valor social e resolver problemas sociais, desenvolvem e aplicam novas atividades, iniciativas, produtos, serviços ou processos com intuito de responder aos desafios socioeconômicos enfrentados pelos indivíduos, a partir da criação de novas relações ou colaborações sociais (GOLDENBERG, 2004; MURRAY *et al.*, 2010; BUCKLAND; MURILLO, 2014).

A criação de valor social e econômico criado por meio da introdução de novos produtos, serviços ou processos a ser compartilhado entre os indivíduos envolvidos demonstra outra perspectiva emergente acerca da IS (DEMBEK; SINGH; BHAKOO, 2016; PĂUNESCU, 2014; VAN DER HAVE; RUBALCABA, 2016). Para Dees (1998), criar valor social envolve viabilizar o acesso a serviços essenciais, à emprego, à água potável e à inclusão social.

De acordo com Pue *et al.* (2016), IS engloba o surgimento e a definição de estratégias sociais criativas que reconfiguram as relações sociais em busca de um objetivo social. Nesta perspectiva, a IS consiste na aplicação da criatividade e do conhecimento em ações desenvolvidas por meio da cooperação de atores a fim de gerar soluções duradouras para problemas sociais (BIGNETTI, 2011; OLIVEIRA; BREDÁ-VÁZQUES, 2012).

Outrossim, a IS pode ser observada sob duas perspectivas, como processo ou como resultado. No que concerne a processo, este se refere à forma como as transformações sociais são criadas e implementadas, a partir da cooperação entre os atores em busca de benefícios sociais. Na perspectiva de resultado, se refere à legitimação de novas estruturas de trabalho, práticas, conhecimento e tecnologia para melhorar a qualidade de vida dos indivíduos (CAJAIBA-SANTANA, 2014; JOÃO, 2014; SOUZA; SILVA FILHO, 2014). Contudo, alguns estudos compreendem a inovação social como uma combinação entre processo e resultado (MURRAY *et al.*, 2010; CAULIER-GRICE *et al.*, 2012; CORREIA, 2015).

Frente à pluralidade de conceitos e discussões que tratam sobre IS, optou-se para esta pesquisa adotar o conceito desenvolvido pelo *Centre de Recherchesur lês Innovations Sociales* (CRISES) (2013), segundo o qual uma inovação social pode ser compreendida como uma intervenção iniciada por atores sociais com o intuito de atender a uma necessidade, aspiração ou propor uma solução a partir da percepção de uma oportunidade, capaz de mudar as relações sociais, transformar uma realidade ou sugerir novas orientações culturais.

Tardif e Harrisson (2005), ao analisarem os trabalhos desenvolvidos no âmbito do CRISES, identificaram conceitos fundamentais para a definição de uma IS e das transformações sociais, a saber: i) novidade, caráter inovador; ii) processo; iii) objetivo; iv) relações entre atores e estruturas; v) relações entre atores; e, vi) restrições. A partir desses seis elementos de

definição, os autores supracitados propuseram cinco dimensões de inovação social, a saber: transformações; caráter inovador; inovação; atores; e processos.

O estudo desenvolvido por Tardif e Harrisson (2005) trata-se de uma das principais referências que tratam sobre IS e tem sido amplamente debatido e replicado (GOMÉZ *et al.*, 2015). Neste estudo, Tardif e Harrisson (2005) sustentam todo o processo de inicialização de uma inovação social, o contexto motivador, bem como a avaliação das ações realizadas, em um processo contínuo de melhoramento das práticas, ao considerar os objetivos sociais estabelecidos (SOUZA; SILVA FILHO, 2014).

Em síntese, a teoria da IS demonstra suas inquietações em relação aos problemas sociais, bem como a forma como estes podem ser minimizados a partir de transformações sociais. Na seção a seguir serão aprofundadas as discussões acerca das dimensões de análise de uma IS.

2.2.1 Dimensões de análise da Inovação Social

O empenho de atores ou grupos sociais inter-relacionados e envolvidos em ações cooperativas com a finalidade de transformar uma comunidade, por meio da melhoria da qualidade de vida, geração de trabalho e renda e desenvolvimento socioeconômico pode ser compreendida como uma inovação social. Contudo, a diversidade de conceitos e características inculcadas às inovações sociais dificultam as análises destas.

De modo a contribuir com a identificação e possibilitar a análise de uma IS, Tardif e Harrisson (2005) desenvolveram um modelo no qual foi verificado que uma IS que tem por objetivo a geração de transformações em uma realidade social deve ser guiada por conceitos fundamentais, conforme demonstrado no Quadro 4 e que foram utilizadas neste estudo.

Quadro 4: Dimensões de análise de uma Inovação Social.

Transformações	Caráter inovador	Inovação	Atores	Processo
<p>Contexto macro/micro</p> <ul style="list-style-type: none"> • Crise • Ruptura • Descontinuidade • Modificações estruturais 	<p>Modelo</p> <ul style="list-style-type: none"> • De trabalho • Desenvolvimento • De Governança • Quebec 	<p>Escala</p> <ul style="list-style-type: none"> • Local 	<p>Sociais</p> <ul style="list-style-type: none"> • Movimentos cooperativos/ comunitários/ associativas • Sociedade civil • Sindicatos 	<p>Modo de coordenação</p> <ul style="list-style-type: none"> • Avaliação • Participação • Mobilização • Aprendizagem
<p>Contexto Econômico</p> <ul style="list-style-type: none"> • Emergência • Adaptação • Relações do trabalho/ produção e consumo 	<p>Economia</p> <ul style="list-style-type: none"> • Do saber/ conhecimento • Mista • Social 	<p>Tipos</p> <ul style="list-style-type: none"> • Técnica • Sociotécnica • Social • Organizacional • Institucional 	<p>Organizações</p> <ul style="list-style-type: none"> • Empresas • Organizações economia social • Organizações coletivas • Destinatários 	<p>Meios</p> <ul style="list-style-type: none"> • Parcerias • Integração • Negociação • <i>Empowerment</i> • Difusão
<p>Contexto Social</p> <ul style="list-style-type: none"> • Recomposição • Reconstrução • Exclusão/ marginalização • Prática • Mudança • Relações sociais 	<p>Ação social</p> <ul style="list-style-type: none"> • Tentativas • Experimentos • Políticas • Programas • Arranjos institucionais • Regulamentação social 	<p>Finalidade</p> <ul style="list-style-type: none"> • Bem comum • Interesse geral • Interesse coletivo • Cooperação 	<p>Instituições</p> <ul style="list-style-type: none"> • Estado • Identidade • Valores/ normas <p>Intermediários</p> <ul style="list-style-type: none"> • Comitês • Redes sociais/ de alianças/ de inovação 	<p>Restrições</p> <ul style="list-style-type: none"> • Complexidade • Incerteza • Resistência • Tensão • Compromisso • Rigidez institucional

Fonte: Tardif e Harrisson (2005).

O modelo surgiu após uma análise de 49 estudos acerca da IS desenvolvidos no Canadá, no âmbito do CRISES, uma organização interuniversitária e pluridisciplinar que reúne aproximadamente 60 pesquisadores, intitulado Enciclopédia Conceitual de Inovação do CRISES, a partir de três eixos orientadores, a saber: (i) trabalho e emprego; (ii) condições de vida; (iii) território. (TARDIF; HARRISSON, 2005; MAURER, 2011).

No tocante ao eixo do trabalho e emprego, esse enfatizou os estudos sobre a organização do trabalho, regulamentação do emprego, governança corporativa e a economia do conhecimento. O eixo das condições de vida envolveu estudos relacionados a políticas públicas e movimentos sociais, incluiu questões sobre habitação social e comunitária, ambiente familiar, bem-estar, inclusão social e profissional, saúde, pobreza, segurança. No eixo território, os estudos analisaram os ambientes inovadores, os papéis dos atores sociais, as práticas inovadoras, as redes de cooperação, a revitalização urbana e rural, as relações entre parceiros, identidades e empresas no contexto de desenvolvimento social e econômico (CRISES, 2013).

A análise dos eixos orientadores propostos por Tardif e Harrisson (2005) permitiu a identificação de cinco dimensões de análise e seus respectivos conceitos-chave a saber: (a) Transformações; (b) Caráter inovador; (c) Inovação; (d) Atores e; (e) Processo.

A dimensão “Transformações” consiste em um conjunto de oportunidades e limitações que impulsionam os atores a redefinirem o sistema de ação e motiva a criação de inovações sociais (TARDIF; HARRISSON, 2005). As transformações sociais podem orientar o desenvolvimento de novas práticas sociais e culturais, propiciando inclusão social, emancipação, empoderamento e geração de novas expectativas de vida para o indivíduo e para a comunidade, ao passo em que estes participam civicamente na sociedade, buscam equidade, bem-estar e melhoria das condições de vida, melhorias individuais e territoriais. (CLOUTIER, 2003; MULGAN *et. al.*, 2007; HOWALDT; SCHQARZ, 2010; BOUCHARD, 2012; GREGOIRE, 2016; HOWALDT; SCHQARZ, 2016; NUNES *et al.*, 2017). Para Tardif e Harrison (2005) a dimensão Transformações busca compreender as mudanças ocorridas na localidade, região ou país devido às crises e rupturas como também considera aspectos sociais e econômicos que provocaram o surgimento da IS.

A dimensão “Caráter Inovador” consiste na ação social, iniciada pelos atores, que motiva a busca por soluções inovadoras para os problemas existentes. Esta dimensão é restrita à escala local, tem por finalidade o bem comum e objetiva o atendimento das necessidades individuais e coletivas dos indivíduos, por meio de sistemas de cooperação entre os atores da sociedade civil (TARDIF; HARRISSON, 2005). Refere-se ao tipo de inovação e sua forma de implementação, que pode ser técnica, por meio do uso da tecnologia para a promoção de melhorias; sociotécnica, a qual envolve interesse organizacional e reivindicações sociais; social, formulada e desenvolvida pela sociedade civil; organizacional, desenvolvida pelas organizações; ou institucional, desenvolvida pelo Estado (TARDIF; HARRISSON, 2005).

A dimensão “Atores” consiste em um dos principais aspectos de uma inovação social, na qual busca-se a compreensão das relações entre os **atores sociais** (representantes da sociedade civil), **institucionais** (poder público) e **organizacionais** (organizações), bem como buscam por meio de atores **intermediários** o estabelecimento de parcerias que viabilizem, os processos de implementação e execução das ações de um modelo de redes sociais, de aliança e de inovação (TARDIF; HARRISSON, 2005). Como também, busca compreender a contribuição dos atores para a identidade, valores e normas (TARDIF; HARRISSON, 2005).

Por último, a dimensão “Processo” verifica o impacto da IS, a forma de coordenação e participação dos atores, os meios envolvidos no estabelecimento da inovação e as limitações de sua implementação (TARDIF; HARRISSON, 2005). Nesta dimensão se avalia, por exemplo, o

comportamento da coordenação na condução da mobilização das ações, o nível de participação e o engajamento, em vista das restrições.

Face ao exposto, as cinco dimensões englobam todo o arcabouço de uma IS, considerando desde o contexto social, econômico e territorial; as motivações que deram origem a ação e suas interações, sua finalidade; como se desenvolveram e foram implementadas as ações; e como os indivíduos envolvidos no processo se organizaram, interagiram e tomaram decisões em busca de objetivos comuns e, conseqüentemente, transformações sociais.

As discussões envolvendo EC e IS atribuem a estes campos teóricos a capacidade de impulsionar o desenvolvimento, ao passo em que assevera a importância do desenvolvimento de novas pesquisas que busquem retratar ambas as temáticas. De modo especial, refere-se à análise de realidades sob a ótica das temáticas em conjunto, perante a escassez de análises das IS em diferentes contextos, bem como sua interação com a EC.

O estudo em questão, realizado em zona rural do município de Esperança-PB, à luz das teorias da EC e da IS, permitiram a análise de práticas convergentes tanto com as perspectivas da Economia Criativa quanto com a da Inovação Social, possibilitando a observância de elementos empíricos que se desdobraram em contribuições relevantes para a transformação do território e dos atores sociais envolvidos na comunidade Riacho Fundo, reforçando a premissa norteadora desta pesquisa.

A pesquisa considera que o Artesanato, ou seja, uma atividade da Economia Criativa, para além de um enfoque meramente comercial é uma ferramenta de Inovação Social contributiva para a transformação positiva de determinadas localidades, em especial aquelas mais vulneráveis. Assim, a seção a seguir contempla um modelo teórico de análise no qual são destacados os principais aspectos que envolvem os constructos abordados no referencial teórico e que orientaram a construção deste estudo.

2.2.6 Modelo Teórico para análise dos dados

A análise dos dados deste estudo foi fundamentada em dois constructos: Economia Criativa e Inovação Social. O escopo da EC foi definido em conformidade com os autores que trataram sobre a temática nos últimos anos, uma vez que não foi identificado na literatura um modelo de análise acerca da Economia Criativa. No tocante à Inovação Social, esta foi analisada a partir das dimensões de uma inovação social proposta por Tardiff e Harrison (2005).

Ademais, a partir das teorias apresentadas foi possível delinear a estratégia da pesquisa. O Quadro 5 apresenta as dimensões de análise, bem como a unificação dos aspectos desenvolvidos por meio da realização do estudo teórico de ambos os constructos.

Quadro 5: Dimensões de análise

Dimensões de Análise de IS	Subcategorias de Análise	Base teórica EC e IS
Transformações	Emprego e Renda	A Economia Criativa fomenta o desenvolvimento econômico por meio da geração de valor e riqueza, bem como geração de emprego e ganhos de exportação (HOWKINS, 2001; BENDASSOLI ET AL., 2009; FREITAS DUARTE; SILVA, 2013; SUNG, 2015).
	Qualidade de Vida	Transformação social que possibilita acesso a moradia, água potável, emprego e serviços básicos (DEES, 1998; CLOUTIER, 2003; BIGNETTI, 2011).
Caráter Inovador	Criatividade	Principal componente da economia criativa, capaz de gerar, conectar e transformar ideias em ativos valorados (FLÓRIDA, 2011; SERRA; FERNANDEZ, 2014; UNCTAD, 2018; PACHECO; BENINI, 2018; BENDASSOLI ET AL., 2009).
	Cultura Popular	A cultura popular pode ser transmitida por meio de tradições e do artesanato, ao passo em que permite o alcance de objetivos econômicos (MARINHO, 2007; CANCLINI, 2011; FREITAS DUARTE; SILVA, 2013; OLIVEIRA, 2015).
	Singularidade do artesanato	O tipo de artesanato representa a diversidade e as características de quem os produz (CANCLINI, 2011; BEZERRA, 2013; FREITAS DUARTE; SILVA, 2013).
Inovação	Desenvolvimento Individual	Desenvolvimento intelectual, inclusão social, empoderamento e autonomia (CLOUTIER, 2003; BIGNETTI, 2011).
	Desenvolvimento Coletivo	Busca contribuir para o empoderamento dos indivíduos por meio do conhecimento e da autonomia (CLOUTIER, 2003).
	Desenvolvimento Local	Responder às necessidades dos indivíduos, ao permitir a satisfação das necessidades locais e regionais (CLOUTIER, 2003; BIGNETTI, 2011).
	Inovação Social	Busca formas de transformar uma sociedade por meio da melhoria da qualidade de vida, da inclusão social e do empoderamento das pessoas e das comunidades (CLOUTIER, 2003; BIGNETTI, 2011).

Atores	Interação entre atores	A inovação social depende da relação estabelecida entre diferentes atores (sociais, organizacionais, institucionais) e estes podem possuir diferentes papéis (CLOUTIER, 2003; TARDIF; HARRISSON, 2005; CORREIA et al., 2016).
Processo	Aprendizagem	A aprendizagem coletiva é capaz de promover a interação entre os atores, bem como criar padrões e novas regras sociais (CLOUTIER, 2003; BIGNETTI, 2011; CANCLINI, 2011; OLIVEIRA, 2015).
	Desafios e Perspectivas	Reconhecimento da EC e do artesanato como ferramentas de transformação econômica e social, ao passo em que a economia criativa estimula o desenvolvimento socioeconômico e viabiliza novos negócios e oportunidades futuras (UNCTAD, 2018).

Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

À luz dos fundamentos teóricos, o estudo parte do pressuposto que o artesanato evidencia a capacidade da EC em fomentar transformações no território no qual a atividade criativa é desenvolvida, ao passo em que pode contribuir para o desenvolvimento local e territorial, sobretudo de comunidades mais vulneráveis, bem como para o desenvolvimento dos indivíduos e grupos a partir de uma IS.

Na segunda fase da pesquisa, as dimensões de análise definidas nesta seção e baseadas nos fundamentos teóricos identificados neste estudo foram relacionadas aos resultados obtidos por meio das análises das entrevistas, com o intuito de analisar as práticas da Economia Criativa na perspectiva da Inovação Social e as suas contribuições para o desenvolvimento de uma comunidade rural no município de Esperança-PB, e que buscaram fornecer subsídios que validem a premissa norteadora desta pesquisa, de que a EC é uma ferramenta de IS contributiva para o desenvolvimento de determinadas localidades, em especial aquelas mais vulneráveis.

Por fim, após elucidar os fundamentos teóricos norteadores do estudo, a seção a seguir contempla os procedimentos metodológicos que permearam o desenvolvimento do estudo empírico.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Método de pesquisa pode ser considerado como o conjunto de técnicas ou procedimentos sistematizados com a finalidade de atingir os objetivos e os pressupostos de uma pesquisa. Esta seção apresenta os procedimentos metodológicos adotados para o desenvolvimento deste estudo, bem como para o alcance dos objetivos propostos.

3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

Este estudo buscou, por meio de uma abordagem qualitativa, a partir de um estudo de caso, analisar as práticas da Economia Criativa na perspectiva da Inovação Social e as suas contribuições para o desenvolvimento de uma comunidade rural no município de Esperança-PB. Por sua vez, essa abordagem contribui para a compreensão de um processo, fenômeno, ou visão de mundo dos envolvidos, ao explorar e entender o significado atribuído mediante um determinado problema social ou humano (MERRIAM, 2002; CRESWELL, 2010). Tem-se em vista que a problemática investigada nesta dissertação envolve a interação entre teorias emergentes, a saber: Economia Criativa e Inovação Social.

Quanto aos objetivos a pesquisa configura-se como exploratória, definida por Creswell (2010) como aquele tipo de pesquisa que contribuiu para aprofundar o conhecimento e a compreensão do fenômeno investigado, buscando um novo enfoque ou abordagem teórica sobre a temática, neste caso, buscou apresentar uma relação teórica entre os constructos de Economia Criativa e Inovação Social.

Quanto aos procedimentos, foi adotado o estudo de caso, a fim de compreender um fenômeno contemporâneo em uma determinada situação da vida real, assim como de uma unidade social, quando estas não estão totalmente definidas (YIN, 2010). Esta estratégia contribuiu para melhor compreensão da realidade local e da influência da atividade de EC, como geradora de IS contributiva para o desenvolvimento da comunidade Riacho Fundo no município de Esperança, escolhido como *lócus* da pesquisa, ao possibilitar a análise da produção artesanal de bonecas de pano, optando-se por um estudo de caso único.

3.2 SUJEITOS DE PESQUISA

Quanto à definição dos sujeitos de pesquisa, a partir de uma amostragem não probabilística, por intencionalidade e acessibilidade, optou-se pela realização de entrevistas

semiestruturadas com os atores-chave envolvidos direta e indiretamente na atividade artesanal das bonecas de pano, seja na produção, na parte técnica, na promoção ou comercialização.

Foram considerados sujeitos desta pesquisa aqueles que participaram ativamente no processo de desenvolvimento desta iniciativa na comunidade Riacho Fundo, como também, aqueles que possuíam acesso às informações sobre o funcionamento da associação, sobre as ações que apoiaram o desenvolvimento do artesanato na região e os resultados gerados pela atividade artesanal na comunidade. O Quadro 6 sintetiza os atores escolhidos como sujeitos de pesquisa para este estudo.

Quadro 6: Síntese dos Atores

Atores		Características
Sociais (SOC)	Os atores sociais envolvem os atores da sociedade civil, de movimentos cooperativistas ou associativistas, de sindicatos ou de associações comunitárias (TARDIF; HARRISSON, 2005).	Representados pelos artesãos e membros da Associação Casa da Boneca Esperança de Riacho Fundo. Estes atores praticam a atividade artesanal e participaram do processo de valorização do artesanato da comunidade.
Organizacionais (ORG)	Atores organizacionais referem-se às empresas, organizações da Economia Social, organizações coletivas e beneficiários ou destinatários (shareholders) das organizações privadas (TARDIF; HARRISSON, 2005).	Atores vinculados ao SEBRAE e ARTESOL (Artesanato Solidário), devido a participação no processo de formação da associação, capacitação e comercialização do artesanato. O SEBRAE é uma entidade nacional de natureza privada sem fins lucrativos que busca capacitar e promover o desenvolvimento dos pequenos negócios (SEBRAE, 2014). O ARTESOL, é uma organização sem fins lucrativos que promove a valoriza o artesanato tradicional brasileiro, a autonomia dos artesãos e a geração de renda nos núcleos produtivos (ARTESOL, 2020).
Institucionais (IST)	Os atores institucionais envolvem as instituições, o Estado, a identidade e as normas ou valores de cada ator (TARDIF; HARRISSON, 2005).	Atores vinculados ao PAP, programa de valorização artesanal do Estado da Paraíba. Devido a participação no processo de valorização da atividade e comercialização do artesanato. Como também, representado por servidor público vinculado à prefeitura, responsável pela valorização e manutenção das atividades culturais na cidade.

Fonte: Elaboração própria (2021).

Ademais, de acordo com Tardiff e Harrison (2005) existe um quarto grupo de atores denominado intermediários. Esses atores interligam outros atores, como é o caso dos comitês, das redes sociais, de aliança ou de inovação. Contudo, para este estudo de caso não foram identificados atores que desempenharam papéis de intermediação.

Neste contexto, em conformidade com os pressupostos teóricos propostos por Tardiff e Harrison (2005), no tocante aos atores-chave envolvidos em um processo de IS, o Quadro 7 apresenta a tipologia, a identificação dos entrevistados, e a forma como foi realizada a entrevista.

Quadro 7: Identificação dos Entrevistados

Tipologia	ID	Função	Data	Duração e Modalidade
SOC	E1	Presidente da Associação Casa da Boneca Esperança e Artesão	29/10/2020	00:30min - Online
SOC	E2	Vice-Presidente da Casa da Boneca Esperança e Artesã	23/11/2020	1:15h - Presencial
SOC	E3	Artesã	29/10/2020	1:20h - Presencial
ORG	E4	Designer contratado pelo SEBRAE	21/10/2020	00:12 min - Online
ORG	E5	Consultora Artesanato Solidário (ARTESOL)	25/10/2020	00:32 min - Online
ORG	E6	Ex-funcionária do SEBRAE	27/10/2020	00:35 min - Online
IST/ORG	E7	Gestora do PAP (2019-atual) e Analista Técnica (SEBRAE)	27/10/2020	00:34min - Online
IST	E8	Gestora do PAP (2011-2018)	23/10/2020	00:48 min - Online
IST	E9	Diretor de Cultura da Prefeitura Municipal de Esperança	21/10/2020	00:35 min - Online

Fonte: Elaboração própria (2021).

Na fase preliminar das entrevistas, procedeu-se com a elaboração de dois roteiros semiestruturados de entrevista – Apêndices B e C anexados adiante – os quais, após aprovação, foram submetidos a teste com público-alvo similar, envolvendo artesãos e profissionais que atuam fomentando o desenvolvimento local, por meio da prática do artesanato na Vila do Artesão, localizada em Campina Grande-PB, sendo estes desconsiderados nas análises dos dados.

As entrevistas com os sujeitos de pesquisa identificados no Quadro 7 foram realizadas no período compreendido entre os meses de outubro e novembro de 2020, e, portanto, inseridas no contexto de pandemia do coronavírus, provocando certa limitação no processo de coleta de dados, fazendo com que algumas entrevistas não pudessem ser realizadas na modalidade presencial, uma vez que parte do público-alvo integra o grupo de risco da Covid-19.

3.3. DELINEAMENTO DA PESQUISA, COLETA E ANÁLISE DOS DADOS

O trabalho foi realizado em três etapas principais: (i) conhecer as características da EC e da IS presentes na atividade artesanal da comunidade; (ii) conhecer a percepção dos atores sociais, organizacionais e institucionais envolvidos na atividade produtiva; e por fim, a etapa (iii) consistiu em mostrar a contribuição da atividade artesanal para o desenvolvimento da comunidade. Nesta seção serão apresentadas as etapas que contribuíram para a realização do estudo, bem como os procedimentos de coleta e análise dos dados.

3.3.1 Etapas de desenvolvimento da pesquisa

A primeira etapa buscou atingir o primeiro objetivo específico, a saber: (i) contextualizar e caracterizar as práticas de EC e IS na atividade artesanal de confecção de bonecas de pano no sítio Riacho Fundo no município de Esperança – PB. Nesta etapa, foi realizada uma pesquisa documental, na qual foram utilizadas fontes secundárias, disponibilizadas pelas instituições que fazem parte da estrutura produtiva, como Governo Federal, Governo do Estado da Paraíba, SEBRAE e pela própria comunidade, com o intuito de compreender o contexto histórico e as características da EC e da IS presentes na atividade artesanal da comunidade escolhida. Yin (2010) acredita que esse tipo de informação pode colaborar e valorizar as evidências encontradas em outras fontes.

A segunda etapa buscou atingir o segundo objetivo específico, a saber: (ii) conhecer a percepção dos atores sociais, organizacionais e institucionais envolvidos com a atividade artesanal de confecção de bonecas de pano no sítio Riacho Fundo no município de Esperança – PB. Nesta etapa, também foi realizada uma pesquisa documental, por meio do uso de fontes secundárias, disponibilizadas pelos atores institucionais e organizacionais que desempenham atividades relacionadas ao artesanato, como SEBRAE, ARTESOL e prefeitura do município de Esperança, com o intuito de compreender o contexto histórico da atividade artesanal de Riacho Fundo.

A terceira etapa buscou atingir o terceiro objetivo específico, a saber: (iii) evidenciar as formas de contribuições das práticas de atividade artesanal de confecção de bonecas de pano no sítio Riacho Fundo, no município de Esperança – PB, para a geração de transformações nesta comunidade. Para isso, foi utilizada a técnica de análise de conteúdo, por meio da coleta de dados das entrevistas com roteiro semiestruturado realizadas com os atores-chave vinculados ao artesanato e à Casa da Boneca Esperança. Para Godoy *et al.* (2010), a entrevista

semiestruturada permite o tratamento de temas complexos e pouco explorados, ao passo em que contribui para a compreensão dos significados atribuídos pelos entrevistados às situações e questões pertinentes à temática.

O roteiro da entrevista foi orientado pelo modelo desenvolvido por Tardif e Harrisson (2005) a partir das dimensões de análise de uma IS, a saber: (a) transformações; (b) caráter inovador; (c) inovação; (d) atores; e (e) processo, envolvendo os eixos norteadores: (i) trabalho e emprego; (ii) condições de vida; e (iii) território. A escolha desta abordagem como ferramenta de análise na comunidade de Riacho Fundo deu-se devido à abrangência e validade do modelo proposto por Tardif e Harrisson (2005), uma vez que foi construído a partir da análise de variados estudos no âmbito do centro de referência mundial de análises voltadas às IS, o CRISES.

As entrevistas foram realizadas por meio da técnica de *storytelling*. Para Silva (2016) esta técnica permite a obtenção de dados coletados a partir da vivência dos atores envolvidos na comunidade investigada, viabiliza a interação entre o pesquisador e os participantes, bem como provoca o surgimento de outros questionamentos no decorrer da entrevista.

A associação entre as categorias de análise e as perguntas presentes no roteiro semiestruturado das entrevistas realizadas com os atores sociais, organizacionais e institucionais foram deliberadas, na intenção de interagir, conectar e responder as cinco dimensões do modelo teórico adotado, apresentadas no Quadro 8.

Quadro 8: Roteiro Semiestruturado das Entrevistas

Categorização	Roteiro: Atores Sociais	Roteiro: Atores Organizacionais e Institucionais
Transformações		
Emprego e Renda	<ul style="list-style-type: none"> • Antes do artesanato, qual era a sua fonte de renda? • Qual a principal fonte de renda da sua família? • Como era a situação das famílias, fonte de renda e emprego antes do artesanato? 	<ul style="list-style-type: none"> • Como era a situação das famílias, fonte de renda e emprego antes do artesanato? • Como você avalia o nível de renda conquistado pelos artesãos de Riacho Fundo? Pode haver alteração no nível de renda conquistado?
Qualidade de Vida	<ul style="list-style-type: none"> • O que a atividade artesanal mudou na sua vida? • Como era a situação das famílias, condições de moradia, saúde, acessibilidade e transporte das pessoas da comunidade antes do artesanato? 	<ul style="list-style-type: none"> • Houve melhoria na qualidade de vida das pessoas da comunidade? • Como era a situação das famílias, condições de moradia, saúde, acessibilidade e transporte das pessoas da comunidade antes do artesanato? • É utilizado algum instrumento de mensuração para avaliar a melhoria na qualidade de vida no nível individual dos artesãos? Como essa melhoria é acompanhada e analisada? • É utilizado algum instrumento de mensuração para avaliar a melhoria na qualidade de vida no nível comunitário? Como essa melhoria é acompanhada e analisada?
Caráter Inovador		
Criatividade	<ul style="list-style-type: none"> • Quais mudanças aconteceram na atividade artesanal em Riacho Fundo? • Você recebe/ recebeu algum apoio para desenvolver o trabalho de artesão? • Como ocorreu o desenvolvimento do artesanato de Riacho Fundo? 	<ul style="list-style-type: none"> • Como o (SEBRAE/ ARTESOL/ PAP/ Casa do Artesão) incentivou o processo criativo do artesanato da comunidade? • Como se deu o crescimento/ valorização do artesanato de Riacho Fundo?
Cultura Popular	<ul style="list-style-type: none"> • Como você aprendeu a prática do artesanato? • Em sua família, quem mais faz artesanato? 	<ul style="list-style-type: none"> • Quais as estratégias contribuíram para que os artesãos valorizassem a cultura do artesanato?
Singularidade do artesanato	<ul style="list-style-type: none"> • O que você considera como diferencial do artesanato de Riacho Fundo? 	<ul style="list-style-type: none"> • Qual o diferencial do artesanato de Riacho Fundo? • Qual sua participação na criação do diferencial desse artesanato?

Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

(Continua)

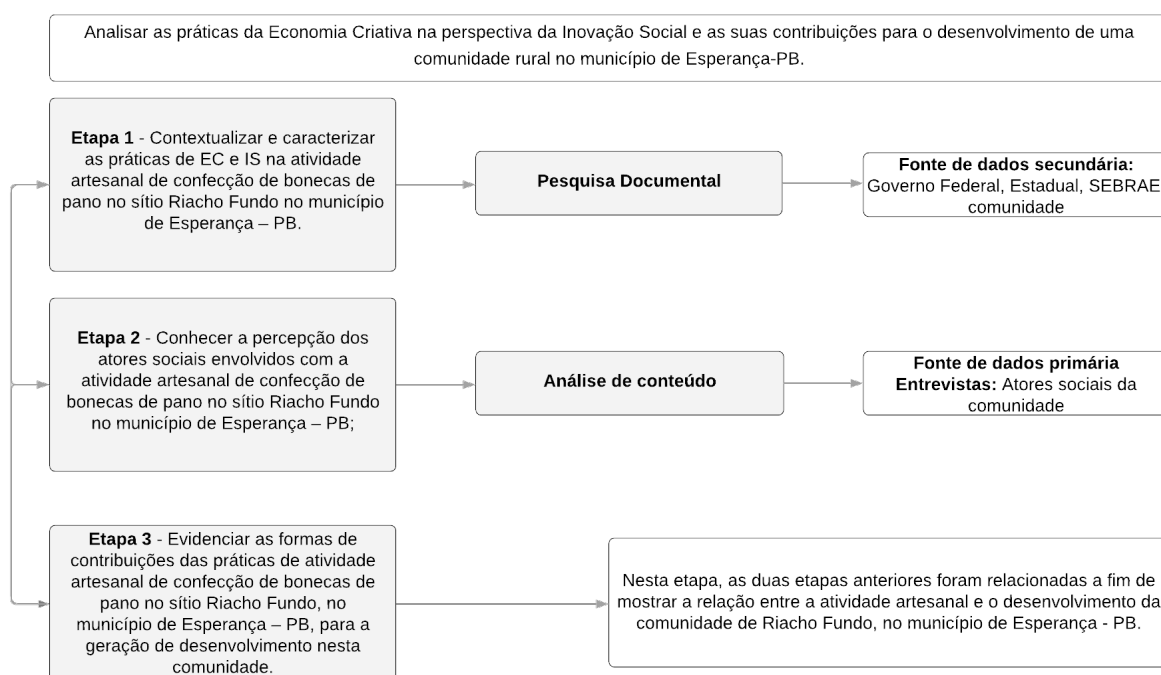
Categorização	Roteiro: Atores Sociais	Roteiro: Atores Organizacionais, Institucionais e Intermediários
Inovação		
Desenvolvimento Individual	<ul style="list-style-type: none">• Qual a importância do artesanato na sua vida?	<ul style="list-style-type: none">• Quais foram os ganhos para os artesãos da comunidade após o crescimento da atividade artesanal em Riacho Fundo?
Desenvolvimento Coletivo	<ul style="list-style-type: none">• Qual a importância do artesanato para sua família?• Qual a importância do artesanato para a comunidade de Riacho Fundo?	<ul style="list-style-type: none">• Quais foram os ganhos para a comunidade?
Desenvolvimento Local	<ul style="list-style-type: none">• Como era Riacho Fundo antes do artesanato?• Como a comunidade reagiu ao crescimento do artesanato de Riacho Fundo?• Quais foram os ganhos para a comunidade após o crescimento da atividade artesanal em Riacho Fundo?• O que mudou na comunidade?	<ul style="list-style-type: none">• Quais foram as mudanças ocorridas na comunidade após o desenvolvimento da atividade artesanal?
Inovação Social	<ul style="list-style-type: none">• Como os artesãos participaram do processo de valorização do artesanato de Riacho Fundo?	<ul style="list-style-type: none">• Como é a relação entre os artesãos de Riacho Fundo e o (SEBRAE/ ARTESOL/ PAP/ Casa do Artesão)?• Como foi a participação dos artesãos no processo de crescimento/ valorização do artesanato de Riacho Fundo?
Atores		
Interação entre atores	<ul style="list-style-type: none">• Como é a relação entre os artesãos da comunidade? Existe troca de experiência?	<ul style="list-style-type: none">• Em qual momento o (SEBRAE/ ARTESOL/ PAP/ Casa do Artesão) começou a apoiar os artesãos de Riacho Fundo?• Quais foram as contribuições e incentivos oferecidos pelo (SEBRAE/ ARTESOL/ PAP/ Casa do Artesão) aos artesãos de Riacho Fundo?• Os artesãos interagem com artesãos de outras regiões? Trocam experiência?

Processo		
Aprendizagem	<ul style="list-style-type: none"> • Você busca melhorias para o seu trabalho? Onde? Como? 	<ul style="list-style-type: none"> • Qual a participação do (SEBRAE/ ARTESOL/ PAP/ Casa do Artesão) no processo de capacitação e transferência de conhecimento na atividade artesanal?
Desafios e Perspectivas	<ul style="list-style-type: none"> • O que o artesanato representa para a comunidade hoje? • Quais são os desafios da atividade e suas expectativas para o futuro? 	<ul style="list-style-type: none"> • Qual o maior desafio para o artesanato de Riacho Fundo e quais as perspectivas para o futuro?

Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

Os resultados das duas etapas anteriores serviram de subsídio para o alcance do terceiro objetivo específico, o qual buscou evidenciar as formas de contribuições das práticas de atividade artesanal de confecção de bonecas de pano no sítio Riacho Fundo, no município de Esperança – PB, para a geração de desenvolvimento nesta comunidade. Assim, com base no referencial teórico apresentado neste estudo, a Figura 6 mostra o processo de desenvolvimento desta pesquisa.

Figura 6: Desenvolvimento da pesquisa



Fonte: Elaboração própria (2020).

Conforme identificado na Figura 6, a pesquisa foi estruturada em etapas, de acordo com os objetivos específicos e os meios com a finalidade de alcançar o objetivo deste estudo. A partir da pesquisa bibliográfica foram extraídas da literatura dimensões de análise referentes aos constructos da EC e da IS, explicitadas na seção da fundamentação teórica, com base no estudo desenvolvido por Tardiff e Harrisson (2005).

No que concerne aos procedimentos de análise dos dados, esses foram organizados e analisados, confrontando os resultados com a teoria que deu suporte à investigação. Para análise dos documentos, foi utilizada a técnica da análise documental de todo o material disponibilizado pelas comunidades de artesãos de Riacho Fundo, com o intuito de compreender os estudos anteriores a respeito da temática.

Para análise das entrevistas, estas foram transcritas e posteriormente organizadas por meio da utilização do *software* de análise qualitativa ATLAS.ti Versão 9.0.20.0, como ferramenta de apoio, uma vez que este facilita as análises, tornando-a ágil, garantindo maior sistematização e estruturação dos dados qualitativos, organizando as categorias de análise e possibilitando a formação de redes, uma vez que, estas redes permitem a visualização de conexões existente entre informações codificadas (SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2014).

Em seguida, estas foram analisadas por meio da técnica de análise de conteúdo de Bardin (2011), que visa obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores que permitem a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção e recepção das mensagens emitidas.

Assim, a análise dos dados seguiu as seguintes etapas: pré-análise; exploração do material; e tratamento dos dados e interpretação. Segundo Bardin (2016), a etapa de pré-análise corresponde à fase inicial da organização e sistematização dos dados para constituição do *corpus* da pesquisa, realizada por meio de leitura flutuante, formulação de pressupostos e identificação inicial de indicadores.

A segunda etapa corresponde à fase da descrição analítica, onde foi realizada a codificação, categorização e classificação do material, em conformidade com os constructos teóricos (BARDIN, 2016). Para Bardin (2016), a codificação transforma os dados textuais brutos em dados capazes de representar o conteúdo, enquanto a categorização corresponde às classes ou grupo de elementos, nomeados, cujo agrupamento se dá devido às características comuns entre si.

Após a pré-análise dos dados, nesta segunda fase, os arquivos contendo as perguntas e as transcrições das respostas dos entrevistados foram importados para o *software* analítico ATLAS.ti versão 9.0.20.0, no qual cada entrevista correspondeu a um documento primário,

totalizando nove (9) documentos. Esses documentos primários foram agrupados em três famílias distintas de documentos, subdivididos de acordo com os atores respondentes, a saber: i) Atores Sociais (3 documentos primários); ii) Atores Organizacionais (3 documentos primários); e iii) Atores Institucionais (3 documentos primários).

Em seguida, foi realizada a categorização das 05 (cinco) dimensões da IS (Transformações, Caráter Inovador, Inovação, Atores e Processos), propostas por Tardif e Harrisson (2005), denominadas “Dimensões de Análise”. Em seguida, essas categorias desdobraram-se em doze subcategorias, identificadas como “Subcategorias de análise” em conformidade com os elementos da EC identificados a partir dos pressupostos teóricos deste estudo (Emprego e Renda, Qualidade de Vida, Criatividade, Cultura Popular, Singularidade do Artesanato, Desenvolvimento Individual, Desenvolvimento Coletivo, Desenvolvimento Local, Inovação Social, Interação entre Atores, Aprendizagem, Desafios e Perspectivas).

O processo de codificação resultou em 13 (treze) códigos (subcategorias), que posteriormente foram relacionados aos fragmentos das falas destacadas nos documentos primários, totalizando 200 citações no primeiro ciclo de codificação e finalizando com 230 citações no segundo ciclo de codificação. Nesta etapa, cada citação foi associada a um ou mais códigos, onde cada código apresentando corresponde a: i) frequência de citações associadas e relevância da subcategoria analisada, representada por “G” que equivale a *Groundedness* (fundamentação, em tradução literal); e ii) frequência de ligações com outros códigos, onde “D” equivale a *Density* (densidade).

Após o processo de codificação do conteúdo das entrevistas, foram criadas 5 (cinco) redes referentes às dimensões de análise, a saber: Transformações, Caráter Inovador, Inovação, Atores e Processos, com o intuito de representar graficamente a relação e a frequência de cada dimensão às suas respectivas subcategorias de análise.

Ao final das análises foi gerado um relatório, no qual foram dispostas as citações de acordo com sua dimensão e subcategoria de análise. Na terceira etapa, o tratamento, inferência e interpretação dos dados permitiu a sintetização e destaque das informações que foram analisadas à luz das teorias da EC e da IS, bem como foram dispostos na seção de resultados deste trabalho.

Por fim, com o objetivo de garantir a confiabilidade da pesquisa, foi realizada a triangulação entre as técnicas de coleta de dados (YIN, 2011). Essa técnica teve por finalidade identificar na fala dos atores informações relevantes relacionadas ao trabalho desenvolvido na comunidade Riacho Fundo, por meio do cruzamento de dados da análise documental, entrevistas e observação não-participante.

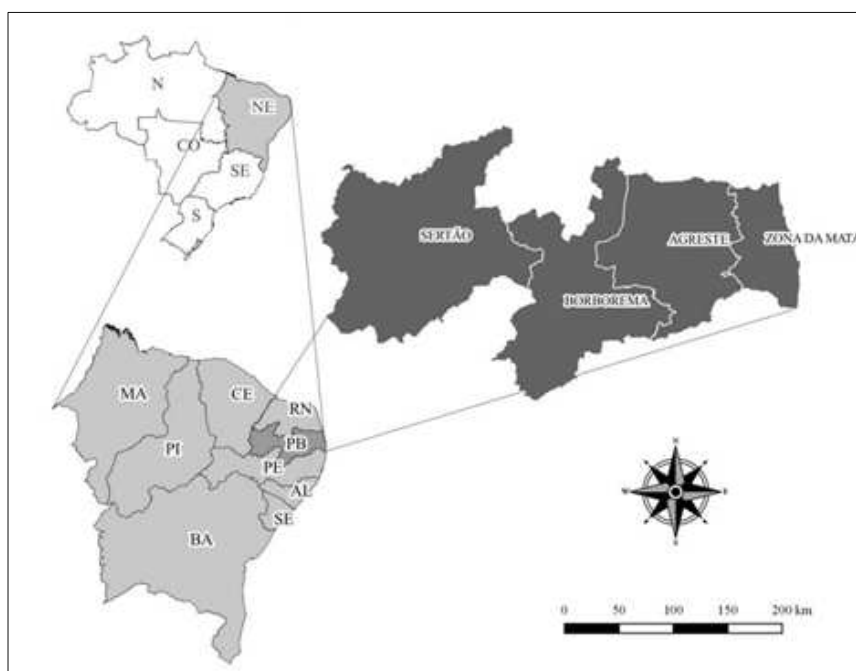
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta seção são apresentados os resultados obtidos por meio das análises das entrevistas semiestruturadas realizadas com os atores-chave envolvidos na atividade artesanal da comunidade Riacho Fundo, localizada no município de Esperança-PB. As análises e discussões buscaram contribuir para o alcance dos objetivos especificados nessa pesquisa.

4.1 CARACTERIZAÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO

Inserido no Nordeste brasileiro, o estado da Paraíba apresenta rica e exitosa produção artesanal de diversas tipologias como couro, cerâmica e tercelagem, com destaque para renda renascença e algodão colorido, apresentando ainda grande potencial em outras iniciativas. A Figura 7 apresenta a localização geográfica do estado da Paraíba.

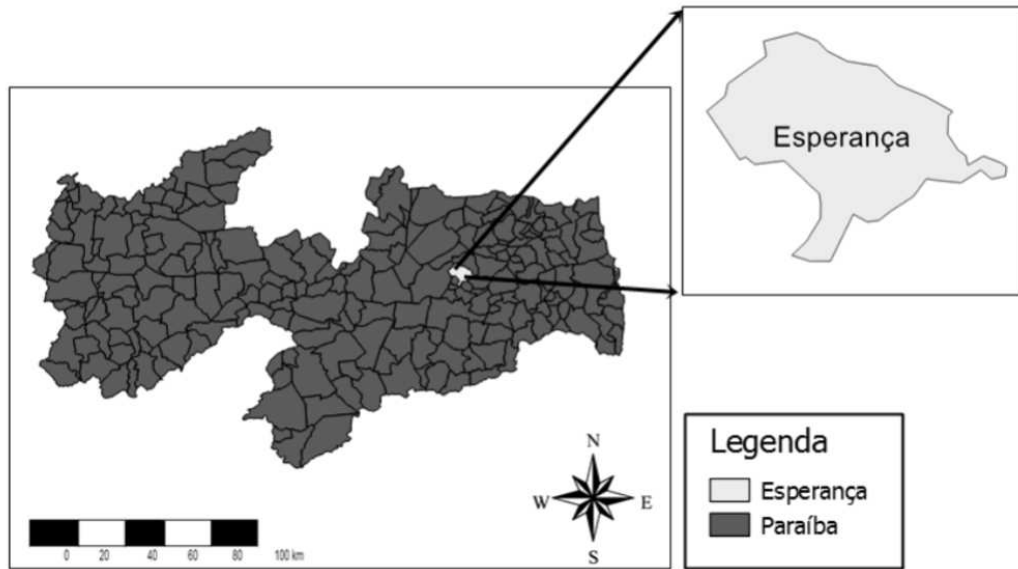
Figura 7: Mapa de localização geográfica do Estado da Paraíba



Fonte: IBGE (2015).

O município de Esperança, localizado na mesorregião do Agreste paraibano, possui área territorial de aproximadamente 161,138 km², com altitude média de 630 metros, entre as coordenadas geográficas 07°01'59" S e 35°51'26" W, e possui uma população estimada em 33.199 habitantes, de acordo com os dados do IBGE (2021). Este município está localizado a 146 km da capital do estado. A Figura 8 apresenta o mapa da localização geográfica da região.

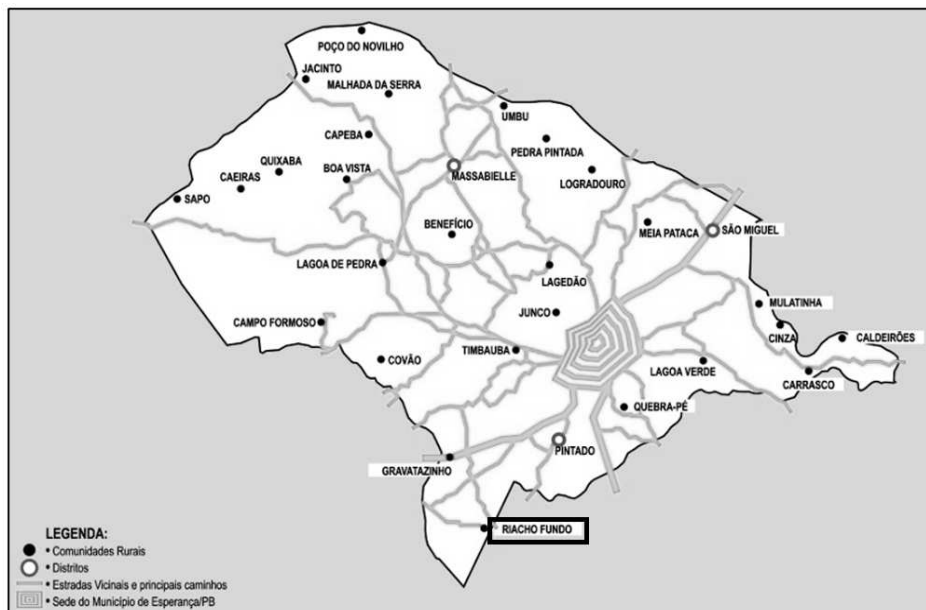
Figura 8: Mapa de localização geográfica do Município de Esperança - PB



Fonte: Lima (2016).

O Sítio Riacho Fundo, localizado no sudoeste do município de Esperança, possui cerca de 30 residências e aproximadamente 250 habitantes, dos quais uma grande parcela apresenta algum grau de parentesco. A principal fonte de renda da comunidade advém da agricultura familiar do cultivo de feijão, milho, batata, como também de programas sociais de transferência direta de renda como o Bolsa Família e aposentadorias rurais. A Figura 9 apresenta o mapa da localização geográfica de Riacho Fundo, e a Figura 10 apresenta a visão por satélite de Riacho Fundo.

Figura 9: Mapa da localização geográfica de Riacho Fundo



Fonte: Esperança Reeditada (2021).

Figura 10: Mapa de Riacho Fundo (Satélite).



Fonte: Google Maps (2021).

Em paralelo, sempre existiu na região a atividade artesanal, com finalidade lúdica para as moradoras do povoado. A iniciativa ocorreu de maneira espontaneamente como uma alternativa às restrições de acesso a brinquedos e à limitação para sua aquisição. Desta forma, é que, a partir do conhecimento empírico, a mestre artesã Socorro da Conceição (80 anos) e sua irmã Aderita (falecida), aprenderam a prática artesanal com a tia Maria Vicença. As Figuras 11 e 12 identificam as artesãs Socorro e Aderita.

Figura 11: Mestre artesã Socorro



Fonte: Artesol (2010).

Figura 12: Artesãs Socorro e Aderita



Fonte: Artesol (2010).

A mestre artesã Socorro começou a costurar bonecas de pano aos sete anos de idade e, posteriormente, ensinou a arte para filhas, sobrinhas e outros moradores da localidade, que desenvolveram a habilidade, envolvendo homens, mulheres e crianças na atividade artesanal de bonecas. A Figura 13 apresenta algumas das bonecas produzida na região.

Figura 13: Bonecas de pano Esperança



Fonte: Artesol (2010).

A região seca, sustentada predominantemente pela agricultura, sofria recessão durante o período de estiagem e evidenciou a possibilidade de geração de renda através da produção e comercialização de bonecas. Então, com o passar dos anos Socorro e sua irmã começaram a produzir bonecas por encomenda. Assim, a boneca começou a ser comercializada na feira da cidade de Esperança, e se expandiu para João Pessoa, Salvador e Bahia por meio de atravessadores.

4.2 ASSOCIAÇÃO CASA DA BONECA ESPERANÇA

A boneca de pano é um artefato lúdico comum no artesanato nordestino. Desde a infância, era comum que crianças de origem humilde fossem desprovidas de recursos financeiros e não tivessem acesso a brinquedos, assim, essas aprendiam a fazer sua própria boneca.

Em um processo de valorização da cultura popular e do artesanato, em abril de 1999, uma consultora do ARTESOL procurou a mestre Socorro para juntas darem início a um projeto de geração de renda intitulado “Comunidade Solidária”, idealizado pela antropóloga Ruth Cardoso, a então esposa do Presidente da República Fernando Henrique Cardoso, e financiado pelo “Projeto Brinquedos do Agreste”.

Ao chegar na comunidade, a consultora do ARTESOL percebeu que a boneca se tratava de um “saber fazer artesanal tradicional” explorado por intermediadores que não contribuíam para o desenvolvimento da atividade na comunidade, sobretudo porque Socorro não detinha conhecimento a respeito da formação de preço e comercialização do produto.

Ainda em 1999, a artesã Socorro iniciou o repasse das técnicas utilizadas para produzir as bonecas de pano para aproximadamente 50 pessoas da comunidade, em sua residência, e deu origem à Associação Casa da Boneca Esperança. Em sequência, surgiram encomendas nacionais e internacionais, a Boneca Esperança começou a ficar conhecida e passou a receber apoio de atores institucionais, como a prefeitura do município de Esperança, que, por sua vez, cedeu uma sala dentro do posto de saúde localizado na comunidade para o funcionamento da associação, assim os artesãos passaram a se reunir neste espaço para dar continuidade ao processo de aprendizado, produção e comercialização das bonecas.

Paralelamente, a consultora do ARTESOL procurou o SEBRAE e solicitou apoio do mesmo para dar continuidade ao projeto. Durante os dois anos do projeto, o SEBRAE ofereceu curso sobre associativismo, precificação e qualidade, bem como viabilizou o acesso a feiras de exposição, participação em eventos e salões de artesanato.

Em agosto de 2000, cerca de 42 artesãos, homens e mulheres, com idade variável entre 14 anos e 72 anos, já estavam produzindo a boneca, beneficiando aproximadamente 178 pessoas de Riacho Fundo, com uma renda variável entre R\$ 80,00 (salário-mínimo da época) e R\$400,00 reais.

Neste mesmo período, foi criada a Associação Casa da Boneca Esperança. Socorro tinha 60 anos e não pôde assumir a presidência da associação devido à falta de escolaridade. A presidência foi assumida por outra artesã da região, conhecida como “Menininha”. Esta artesã

passou a frequentar programas de televisão e a participar de feiras de exposição em outros estados, contudo, após uma de suas viagens, Menininha foi assassinada por seu cônjuge - acredita-se que as constantes viagens da artesã provocaram discórdia e ciúmes em seu parceiro e motivaram o crime.

O crime evidenciou questões de gênero, sociais e econômicos, sobretudo, amedrontou outras artesãs e desestabilizou o grupo. Para que este continuasse, houve um trabalho de conscientização sobre a valorização e direitos da mulher, inserção e pertinência da figura feminina no mercado de trabalho e exploração da mulher. Este trabalho foi realizado pelo ator representante do ARTESOL.

Aos poucos, os artesãos retomaram as atividades, e retornaram a participar de premiações e concursos de artesanato. Em um destes concursos, foram premiados por uma instituição financeira de economia mista brasileira com a quantia de R\$ 10.000,00 (dez mil reais), por representarem uma tecnologia social capaz de valorizar a cultura local, o trabalho do artesão e beneficiar a comunidade. O valor do prêmio foi utilizado para compra de uma casa na comunidade, onde passou a funcionar a associação. A Figura 14 mostra a casa da artesã Socorro e a Figura 15 mostra a Casa da boneca esperança.

Figura 14: Residência da artesã Socorro



Fonte: Registrado pelo autor (2020).

Figura 15: Associação Casa da Boneca Esperança



Fonte: Registrado pelo autor (2020).

Atualmente, segundo os relatos dos entrevistados, a associação permanece fechada e necessita de uma reforma. Alguns artesãos assumiram outros compromissos e com o passar do tempo alguns membros da associação se afastaram da atividade, alguns, por não se identificarem com a atividade artesanal, outros por produzirem bonecas com nível de qualidade insatisfatório. Atualmente a associação possui cerca de 10 artesãos ativos. O projeto Brinquedos do Agreste não é mais atuante na comunidade, contudo o SEBRAE e o PAP até os dias atuais buscam incentivar o cultivo da atividade.

4.3 PERFIL DOS ENTREVISTADOS

A pesquisa buscou compreender o desenvolvimento de uma inovação social a partir da atividade criativa do artesanato. Para isso, a entrevista foi realizada com 9 atores (sociais, organizacionais e institucionais), com faixa etária entre 30 e 65 anos. O Quadro 9 apresenta uma síntese do perfil dos entrevistados.

Quadro 9: Perfil dos Entrevistados

Tipologia	ID	Sexo	Idade	Estado Civil	Escolaridade
SOC	E1	Masculino	65 anos	Casado	Ensino Médio Completo
SOC	E2	Feminino	46 anos	Casado	Ensino Superior Incompleto
SOC	E3	Feminino	54 anos	Casado	Ensino Fundamental Completo
ORG	E4	Masculino	48 anos	Casado	Ensino Superior Completo
ORG	E5	Feminino	43 anos	Casado	Ensino Superior Completo
ORG	E6	Feminino	47 anos	Casado	Ensino Superior Completo
IST/ORG	E7	Feminino	51 anos	Casado	Ensino Superior Completo
IST	E8	Feminino	49 anos	Casado	Ensino Superior Completo
IST	E9	Masculino	30 anos	Solteiro	Ensino Superior Completo

Fonte: Elaborado pelo autor (2021)

No tocante aos atores da sociedade civil, tem-se três artesãos, naturais da região de Riacho Fundo, Esperança - PB. Esses atores participaram do processo de produção, organização e valorização da atividade artesanal da comunidade desde sua fase inicial, em 1999. Ambos aprenderam a técnica artesanal de bonecas de pano por meio da tia e mestre artesã Socorro. No que se refere aos demais entrevistados, dentre os seis atores organizacionais e institucionais, apenas um deles é natural da cidade de Esperança (ator institucional).

4.4 DIMENSÕES DE ANÁLISE

Esta seção apresenta as interpretações dos resultados, por meio da análise crítica dos dados, frente aos constructos teóricos apresentados na fundamentação deste estudo. Ademais, cada subseção identifica e apresenta as características das cinco dimensões da inovação social reconhecidas na atividade artesanal do Sítio Riacho Fundo, juntamente com as doze subcategorias evidenciadas por meio do levantamento teórico.

4.4.1 Dimensão Transformações

A subseção a seguir busca analisar a atividade criativa do artesanato à luz da “Dimensão Transformações” considerando o contexto micro, as transformações sociais e as transformações econômicas ocorridas na comunidade de Riacho Fundo a partir das subcategorias de análise: Emprego e renda e Qualidade de vida.

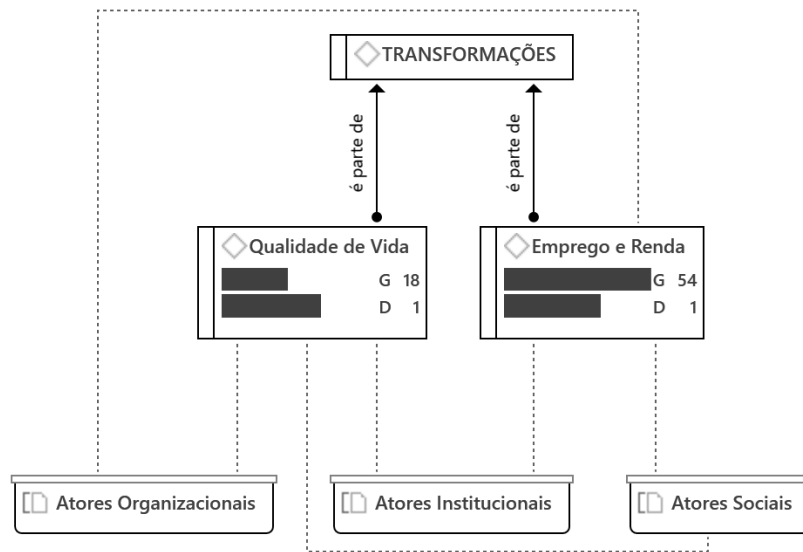
4.4.1.1 Emprego e Renda e Qualidade de Vida

No final da década de 90, no interior da Paraíba, imerso em um contexto de crise e falta de perspectiva de vida, surge um pequeno grupo de artesãos, residentes do Sítio Riacho Fundo, ambiente caracterizado como uma comunidade vulnerável, que entre outras lacunas em nível institucional também apresentava alto índice de desemprego, êxodo rural e nenhuma oportunidade de crescimento. Cabe salientar que as necessidades e oportunidades deste cenário impulsionam o surgimento de inovações sociais.

De acordo com os entrevistados, comumente, os moradores da região buscavam outras oportunidades de emprego e ocupação em outras cidades e estados. Além disso, a comunidade era carente de espaços que promovessem momentos de lazer e desenvolvimento cultural. Essas limitações motivaram a comunidade a buscar alternativas que fossem capazes de minimizar as dificuldades, gerar **emprego e renda e qualidade de vida** para as famílias da região.

O desemprego, a falta de oportunidades e a exclusão social impõem aos indivíduos uma dura realidade marcada por falta de acesso a bens e serviços, incertezas e desmotivação. A Figura 16 apresenta a Dimensão Transformações e sua relação com as subcategorias de análise identificadas após a análise empírica.

Figura 16: Dimensão Transformações



Fonte: Rede gerada no ATLAS.ti, com base nos dados da pesquisa (2021).

A rede apresentada na Figura 16 evidencia a unanimidade entre os atores, no que tange a geração de emprego e renda, bem como a melhoria da qualidade de vida dos atores sociais, em função da atividade artesanal da região. Nesta rede percebe-se que 18 citações trataram sobre a qualidade vida, enquanto 54 citações referiram-se à emprego e renda e sugere a ocorrências de transformações sociais na comunidade.

É provável que a maior relevância atribuída a categoria emprego e renda seja em função dos critérios mais objetivos relacionados a esta evidência. As aquisições materiais são concretas e visíveis, tem valor de uso, enquanto a qualidade de vida é fruto de uma percepção mais subjetiva, sensível e variável, dependente da expectativa do indivíduo e da concepção de vida do entrevistado.

A transformação social resultante de uma IS, induz alterações estruturais e práticas nas estruturas e rotinas estabelecidas, conforme elucidam Choi e Majumdar (2015). A comunidade foi protagonista de um projeto de difusão do saber artesanal com a finalidade de beneficiar o povoado e alterar as rotinas e estruturas estabelecidas, frente à incapacidade institucional em solucionar demandas sociais não correspondidas, como pobreza e exclusão social.

Esse contexto provocou nos atores sociais o sentimento de pertença e capacidade de formular soluções a partir de suas habilidades. As famílias da comunidade, que antes sobreviviam principalmente da agricultura, passaram a ter ocupação dentro da própria comunidade e consequentemente bem-estar, conforme é relatado pelo Entrevistado E7.

O Sítio Riacho Fundo, basicamente vivia da agricultura, agricultura familiar de subsistência, e alguns prestadores de serviço da prefeitura, não existia outra fonte de

renda, então quando veio a questão do repasse do Fazer, para as mulheres, foi um *upgrade* grande, na renda familiar e conseqüentemente na qualidade de vida, então, a gente tem muitos relatos de gente que fez um banheiro dentro de casa, fez uma reforma em casa, colocou uma cerâmica, realmente foi um *up*, foi um “a mais”, foi um diferencial para que essas famílias melhorassem suas rendas e a qualidade de vida (Entrevistado E7).

Durante o ápice de vendas da Boneca Esperança, algumas famílias continuaram desempenhando atividades ligadas à agricultura, enquanto outras deixaram o cultivo para viver apenas da fonte de renda do artesanato. A prática artesanal também proporcionou a geração de emprego e renda para as regiões circunvizinhas e reduziu o índice de êxodo rural de Riacho Fundo.

Outra mudança apontada por todos os entrevistados refere-se ao aumento do poder de compra da comunidade, adquirido em função da complementação da renda gerada por meio da produção de bonecas, o que facilitou a aquisição de bens, móveis, roupas e transporte, bem como a realização de reformas nas casas, melhorias na comunidade e viabilizou o acesso a serviços básicos. Ademais, os artesãos gostam de desempenhar a atividade artesanal, como também consideram a atividade um momento de entretenimento, conforme enfatiza os entrevistados E4 e E5.

Então a gente via uma melhoria na qualidade de vida delas, que não é só pelo fator econômico, mas também, pelo fator simbólico, emocional, um trabalho sendo valorizado, tendo uma repercussão internacional, então isso é fundamental para a autoestima de qualquer pessoa, você ter seu trabalho reconhecido, acho que várias ações que aconteceram nesse sentido, as participações de feiras, tiveram impacto positivo, foi tão grande o impacto de transformação que a gente tem (Entrevistado E4).

Dona Mariquinha comprou fogão, geladeira, viajou para a procissão de Padre Cícero no Ceará, que era o sonho dela. Todas elas fizeram alguma melhoria na casa, todas elas compraram produtos para casa, houve uma modificação muito grande no bem-estar (Entrevistado E5).

Ao viabilizar o crescimento econômico e social, o artesanato pode ser considerado uma ferramenta de empoderamento e transformação social para a comunidade de Riacho Fundo.

Portanto, a partir da dimensão transformações, em um contexto de crise, com modificações estruturais, em uma situação de emergência, exclusão e adaptação que influenciou a busca por outras práticas sociais, percebe-se que a atividade artesanal provocou mudanças socioeconômicas na comunidade, no qual os indivíduos reestruturaram os vínculos sociais, fomentaram a geração de renda e melhoraram sua qualidade de vida, evidenciando o desenvolvimento de uma inovação social em Riacho Fundo.

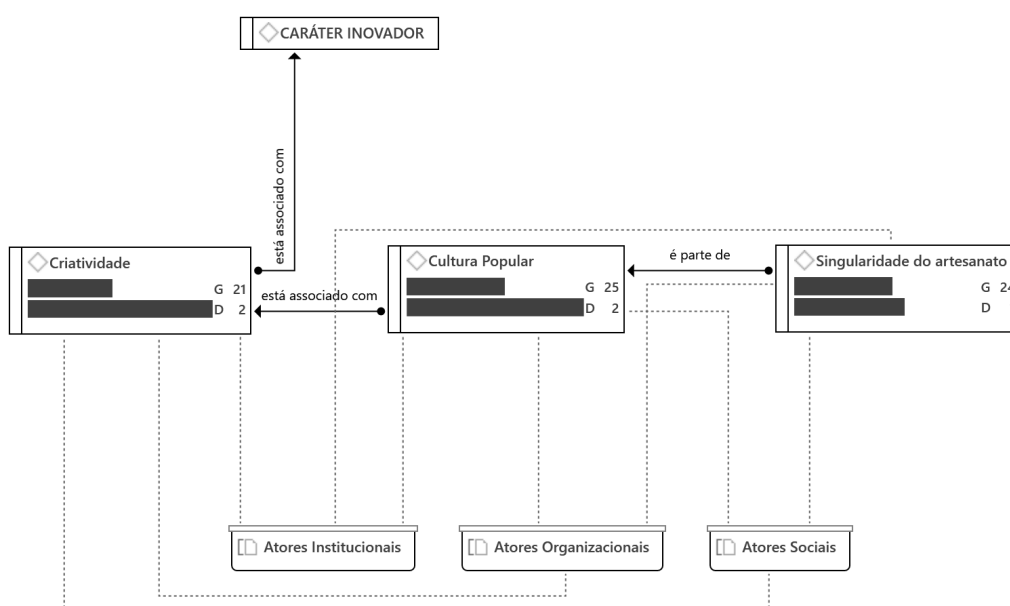
4.4.2 Dimensão Caráter Inovador

Considerado o modelo teórico adotado, a subseção a seguir busca analisar a atividade criativa do artesanato à luz da dimensão “Caráter Inovador”, através das ações econômicas e sociais ocorridas na comunidade de Riacho Fundo a partir das subcategorias de análise: Criatividade, Cultura Popular e Singularidade do Artesanato.

4.4.2.1 Criatividade, Cultura Popular e Sigularidade do artesanato

O reconhecimento de uma demanda não correspondida, atrelada à adesão e coesão dos atores podem contribuir para o surgimento de novas soluções. A Figura 17 apresenta a dimensão Caráter Inovador e sua relação com as subcategorias de análise identificadas por meio da análise empírica.

Figura 17: Dimensão Caráter Inovador



Fonte: Rede gerada no ATLAS.ti, com base nos dados da pesquisa (2021).

Na Figura 17, percebe-se que todos os atores reconhecem o potencial criativo dos artesãos, tendo seu produto associado à cultura popular da região (G = 25), que resultou na produção de um artesanato diferenciado e singular, referenciado por 24 citações.

Esta rede evidencia, através da densidade (D=2), a estreita relação entre a cultura popular e a criatividade. Ao que parece, a primeira subcategoria inspira a segunda, e esta potencializa a iniciativa artesanal, resultando em um produto tradicional (a boneca de pano) em

artefatos com características (design, padrão, acabamento, requinte e identidade), conferindo autenticidade como valor diferencial, característica fundamental para análise destes resultados.

A partir das tradições culturais, próprias do contexto de restrição social e econômica da comunidade, bem como as práticas, as habilidades e as iniciativas – de costurar, de tentar e de fazer seus próprios brinquedos até, finalmente, o desenvolver da arte de confeccionar bonecas de pano –, o produto artesanal foi promovido ao mercado, que reconheceu seu valor econômico e sua distinção. O fato é curiosamente observado mais pelos atores institucionais e organizacionais, do que pelos próprios atores sociais.

Em Riacho Fundo, o artesanato tradicional, compreendido como um elemento da **cultura popular**, transmitido entre gerações, originou uma inovação inesperada no povoado: a possibilidade de um saber local, muitas vezes desvalorizado, que foi convertido em produto comercial, apresentando a capacidade de contribuir com o desenvolvimento da comunidade.

Esta inovação, mesmo que tenha por finalidade a busca por objetivos econômicos, foi iniciada a partir da mobilização entre os moradores da comunidade, de modo informal, fruto da interação dos artesãos e do convívio familiar, com o intuito de partilharem o conhecimento para desenvolver a atividade. Todo o processo de confecção das bonecas de pano foi repassado entre o grupo, conforme é relatado pelo Entrevistado E5.

Então, foi um projeto totalmente exitoso, porque a metodologia aplicada foi a metodologia de se passar do “saber artesanal” da comunidade, daquele bem que elas dominavam e de um processo, que eu levei quase 3 meses para conquistar a artesã Socorro que era a mestra, a ela formar um grupo e ela ser generosa e dividir o saber não só com a família, mas, com outras artesãs da comunidade (Entrevistado E5).

A partir das entrevistas percebe-se que a interação, a transferência e a partilha de conhecimento ocorrida entre os artesãos, atrelada à capacidade criativa e a habilidade manual contribuiu significativamente para a evolução e melhoria da qualidade do processo produtivo da associação. Ademais, a boneca de pano começou a ser produzida a partir do potencial **criativo** das próprias artesãs da comunidade e com auxílio limitado de máquinas de costura, conforme relatado pelo Entrevistado E7.

Na verdade, não houve um processo criativo, existiam as mestras, e elas repassaram, como é um artesanato altamente tradicional, são as bruxas de pano, não houve a princípio, nenhuma intervenção criativa, nenhuma intervenção de fora, de design, nada, simplesmente as mestras disseram qual o material que usavam, foi comprado o material e foi repassado para essas mulheres, então, tudo foi feito do jeito que as mestras faziam, preservando o fazer, o ofício artesanal, do jeito puro, do jeito que as mestras faziam, não houve nenhum estímulo, nenhum processo criativo de criação de produto ou coleção a princípio (Entrevistado E7).

A Boneca Esperança foi desenvolvida dentro da própria comunidade, e desde sua criação a boneca segue a mesma padronagem e forma produtiva, enfatizando a singularidade do produto, bem como as características que tornam o produto diferente de todas as outras encontradas no mercado, conforme é relatado pelos Entrevistados E8, E6 e E7.

A partir da boneca delas, que as pessoas começaram a bordar os olhos, bordar a boca, o traço dos olhos e da boca é reconhecido em muitos cantos, elas tinham um capricho na renda, o capricho até nas mãozinhas, com os dedos, elas conseguiram com a ingenuidade delas, o que elas traziam da sua herança, sua tradição de mãe, de avó, das bonecas que elas brincavam, elas trouxeram isso para esse mercado (Entrevistado E8).

Acho que foi o resgate da boneca de pano, porque antes disso você pouco ouvia falar da boneca de pano, e com esse projeto, valorizou muito esse artesanato, e como era muito bonito, são muito bonitas as bonecas, bem-feitas, a parte dos dedinhos, do vestido, de ser com muita qualidade, são tecidos comprados, os aviamentos, os adereços que as bonecas têm, que chamaram atenção, a parte da qualidade do produto, e esse resgate da cultura popular, a partir daí, surgiram várias bonecas, a Boneca Esperança (Entrevistado E6).

É o purismo, o grande diferencial foi o purismo e a qualidade. Tem bruxa de pano no Nordeste inteiro, quicá do Brasil inteiro tem bruxa de pano, mas, a realidade do meio rural no Brasil, de pobreza, levava as mães, avós, bisavós, a confeccionar bonecas de pano com retalhos, com sobras, então isso é um imaginário da infância no Brasil todo dos antepassados, todos tem, só que a perfeição, a qualidade da boneca feita pela mestra Socorro, Derita, eram assim “a perfeição”, tanto é que até hoje, se você vê uma boneca de Esperança, uma bruxa de pano pura, é um purismo, é um artesanato altamente tradicional, passado de geração em geração, mas, você diferencia na hora, qualquer pessoa que pega em uma boneca de Esperança, diferencia de outra pela qualidade da costura, da proporção, dos tamanhos, então, era feita com muito carinho, com muito cuidado, realmente, totalmente diferente [...] a boneca de Esperança é toda proporcional e é feita com muita delicadeza, então, essa questão da qualidade, do esmero, da perfeição, é o que dão exatamente o diferencial do produto, dentro lógico de ser um artesanato tradicional, puro e de raiz (Entrevistado E7).

A comunidade conseguiu resgatar a tradição da boneca de pano, bem como valorizar este artefato em diversos locais do país, sobretudo incentivando o desenvolvimento do artesanato local, suas características tradicionais e evidenciando o trabalho de indivíduos que vivenciavam experiências à margem de políticas públicas, em uma zona rural localizada em um município vulnerável.

Destaca-se também que o desenvolvimento de soluções inovadoras evidencia a formação de novos arranjos institucionais, por meio de atuação coletiva. Nesse contexto, o grupo de artesãos formado a partir da parceria entre os atores sociais, o SEBRAE e o ARTESOL, sob a perspectiva de um trabalho compartilhado e colaborativo, fomentou mudanças benéficas para a comunidade, cuja criatividade, enquanto elemento da Economia Criativa, possibilitou a monetização de produtos gerados por meio das atividades sustentadas

pela destreza e talento de cada indivíduo, como uma forma de enfrentamento às dificuldades existentes no cotidiano da comunidade e do seu entorno.

Todos os entrevistados reconheceram a importância do artesanato para a comunidade. Uma vez que o artesanato está fundamentado em um modelo emergente de desenvolvimento, em que os atores encontraram na Economia Criativa um meio para buscar ações que contribuíssem com a comunidade, a partir de ações participativas, coletivas e inclusivas que solucionassem os problemas locais. Esses atores participaram ativamente do processo de valorização da atividade artesanal, desde a fase de experimentação informal até a sua institucionalização, ocorrida após a constituição da Associação Casa da Boneca Esperança. Portanto, o modelo supracitado gerou renda, ocupação e bem-estar social, se configurando como um arranjo institucional inovador, a partir de uma nova forma de organização do trabalho, contemplando a dimensão Caráter Inovador.

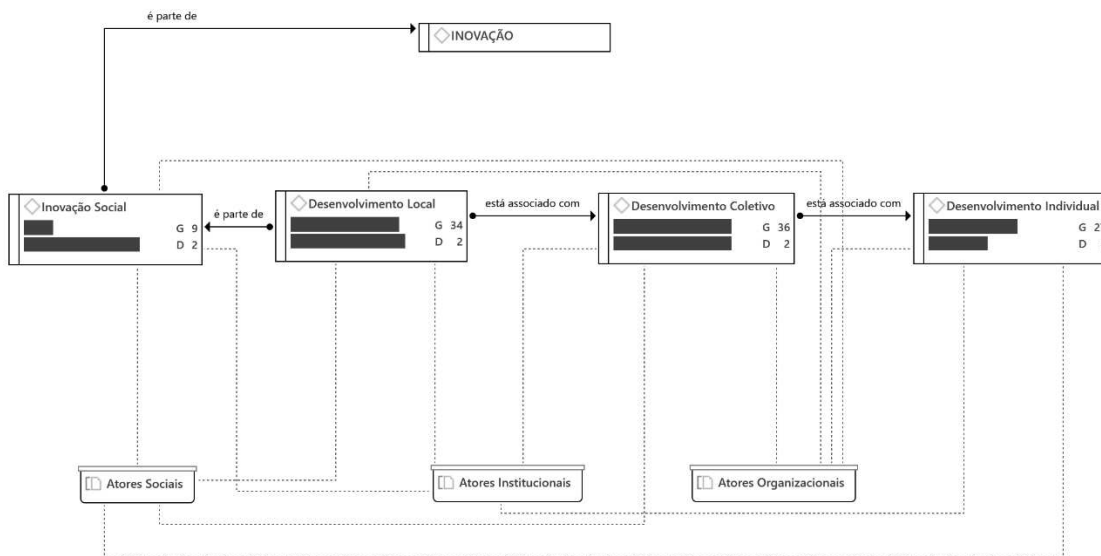
4.4.3 Dimensão Inovação

A subseção seguinte busca analisar a atividade criativa do artesanato à luz da dimensão “Inovação” considerando a escala, o tipo e a sua finalidade a partir das subcategorias de análise: Desenvolvimento Individual, Desenvolvimento Coletivo, Desenvolvimento Local e Inovação Social.

4.4.3.1 Desenvolvimento Individual, Coletivo, Local e Inovação Social

A dimensão Inovação prioriza o interesse coletivo, a cooperação e o bem comum. As inovações sociais ocorrem por meio do processo de cooperação entre atores a fim de atingir interesses individuais e coletivos. A Figura 18 apresenta a dimensão Inovação e sua relação com as subcategorias de análise identificadas por meio da análise empírica.

Figura 18: Dimensão Inovação



Fonte: Rede gerada no ATLAS.ti, com base nos dados da pesquisa (2021).

A Figura 18 apresenta a relação entre inovação, desenvolvimento local, desenvolvimento coletivo e desenvolvimento individual resultantes de uma inovação. Dentre esses elementos, verifica-se que as entrevistas enfatizaram as subcategorias desenvolvimento coletivo em 36 referências, seguido por desenvolvimento local, com 34 referências. Para os três grupos de atores, o artesanato foi contributivo para o desenvolvimento dos próprios atores e do povoado.

É interessante destacar que o desenvolvimento individual se apresenta como a categoria que evidencia menor densidade (D=1), ao passo que tem mais relevância (com G=27) que a Inovação Social (G=9), ou seja, pode-se concluir que o desenvolvimento focado no indivíduo, em único sujeito, embora tenha maior evidência, não promove, necessariamente, a IS.

Neste contexto, ao tratar da escala, no caso da Associação Casa da Boneca, a iniciativa pode ser considerada local, uma vez que impactou a comunidade na qual está inserida e beneficiou as famílias da região, melhorou as condições de vida e contribuiu para o desenvolvimento individual e coletivo dos indivíduos, bem como contribuiu para o empoderamento dos atores, da comunidade, viabilizou interações sociais e dinamizou a partilha de conhecimento com artesãos de outras regiões do país, por meio de ações cooperativas de criação e aprendizagem.

No tocante ao desenvolvimento coletivo, o conhecimento, o empoderamento e a autonomia dos atores sociais são capazes de satisfazer necessidades, aspirações e solucionar problemas, em conformidade com as proposições de Cloutier (2003). À luz dos benefícios de uma IS, a cooperação entre atores sociais, institucionais e organizacionais com intuito de aplicar

conhecimento e melhorar a capacidade produtiva são capazes de gerar soluções benéficas para toda a comunidade.

A nível de desenvolvimento local, uma IS pode solucionar problemas sociais que envolvem saúde, habitação, emprego, educação, valorização da produção local, aproveitamento das potencialidades e das capacidades locais. De acordo com o relato dos entrevistados, tal como reforça o entrevistado E6, “antes das bonecas ninguém conhecia Riacho Fundo...”

Era uma vila, antes não era calçado, depois houve investimento da prefeitura, que calçou, tinha um posto de saúde e uma escolinha, era uma vila bem “arrumadinha”, e a casa de Socorro, ficava um pouquinho afastada, era um casebre, morava ela e a irmã, mas, era tudo tranquilo (Entrevistado E6).

Eu percebi uma evolução enorme na própria comunidade, por exemplo, calçou-se uma parte que era toda de barro onde estava a escola, foi feita o local da associação para os artesãos se encontrarem, que eles chamaram de “Casa da Boneca”, foi cedido pelo município esse local, e também se tornou um ponto de visitação turística, de venda de produtos, um orelhão que não tinha na comunidade, se não me engano, um poço também artesiano, algo ligado a água foi trazido após toda uma força dessas mulheres, toda uma evolução de pensamento, onde os parceiros também estavam envolvidos, então houve muitas lutas para que essa comunidade fosse beneficiada, por vários projetos da prefeitura inclusive, eu não me lembro direito em relação a energia elétrica, mas, acho que tem alguma coisa também (Entrevistado E7).

A boneca tá dando muito dinheiro ... tá ajudando muito assim né vai movimentando visita... a gente tinha um ponto turístico né aí a gente tinha a casa da boneca a gente trabalhava lá de manhã a tarde sabe a gente juntava lá... tinha muita gente de fora que vinha conhecia a comunidade, vinha conhecer a Casa do Artesanato, queria ver a gente sabe, trabalhando tava sempre um grupo de mulher lá trabalhando aí foi muito bom... (Entrevistado E2).

Após a ascensão e popularidade do artesanato local, Riacho Fundo passou a receber apoio e investimentos por parte da prefeitura de Esperança. Os entrevistados destacaram que a região teve melhorias de infraestrutura, e passou a receber a visita de vários turistas e artesãos de regiões circunvizinhas. Além disso, melhorou a economia local, inseriu a temática do artesanato na única escola de ensino básico existente no Sítio, como também foram realizados eventos festivos na comunidade e gerou nos moradores da região o sentimento de felicidade, orgulho e pertença à comunidade, conforme foi evidenciado pelos entrevistados E5 e E2

Fizemos uma semana de oficinas com todas as crianças da escola, levamos a artesã para mostrar a boneca, ensinar como fazia, elas desenharam, criamos um livrinho, criamos uma embalagem para a boneca, que era uma malinha, que vinha uma mini boneca e um livrinho com a história da boneca, então, é um produto que a cada vez, enquanto eu estava lá, ele crescia em valorização, ele crescia em ideias, e o comércio, era venda atrás de venda. Elas fizeram também para a Alemanha, para a Feira Internacional de Hannover (Entrevistado E5).

Ó pra comunidade era muito importante, era um artesanato muito conhecido as pessoas se orgulhavam de dizer... a vocês são de riacho fundo da Boneca Esperança?

Tá entendendo? Eu sei que muito muito pessoal aqui na comunidade sentiu muito sabe porque tinha até uma certa fama a comunidade até Esperança própria Esperança o pessoal descer mesmo assim a esperança a terra da boneca é muito conhecida aqui a boneca, a boneca esperança é muito conhecida aonde a gente chega que fala na boneca, todo mundo conhece então assim para comunidade eu acredito que é muito importante esse trabalho esse artesanato, e outra coisa que tem muitas família aqui que ajudou muito né... então que ajudou na época sabe então eu acho que é muito importante eu acredito... (Entrevistado E2).

Em todas as entrevistas, as falas dos sujeitos elucidam a importância do artesanato e da produção das bonecas para o desenvolvimento social e econômico de Riacho Fundo. A arte de fazer bonecas de pano movimentou a região, criou identidade e gerou reconhecimento nacional.

Portanto, a associação apresenta características da dimensão inovação, uma vez que as ações do grupo contribuíram para minimizar as dificuldades e melhorar a realidade local, ao passo em que priorizaram o bem comum, a coletividade e os interesses por meio da cooperação, bem como fomentou o desenvolvimento dos indivíduos, do grupo e de Riacho Fundo.

4.4.4 Dimensão Atores

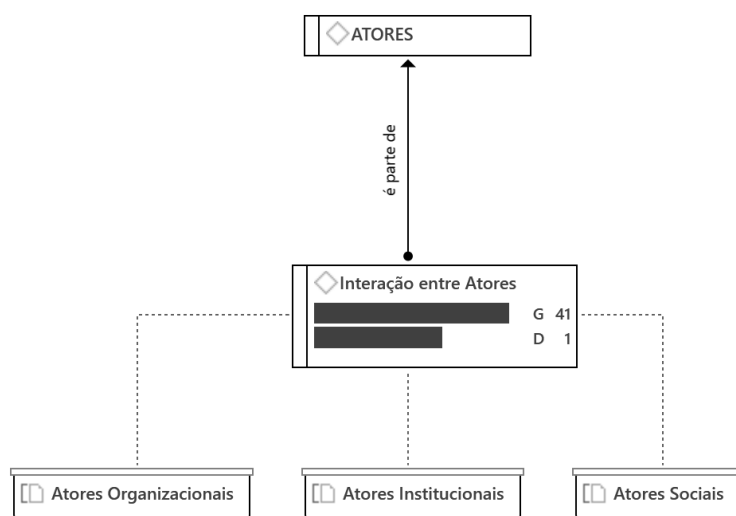
A subseção a seguir busca analisar a atividade criativa do artesanato à luz da “Dimensão Atores” considerando os atores sociais, organizacionais e institucionais a partir da subcategoria de análise: Interação entre atores.

4.4.4.1 Interação entre atores

A dimensão atores compreende os indivíduos envolvidos no desenvolvimento de uma inovação e que participam do processo de criação de soluções para as problemáticas identificadas. No tocante à criação da Associação Casa da Boneca Esperança, esta envolveu a participação de atores sociais, institucionais e organizacionais. Assim, a dimensão Atores buscou compreender a relação e a cooperação entre esses indivíduos.

A Figura 19 apresenta a Dimensão Atores e sua relação com as subcategorias de análise identificadas por meio da análise empírica. A rede apresentada pela citada figura demonstra a interação estabelecida entre os diversos atores no caso investigado, onde a subcategoria de análise foi referenciada 41 vezes e envolveu relatos dos três grupos de atores.

Figura 19: Dimensão Atores



Fonte: Rede gerada no ATLAS.ti, com base nos dados da pesquisa (2021).

Uma vez que, a interação entre a sociedade civil, as organizações e o poder público viabilizam as inovações sociais, percebe-se que em Riacho Fundo, especificamente no que se refere aos atores sociais, representados pelos artesãos, estes se envolveram e contribuíram para o desenvolvimento do projeto ao participarem das ações da associação, ao passo em que também foram beneficiários dela.

Também foram evidenciadas a existência de práticas de compartilhamento, cooperação, emancipação e melhoria da qualidade de vida dos artesãos, bem como melhorias para a comunidade, por meio do alinhamento de interesses, experiências, mudanças atitudinais e comportamentais em busca de interesses em comum.

No que se refere aos atores institucionais, a associação recebeu apoio da prefeitura, e do PAP, conforme foi ressaltado pelo entrevistado E6.

Juntou com a prefeitura, porque havia necessidade de um local para se reunirem, daí a prefeitura de Esperança cedeu, porque lá na comunidade havia um posto de saúde e uma escola, quando se reuniam com mais pessoas era na escola, e nessa sala do posto, foi onde foi feita a oficina (Entrevistado E6).

Quando a associação surgiu, esta não detinha um local para que os artesãos pudessem se reunir, então a prefeitura disponibilizou um espaço dentro da comunidade para que fossem realizadas as reuniões e as oficinas de artesanato. Entretanto, de acordo com alguns dos entrevistados, o apoio institucional ofertado por parte da prefeitura ocorreu somente após a atividade artesanal ganhar evidência em outros locais do país e no exterior, e com pouco tempo esse apoio foi dissipado, conforme pode ser observado nas falas dos entrevistados E6 e E2.

Elas estavam praticamente sozinhas, tanto um pouco durante o auge, um pouco mais perto da questão de morrer o projeto, acho que faltou um incentivo, uma força da própria prefeitura de Esperança, elas levaram o nome de Esperança para todo lugar, só que elas não tinham apoio (Entrevistado E6).

A casa da boneca está incluída no ponto turístico de Esperança Só que infelizmente a gente não tem apoio né... Não só a gente, o artesanato todo que tem, porque Esperança tem muito artesanato... se a gente tivesse apoio, eles abriam um ponto de loja né... para gente colocar o artesanato igual tinha alguns anos atrás... e a casa do artesão que tinha aí a gente colocava lá também, mas fechou. (Entrevistado E2).

De acordo com o relato do sujeito E3 “A prefeitura prometia né, mas num cumpria...promessa né...promessa... eu acho que foi por isso que parou mais, só vai pra frente se tiver a prefeitura dentro...”. A discreta participação do governo municipal e a descontinuidade de suas ações foi um dos fatores que contribuíram para a desestabilização do projeto. Com relação ao PAP, embora possa se perceber até os dias atuais que o Programa busca resgatar e manter a arte local ativa, há uma vertente predominantemente mercantil.

É preciso ponderar que a realidade política de municípios do porte de Esperança-PB é um fator a ser analisado com criticidade. A expectativa, o posicionamento e as falas dos atores sociais são parciais e tendenciosas, no sentido de expressar opiniões partidárias, podendo apresentar interpretações enviesadas.

No que tange aos atores organizacionais, o apoio do SEBRAE e do ARTESOL foram considerados importantes para o processo de valorização, aperfeiçoamento, promoção e comercialização dos produtos artesanais da região, no entanto, também se mostraram pontuais e espessos, conforme enfatiza o entrevistado E8.

Por ser do interior do interior, de um estado que não é rico, estou falando de rico economicamente, mas, é rico culturalmente, vale a pena dizer que graças ao SEBRAE muitas e muitos artesãos tiveram oportunidades de escoar sua produção, o SEBRAE deu a vara, e eles conseguiram continuar como as meninas de um monte de lugar... elas se organizaram, receberam capacitação do SEBRAE, receberam a oportunidade de estarem dentro de espaços de grande visibilidade. (Entrevistado E8).

Assim, infere-se que a participação do SEBRAE viabilizou a realização de cursos na comunidade e o acesso dos artesãos às feiras e exposições de artesanato, enquanto a ARTESOL viabilizou a realização de ações que contribuíram para a melhoria da qualidade do produto, bem como o resgate da cultura popular. Contudo, os atores sociais relataram que depois do desenvolvimento do projeto, os atores organizacionais se distanciaram e isso pode ter causado o início do declínio do projeto da boneca.

Outro fato observado é que a relação entre os atores institucionais e organizacionais nem sempre são convergentes. Não é que as agendas concorram, mas a sintonia é carente de um

plano de trabalho articulado, cooperativo e de longo prazo, que somem os esforços em ações contínuas, intensivas e diversificadas, visando promoção social, a estruturação de uma governança coletiva, a maturidade de gestão, a profissionalização e a inovação na comercialização dos produtos.

No que tange à identidade, valores e normas, é identificado na comunidade a miscigenação entre homens, mulheres, adultos e crianças no desenvolvimento da atividade. Também se percebe que o processo coletivo de aprendizado e cooperação a realização de parcerias que buscaram o apoio e o envolvimento de organizações, de instituições e da sociedade civil foram essenciais para o alcance de objetivos socioeconômicos, evidenciando a dimensão Atores.

4.4.5 Dimensão Processo

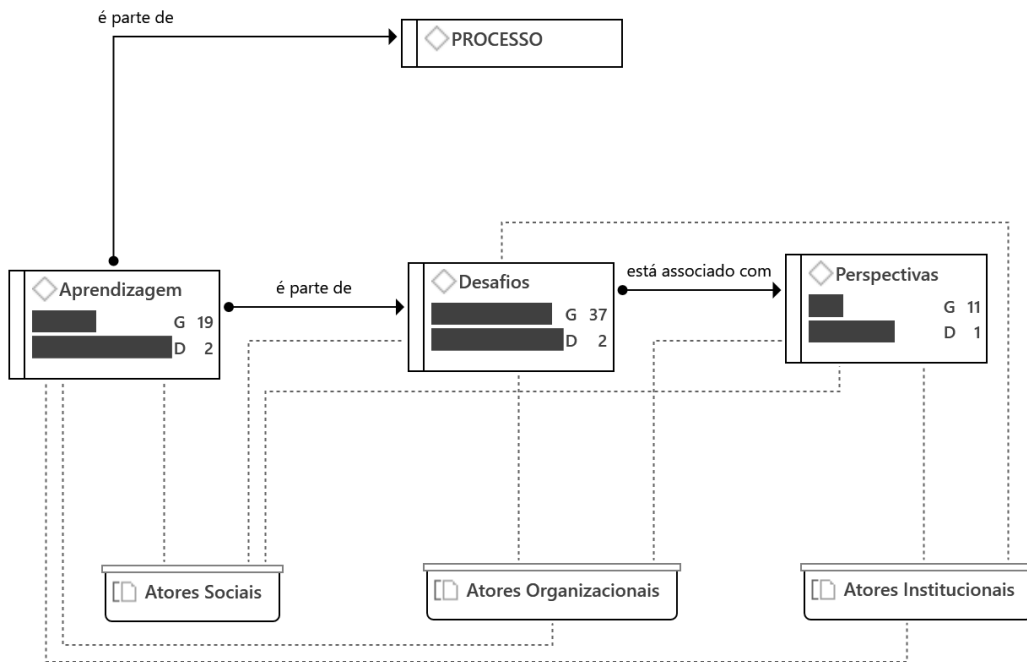
A subseção seguinte busca analisar a atividade criativa do artesanato à luz da “Dimensão Processo” considerando modos de coordenação, meios e restrições a partir das subcategorias de análise: Aprendizagem, Desafios e Perspectivas.

4.4.5.1 Aprendizagem, Desafios e Perspectivas

O processo de constituição da Casa da Boneca Esperança ocorreu por meio da participação e mobilização dos artesãos, do SEBRAE e do ARTESOL, e posteriormente envolveu o PAP e a Prefeitura, como também envolveu o investimento de recursos internos e externos para ampliar a atividade artesanal. Sob esse modo de coordenação entre os parceiros, os artesãos conseguiram adquirir um imóvel, onde funciona atualmente a associação, maquinário e insumos para a produção.

A Figura 20 apresenta a Dimensão Processo e sua relação com as subcategorias de análise identificadas por meio da análise empírica.

Figura 20: Dimensão Processo



Fonte: Rede gerada no ATLAS.ti, com base nos dados da pesquisa (2021).

A rede representada na figura acima demonstra a relação entre aprendizado, desafios e as perspectivas intrínsecos a um processo de inovação. Dentre esses elementos, as entrevistas evidenciaram por meio de 37 referências os desafios enfrentados pela atividade e pela comunidade, entretanto, os atores citaram em apenas 11 referências as perspectivas de continuidade da atividade em Riacho Fundo.

No tocante ao processo de aprendizagem, percebe-se que apesar de ter sido referenciado em 19 citações, este foi contributivo para o enfrentamento de alguns dos desafios relatados, bem como contribui para a busca de novas soluções.

A percepção é que a rede é coerente com a realidade estudada. Apesar do potencial da atividade, há, atualmente, mais desafios do que perspectivas promissoras, fato acentuado com a pandemia instaurada, associada com a idade avançada das lideranças técnicas locais. A aprendizagem coletiva, por sua vez, pode ser considerado um ponto forte para o futuro, sendo até determinante, visto sua capacidade de apresentar soluções de problemas e alternativas para enfrentar dificuldades.

Sabe-se que no passado, durante todo o processo de IS, o aprendizado – individual e coletivo – foi fundamental, tanto técnico, quanto social, no fomento à autonomia e ao empoderamento dos indivíduos, assim como ao compartilhamento de informações e conhecimento, a troca de experiências e a interação entre os atores, permitindo a dinamização da produção artesanal de Riacho Fundo.

Ao tratar das restrições de um processo de inovação, tem-se que estas podem surgir a partir de fatores complexos e incertezas, da resistência dos atores, das tensões, exigências e da rigidez institucional (TARDIF; HARRISSON, 2005). Na comunidade, foram identificadas **restrições** causadas pela incerteza e resistência dos atores, ma vez que a associação tem enfrentado dificuldades atitudinais e comportamentais dos próprios artesãos, conforme foi elucidado pelo entrevistado E7 e E2.

Na verdade eles estão apáticos, parecem que são pessoas que não tem mais vontade de fazer boneca, há 2(dois) anos quando eu assumi o programa de artesanato novamente, procurei o pessoal, estavam desestimulados, não abria mais a “casa da boneca” lá no município, a casa estava com uma infiltração, deixaram cair um pedaço do teto, não estavam mais querendo se unir, hoje, a realidade é que só 3(três) ou 4(quatro) mulheres fazem, e não deixam de chegar encomenda, essas 4(quatro) que estão fazendo ainda tem encomenda, tem as feiras, tem os eventos e elas simplesmente não querem mais ir, que a gente fica até pensando assim: “como assim não quer?”. A venda batendo na porta, o cliente querendo comprar, os Salões de Artesanato chamando você para vir vender, quando elas participaram agora há pouco em São Paulo, venderam tudo, e se você perguntar, muitas não querem fazer mais as bonecas, então, é complicado. Para eu dizer qual o maior desafio, talvez o maior desafio, seria elas quererem, a motivação das mulheres, é complicado porque quantos artesãos tem um produto e não tem o que elas têm: a demanda, o mercado, o escoamento da produção, a comercialização a logística, que são os grandes gargalos do artesanato brasileiro (Entrevistado E7).

Se eu tivesse condições, eu ia arrumar a casa da boneca. A gente não tá mexendo nem lá, porque o teto tá caindo... tá entendendo? Então a gente ia arrumar, ia tentar trabalhar, montar uma lojinha, que era o que era o sonho da gente. A gente ganhou até as vitrines e tudo tá entendendo? Só que na época que a gente ganhou, aí a casa tava precisando de uma reforma, ai eu disse: não adianta a gente montar uma lojinha que a gente não tem condições de fazer de fazer a reforma. Aí pronto se eu pudesse levar adiante... a gente ia tentar resgatar o artesanato e ia levar adiante sabe... aqui sempre foi conhecido como a casa da boneca, então é o ponto turístico da casa da boneca. Então o ideal seria na casa da boneca, que é da associação né? (Entrevistado E2).

Com a redução das vendas, o grupo que antes era formado por aproximadamente 50 artesãos, atualmente conta com apenas 10 integrantes, porém, apesar das dificuldades, percebe-se que este pequeno grupo continua produzindo as bonecas. Contudo, estão desmotivados, uma vez que estão impossibilitados de utilizar o espaço designado para a Casa da boneca, em função dos problemas estruturais do imóvel e enfrentam dificuldades para promover a atividade devido ao distanciamento dos atores institucionais e organizacionais.

Outra restrição apontada nas entrevistas refere-se à pandemia do Covid-19, que por sua vez impactou as atividades e reduziu significativamente o número de encomendas de bonecas, como também impossibilitou a participação em feiras de artesanato e exposições, as quais foram canceladas.

No tocante às perspectivas, quando perguntado sobre as expectativas para o futuro, todos os atores relataram que apesar das dificuldades enfrentadas, eles acreditam no potencial do artesanato de Riacho Fundo, e que este pode voltar a contribuir para o desenvolvimento da comunidade e dos indivíduos, sobretudo se voltarem a receber apoio dos atores organizacionais e institucionais.

Neste contexto, percebe-se a existência da dimensão processo no caso de Riacho Fundo, uma vez que o modo de coordenação da associação é caracterizado pela aprendizagem coletiva, na qual foram realizadas ações devido à existência de parcerias e da cooperação entre os atores, envolvendo limitações durante o processo de implementação e execução, como também a existência de restrições que indicaram resistência e incerteza do grupo.

Percebe-se que o caso está em conformidade com Bignetti (2011), que afirma que uma IS é um processo coletivo de aprendizagem, uma vez que sua criação, desenvolvimento e implementação estão baseados no potencial dos indivíduos e grupos que cooperam entre si e se relacionam.

4.5 DISCUSSÕES

Ao considerar os conteúdos analisados em cada dimensão, estas evidenciaram a existência de uma Inovação Social em Riacho Fundo, decorrente da atividade criativa do artesanato. À luz dos conceitos teóricos abordados, percebe-se que a EC valoriza o conhecimento local, os novos conhecimentos e a cultura popular, ao passo em que fomenta a economia e transforma a sociedade, por meio de inovações sociais que resultam em desenvolvimento e transformação sistêmica.

No caso da Associação Casa da Boneca Esperança, esta apresentou, em diferentes intensidades, a existência de diversos elementos de uma Inovação Social, conforme o modelo indicado por Tardiff e Harrison (2005). “Transformações” foi considerada a segunda dimensão de análise mais relevante entre as cinco dimensões abordadas neste estudo de caso, sobretudo a subcategoria Emprego e Renda que apresentou maior relevância (G=54) entre as doze subcategorias analisadas e elucida o potencial do artesanato para o desenvolvimento econômico local.

Antes da produção das bonecas de pano a economia local dependia diretamente da agricultura, e esta enfrentou e ainda vivencia atualmente crises em função do clima semiárido, das altas temperaturas, da escassez de chuva, e baixo índice pluviométrico da região, principalmente no período compreendido entre 2011 e 2013, onde a seca foi bastante danosa

para a atividade agrícola em geral. Em síntese, no contexto micro, as transformações causadas pelo artesanato foram amplamente percebidas na comunidade, instituiu novas relações sociais e melhorou o desempenho socioeconômico das famílias e conseqüentemente da comunidade.

O caráter inovador da atividade artesanal na região passou por um processo de experimentação, a partir do desenvolvimento de novos arranjos institucionais e parcerias, formadas principalmente entre a sociedade civil, o SEBRAE, o ARTESOL e posteriormente o PAP, como figura representativa do Estado da Paraíba. Ademais, a partir das análises observou-se que a dimensão “Inovação” foi a mais referenciada nas entrevistas, sobretudo no que tange ao desenvolvimento dos grupos envolvidos (G=36).

A mobilização, a participação, a cooperação e a interação entre os atores sociais, organizacionais e institucionais contribuíram efetivamente para a valorização, comercialização e expansão do artesanato de Riacho Fundo, proporcionou desenvolvimento individual e coletivo a partir do processo de aprendizagem, presente desde o aperfeiçoamento da técnica para a produção da boneca de pano, participação de feiras, exposições e eventos em diversas regiões do Brasil até a formalização da associação.

Em outra perspectiva, as incertezas, as crises e a oscilação do mercado e da atividade artesanal ocasionaram o surgimento de conflitos de interesse, tensões e resistência entre os atores, o que impactou diretamente o grupo e causou uma redução em cerca de 90% o número de associados. Apesar da redução e da dificuldade da manutenção das atividades, em 2020 a associação continuou desempenhando as atividades com os artesãos restantes.

Frente ao aporte teórico elucidado sobre os constructos de Economia Criativa e Inovação Social e aos resultados obtidos após a verificação empírica aqui apresentados com o objetivo de analisar as práticas da Economia Criativa na perspectiva da Inovação Social e as suas contribuições para o desenvolvimento de uma comunidade rural no município de Esperança-PB, bem como para validar a premissa norteadora desta pesquisa, de que a EC é uma ferramenta de IS contributiva para o desenvolvimento de determinadas localidades, em especial aquelas mais vulneráveis, constatou-se que apesar da pesquisa não ter utilizado indicadores para mensurar o nível de desenvolvimento ocorrido em Riacho Fundo, é possível inferir que a iniciativa de produção de bonecas de pano fomentou, em determinado momento, alterações sociais e econômicas na comunidade, ao passo em que contribuiu para o desenvolvimento individual, empoderamento, e inclusão social.

Por fim, após a apresentação dos resultados e análises das entrevistas realizadas com os atores envolvidos na atividade artesanal de Riacho Fundo, a seção a seguir apresenta as conclusões desse estudo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do estudo de caso da atividade artesanal de Riacho Fundo, este trabalho buscou construir uma relação entre o constructo de Economia Criativa, que se refere ao uso da criatividade como principal elemento de desenvolvimento de novos produtos possíveis de serem valorados, e a Inovação Social, que busca desenvolver novas soluções que corresponda às necessidades dos indivíduos no contexto de uma comunidade rural.

Neste contexto, a trajetória de análise desta pesquisa contribuiu para a percepção da riqueza imaterial do artesanato e da cultura popular, como também os significados intrínsecos na atividade artesanal. Na tentativa de esclarecer os aspectos contidos na relação entre a economia criativa, atividade criativa do artesanato e inovação social frente a escassez de estudos que evidenciam essas relações, foi necessário aprofundar os estudos sobre as temáticas envolvidas.

Para a realização da fase empírica, foi realizada uma pesquisa documental sobre o desenvolvimento da atividade artesanal da comunidade escolhida, seguida pela realização de entrevistas com os atores envolvidos no caso. As entrevistas foram analisadas por meio da verificação empírica das dimensões de inovação social, propostas pela literatura, com a finalidade de atender o objetivo geral deste estudo, que consiste em analisar as práticas da Economia Criativa na perspectiva da Inovação Social e as suas contribuições para o desenvolvimento de uma comunidade rural no município de Esperança-PB.

No Sítio Riacho Fundo, a iniciativa da Associação Casa da Boneca Esperança buscou atender objetivos coletivos, por meio da cooperação entre atores sociais, organizacionais e institucionais a fim de promover o bem-estar comum, a inclusão social, a capacitação, o empoderamento dos indivíduos, sobretudo das mulheres, que se sentiram empoderadas em função do envolvimento com questões econômicas, bem como o desenvolvimento socioeconômico local, assim, o caso empírico investigado pode ser considerado uma inovação social.

Com relação à importância do artesanato para a comunidade, a partir das entrevistas constatou-se que a atividade do artesanato se mostrou uma alternativa de renda contributiva para famílias da região, sendo também promotora de valorização, inclusão e empoderamento da figura feminina na comunidade, demonstrando que a comunidade passou por um processo de melhoria da qualidade de vida e do bem-estar social.

Ações realizadas há duas décadas ainda repercutem. A semente plantada com o Artesanato Solidário produziu efeitos importantes, mas os altos e baixos – ocorridos em função

do mercado, de um trágico episódio de feminicídio, das discontinuidades das ações e da alternância nas lideranças institucionais – geraram incertezas, provocaram desinteresse e distanciamentos entre as artesãs, minando o processo de organização coletiva local.

A ausência de um plano estruturado, de uma visão de futuro, de uma liderança empreendedora ou mesmo de uma condição mais estável na oferta e demanda dos produtos explica a fragilidade deste empreendimento coletivo, de modo que reduz decisivamente a sua capacidade de impulsionar desenvolvimento mais efetivo e duradouro. É provável que uma ação contínua de valorização associada à estruturação de modelo de atuação mais intensivo e de longo prazo contribua para a manutenção deste produto.

Os resultados da prática artesanal observada nesta pesquisa favoreceram importantes mudanças na comunidade local, tanto do ponto de vista material, individual e coletivo, quanto possibilita o complemento de renda e quando oferta uma alternativa econômica à agricultura familiar tão debilitada, como também apresenta valor social, estimula a interação, eleva a autoestima, agrega identidade e dar empoderamento, mas não é suficiente.

Ao passo que não se pode negar estas valiosas conquistas obtidas a partir da produção artesanal das bonecas de pano no Sítio Riacho Fundo, a impressão que fica é que o potencial é enorme e bem explorado, no sentido mais positivo da palavra, e que seria possível tornar esta autêntica arte em uma ponte para o desenvolvimento local, amplo e duradouro, mas o que se vê não é ainda concreto.

Dessa forma, constata-se que essa dissertação contribuiu para a compreensão da relação estabelecida entre os constructos de Economia Criativa e Inovação Social, à luz dos fundamentos teóricos e da perspectiva empírica inferida por meio do estudo de caso da Casa da Boneca Esperança.

Esta dissertação limitou-se a investigar apenas um estudo de caso único de economia criativa relacionado a temática da inovação social. Portanto, sugere-se, que pesquisas futuras investiguem outras iniciativas de economia criativa e inovação social que fomentem o desenvolvimento social, econômico e ambiental, bem como a interação com outras classes da economia criativa.

Assim é a realidade do nordeste brasileiro, marcada por histórias como estas. Para além da academia e do mercado, a riqueza da realidade, permeada de estória e significado, de expressão cultural e também de resistência, diante das restrições naturais, sociais e econômicas, representadas pela seca, pela falta de cooperação e ausência de oportunidades produzem cenários singulares. Lugares que conjugam nas mesmas mãos, a força e a delicadeza, o trabalho árduo e a poesia, por assim dizer a arte de fazer bonecas de pano.

REFERÊNCIAS

- ARTESOL. **Artesanato Solidário**. Disponível em: <https://www.artesol.org.br/>. Acesso em 12 jan. 2021.
- AMBERT, Cecile. **Promoting the Culture Sector through Job Creation and Small Enterprise Development in SADC Countries: The Music Industry**. International Labour Organization, 2003.
- ANDRÉ, Isabel; ABREU, Alexandre. Dimensões e espaços da inovação social. **Finisterra**, v. 41, n. 81, 2006.
- ASKERUD, Pernille. **As indústrias criativas: perspectivas da região da Ásia-Pacífico**. Economia criativa como estratégia de desenvolvimento: uma visão dos países em desenvolvimento. In: REIS, Ana Carla Fonseca (org.). São Paulo: Itáu Cultural, p. 243-257, 2008.
- AVELINO, Flor et al. Transformative social innovation and (dis) empowerment. **Technological Forecasting and Social Change**, v. 145, p. 195-206, 2019.
- BARDIN, Laurence. Organização da análise. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições, 2011. v. 70, p. 229.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Tradução Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro -- São Paulo: Edições 70, 2016. 3º reimp, 1º ed. 2016.
- BENDASSOLLI, Pedro F. et al. Indústrias criativas: definição, limites e possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**, v. 49, n. 1, p. 10-18, 2009.
- BENTLEY, Tom; SELTZER, Kimberly. **The creative age: Knowledge and skills for the new economy**. Demos, 1999.
- BEZERRA, NAP. As representações de meio ambiente no imaginário dos artesãos de Capim Dourado do município de Mateiros–TO. In: CORCINIO JÚNIOR, GF; SILVA, VCP da. **Natureza e representações imaginárias**. Curitiba: Appris, 2013.
- BIGNETTI, Luiz Paulo. Social innovation: ideas, tendencies and research possibilities. **Ciências Sociais Unisinos**, v. 47, n. 1, p. 3, 2011.
- BLYTHE, M. The work of art in the age of digital reproduction: the significance of the creative industries. **International Journal of Art & Design Education**, v. 20, n. 2, p. 144-150, 2001.
- BORGES, M. A. Dinâmica das parcerias intersetoriais em iniciativas de inovação social. 2017. Tese (Engenharia e Gestão do Conhecimento) Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento, Universidade de Santa Catarina, Florianópolis-SC, 2017.
- BOUCHARD, Camil. L'innovation sociale existe-t-elle?. **Interface**, v. 18, n. 6, p. 41-42, 1997.

BOUCHARD, Marie J. Social innovation, an analytical grid for understanding the social economy: the example of the Québec housing sector. **Service Business**, v. 6, n. 1, p. 47-59, 2012.

BUCKLAND, Heloise; MURILLO, David. **La innovación social en América Latina**. Marco conceptual y agentes. Washington DC: Instituto de Innovación Social de ESADE y Fondo Multilateral de Inversiones, Banco Interamericano de Desarrollo, 2014. Disponível em: <http://www.transitsocialinnovation.eu/content/original/Book%20covers/Local%20PDFs/177%20ESADE-FOMIN-La-innovacion-social-en-America-Latina-Marco-conceptual-y-agentes.pdf>. Acesso em: 13 fev. 2020.

BUREAU OF EUROPEAN POLICY ADVISERS-BEPA. **Empowering people, driving change: Social innovation in the European Union**. Luxembourg: Publication of the European Union, 2011.

BRA. Boston's Creative Economy. **BRA/Research, Estados Unidos da América**. 2005 Disponível em <http://www.cityofboston.gov/bra/PDF/ResearchPublications/BostonCreativeEconomy.pdf>. Acesso em: 26 mar. 2020.

BRASIL. **Decreto nº 1.508, de 31 de maio de 1995**. Dispõe sobre a subordinação do Programa de Artesanato Brasileiro, e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 31 maio 1995. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1995/D1508.htm#:~:text=Disp%C3%B5e%20sobre%20a%20subordina%C3%A7%C3%A3o%20do,que%20lhe%20confere%20o%20art. Acesso em 12 fev. 2020.

BRASIL. **Portaria nº 29, de 05 de outubro de 2010**. Portaria Secretaria de Comércio e Serviços do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. Brasília.

BRASIL. MINC. **Plano da Secretaria da Economia Criativa–Políticas, diretrizes e ações 2011 a 2014**. Brasília: Ministério da Cultura, 2011.

BRASIL. **Base conceitual do artesanato brasileiro**. Brasília, DF: Programa do artesanato brasileiro, 2012.

CAJAIBA-SANTANA, Giovany. Social innovation: Moving the field forward. A conceptual framework. **Technological Forecasting and Social Change**, v. 82, p. 42-51, 2014.

CANCLINI, N. G. **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: Edusp; 4ª edição, 2011.

CANESTRINO, Rossella; BONFANTI, Angelo; OLIAEE, Leila. Cultural insights of CSI: how do Italian and Iranian firms differ? **Journal of Innovation and Entrepreneurship**, v. 4, n. 1, p. 1-9, 2015.

CASTRO-ARCE, Karina; PARRA, Constanza; VANCLAY, Frank. Social innovation, sustainability and the governance of protected areas: revealing theory as it plays out in

practice in Costa Rica. **Journal of Environmental Planning and Management**, v. 62, n. 13, p. 2255-2272, 2019.

CASTRO-ARCE, Karina; VANCLAY, Frank. Transformative social innovation for sustainable rural development: An analytical framework to assist community-based initiatives. **Journal of Rural Studies**, v. 74, p. 45-54, 2020.

CAULIER-GRICE, J. *et al.*. **Defining Social Innovation**. A deliverable of the Project: “The theoretical, empirical and policy foundations for building social innovation in Europe” (TEPSIE). European Commission – 7th Framework Programme. Brussels: European Commission, DG Research, 2012.

CAVES, Richard E. **Creative industries: Contracts between art and commerce**. United States: Harvard University Press, 2000.

CHAUDHRY, Alia Nasim *et al.* **Infografia interativa: mapeamento e catalogação da produção criativa do artesanato paraibano**. João Pessoa, 2018.

CHOI, N.; MAJUMDAR, S. Social Innovation: Towards a Conceptualization. *In*: Majumdar, S., Guha, S., Marakkath, N. (Ed.). **Technology and Innovation for Social Change**. New Delhi: Springer India, 2015. p. 7-34.

CLOUTIER, Julie. *Qu'est-ce que l'innovation sociale?*. Montréal: Crises, 2003.

CORREIA, S. E. N. O papel do ator organizacional na inovação social. 2015. Tese (Doutorado em Administração) – Programa de Pós-Graduação em Administração, Universidade Federal de Pernambuco, Recife-PE, 2015.

CORREIA, S. E. N.; OLIVEIRA, V.; GOMEZ, C. R. P. Dimensions of social innovation and the roles of organizational actor: the proposition of a framework. RAM. **Revista de Administração Mackenzie**, v. 17, n. 6, p. 102-133, 2016.

COUTINHO, Décio; ALMEIDA, Glauber; MARINHO, Heliana; AITES, Rosirene; BARROS, Valéria; LAGES, Vinícius. (org.) **Termo de referência para atuação do Sistema SEBRAE na cultura e entretenimento**. Brasília: SEBRAE, 2007. 64p. – (Série Documentos).

CRESWELL, John W. Projeto de pesquisa métodos qualitativo, quantitativo e misto. *In*: **Projeto de pesquisa métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Tradução Magda Lopes (3a. ed.). Porto Alegre: Artmed, 2010.

CRISES. **Centre de recherche sur les innovations sociales**. 2010. Disponível em: www.crisis.uqam.ca. Acesso em: 15 jul2020.

CRISES – Centre de recherche sur les innovations sociales. **Social Innovation: What is it and why is it important to understand it better**. 2013. Disponível em: <<https://crises.uqam.ca/wp-content/uploads/2018/10/ET1003.pdf>>. Acesso em: 20 abr. 2020.

CRISES. **Centre de recherche sur les innovations sociales**. Disponível em: www.crisis.uqam.ca. Acesso em: 12 fev 2021.

CSI-SU. **Center for Social Innovation**: Stanford University, 2015. Disponível em: <https://www.gsb.stanford.edu/faculty-research/centers-initiatives/csi/>. Acesso em: 20 dez. 2020.

DALLAS COSTA, A.; SOUZA-SANTOS, E. R. Economia criativa no Brasil: quadro atual, desafios e perspectivas. **Revista Economia & Tecnologia**, v. 7, n. 4, 2011.

DCMS. **Creative industries mapping document**. London: UK DCMS, 1998.

DCMS. DEPARTMENT FOR CULTURE, MEDIA AND SPORT. **Creative Britain: new talents for the new economy**. DCMS, 2008. Disponível em: <https://www.gov.uk/government/organisations/department-for-digital-culture-media-sport> Acesso em: 28 abr. 2020.

DCMS. **Creative industries economic estimates**. 2010. Disponível em: <https://www.gov.uk/government/statistics/creative-industries-economic-estimates-december-2010-experimental-statistics>. Acesso em: 12 mai. 2020.

DEMBEK, Krzysztof; SINGH, Prakash; BHAKOO, Vikram. Literature review of shared value: a theoretical concept or a management buzzword?. **Journal of Business Ethics**, v. 137, n. 2, p. 231-267, 2016.

DEES, G. J. The meaning of social entrepreneurship. **Kauffman Center for Entrepreneurial Leadership**, Stanford University, 1998.

DEFOURNY, Jacques; NYSSSENS, Marthe. Social innovation, social economy and social enterprise: what can the European debate tell us? **The international handbook on social innovation**, p. 40-53, 2013.

DINIZ, M. B.; DINIZ, M. J. T. Arranjo produtivo do artesanato na Região Metropolitana de Belém: uma caracterização empírica. **Novos Cadernos NAEA**. v.10, n.2 . 2007.

DIONISIO, Marcelo; DE VARGAS, Eduardo Raupp. Corporate social innovation: A systematic literature review. **International business review**, v. 29, n. 2, p. 101641, 2020.

DUISENBERG, E. A. **Economia criativa: como estratégia de desenvolvimento: uma visão dos países em desenvolvimento/organização**. In: REIS, Ana Carla Fonseca (org.). Cidade: Itaú Cultural, 2008.

DUISENBERG, E. dos. Secretaria da Economia Criativa no Brasil. **Ministério da Cultura. Plano da Secretaria da Economia Criativa: políticas, diretrizes e ações**, v. 2014, 2011.

EICHLER, Georg M.; SCHWARZ, Erich J. What sustainable development goals do social innovations address? A systematic review and content analysis of social innovation literature. **Sustainability**, v. 11, n. 2, p. 522, 2019.

ESPERANÇA REEDITADA. Disponível em: www.esperancareeditada.com. Acesso em 04 fev 2021.

EUROPEAN COMMISSION. Guide to social innovation. **European Commission DG Regional and Urban Policy and DG Employment, Social Affairs and Inclusion. Brussels: European Commission, 2013.**

EZPONDA, Javier; MERINO MALILLOS, Lucía. **Cambio de paradigma en los estudios de innovación: el giro social de las políticas europeas de innovación.** Basco, 2016.

FARMAKIS, E. Fostering the creative economy. **Standford Social Innovation Review**, 2014.

FIRJAN, Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro. Indústria Criativa: mapeamento da indústria criativa no Brasil. **Sistema FIRJAN**, Rio de Janeiro, 2012a.

FIRJAN, Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro. **Indústria Criativa: Mapeamento da indústria criativa no Brasil**, 2019. Disponível em: <http://www.firjan.com.br/economiacriativa>. Acesso em 25 abr. 2020.

FLORIDA, Richard. **A ascensão da classe criativa.** Porto Alegre: L&PM, 2011.

FLORIDA, Richard; MELLANDER, Charlotta; KING, Karen. **The global creativity index.** Martin Prosperity Institute, Toronto, 2015.

FREITAS DUARTE, Márcia; SILVA, André Luis. A experimentação do risco na carreira criativa: o caso de mestres da cultura do artesanato cearense. **Revista Eletrônica de Ciência Administrativa**, v. 12, n. 2, p. 156-172, 2013.

FURTADO, C. **Criatividade e dependência na civilização industrial.** Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 1978.

FUSO NERINI, Francesco *et al.* A research and innovation agenda for zero-emission European cities. **Sustainability**, v. 11, n. 6, p. 1692, 2019.

GALLAS, Juliana Cristina *et al.* Economia Criativa e Inovação Social: uma análise a partir de uma comunidade de artesãos cearenses. **Desenvolvimento em Questão**, v. 17, n. 49, p. 176-190, 2019.

GREGOIRE, Maud. Exploring various approaches of social innovation: a francophone literature review and a proposal of innovation typology. **RAM. Revista de Administração Mackenzie**, v. 17, n. 6, p. 45-71, 2016.

GODOY, Christiane Kleinübing; BANDEIRA-DE-MELLO, Rodrigo; SILVA, Anielson Barbosa da (Orgs). **Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos.** 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2010.

GOOGLE MAPS. **Localização de Riacho Fundo, Esperança – PB** 1 imagem de satélite. Escala 1:50 m. Disponível em: <https://www.google.com.br/maps/place/Esperan%C3%A7a,+PB,+58135-000/@-7.0215504,-35.8750504,14z/data=!3m1!4b1!4m5!3m4!1s0x7ac2890159d88db:0x1bb834a9c6a2f643!8m2!3d-7.0204731!4d-35.8574649>. Acesso em 03 mar. 2021.

GOLDENBERG, Mark. **Social Innovation in Canada: How the Non-profit Sector Serves Canadians--and how it Can Serve Them Better.**Ottawa, Canadian Policy Research Network Incorporated, 2004.

GOLDSMITH, Stephen. **The power of social innovation: How civic entrepreneurs ignite community networks for good.** John Wiley & Sons, San Francisco, 2010.

GÓMEZ, Carla Regina Pasa *et al.* **Turismo de Base Comunitária como Inovação Social: congruência entre os constructos.** 2015.

GRAND, Simon et al. **Entrepreneurial Strategies for " positive Economy": 3rd Creative Economies Report Switzerland 2018.** Zurich University of the Arts, 2018.

GRAND, Simon et al. **Entrepreneurial Strategies for " positive Economy": 3rd Creative Economies Report Switzerland 2018.** University of the Arts, Zurich, 2018.

HARTLEY, John. **Creative industries.** Blackwell Publishing Ltd. 2005.

HOLLANDA, Ana *et al.* **Economia e Cultura da Moda no Brasil.** Ministério da Cultura, São Paulo, 2011.

HOWALDT, Jürgen; SCHWARZ, Michael. **Social Innovation: Concepts, research fields and international trends.** *In a Modern Working Environment - International Monitoring*, vol. 5, Technische Hochschule, Aachen 2010.

HOWALDT, Jürgen; KOPP, Ralf; SCHWARZ, Michael. Social innovations as drivers of social change—Exploring Tarde’s contribution to social innovation theory building. *In: New frontiers in social innovation research.* Palgrave Macmillan, London, 2015. p. 29-51.

Disponível em:

<https://library.oapen.org/bitstream/handle/20.500.12657/27885/1002117.pdf?sequence=1#page=58>. Acesso em: 23 dez. 2020.

HOWALDT, J.; SCHWARZ, M. Social innovation and its relationship to social change-Verifying existing Social Theories in referenche to Social Innovation and its Relationship to Social Change. **SI-DRIVE Deliverable**, v. 1, Alemanha, 2016. Disponível em:

<https://core.ac.uk/download/pdf/46917343.pdf>. Acesso em: 21 dez. 2020.

HOWKINS, J. **The Creative Economy: How People Make Money from Ideas.** London: Penguin Press, 2001.

HOWKINS, John. **Economia Criativa: como ganhar dinheiro com ideias criativas.** São Paulo: M. Books do Brasil, 2011.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA ESTATÍSTICA. **Perfil dos municípios brasileiros:**Cultura. 2015. Disponível em:
<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv95013.pdf>. Acesso em 12 out. 2020.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA ESTATÍSTICA. **Perfil dos municípios brasileiros:** Cultura. 2017. Disponível em:
<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101668.pdf> Acesso em 15 abr. 2020.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA ESTATÍSTICA. **Cidades e estados:** Esperança. 2020. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pb/esperanca.html>? Acesso em: 10 de jan. 2021.

JOÃO, I. S. **Modelo de gestão da inovação social para empresas sociais.** 2014. Tese (Doutorado em Administração) - Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2014.

KLEIN, Juan-Luis et al. The Quebec system of social innovation: a focused analysis on the local development field. **Finisterra-Revista Portuguesa de Geografia**, n. 94, p. 9-28, 2012.

LEITÃO, A.B.; GANTOS, M. C., Economia Criativa, Políticas Públicas e Sociais e Inserção Produtiva: Um estudo sobre o setor do Artesanato no Norte Fluminense. *In: I CONGRESSO INTERNACIONAL INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANIDADES*, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2012

LÉVESQUE, B. Les entreprises d'économie sociale, plus porteuses d'innovations sociales que les autres? *In: COLLOQUE DU CQRS AU CONGRES DE L'ACFAS*, 2001, Montreal, **Cahiers du CRISES**, v. 0205, 2002.

MADEIRA, Mariana Gonçalves. **Economia criativa:** implicações e desafios para a política externa brasileira. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2014.

MANZINI, Ezio. **Design para a inovação social e sustentabilidade:** Comunidades criativas, organizações colaborativas e novas redes projetuais. Caderno do grupo de altos estudos/volume I. Rio de Janeiro: Editora E-papers, 2008.

MARINHO, Heliana. **Artesanato:** tendências do segmento e oportunidades de negócios. Rio de Janeiro: Sebrae, 2007. Disponível em: [http://www.biblioteca.sebrae.com.br/bds/bds.nsf/1E54FD5A8D8594EE8325735B006E1BBE/\\$File/NT0003610A.pdf](http://www.biblioteca.sebrae.com.br/bds/bds.nsf/1E54FD5A8D8594EE8325735B006E1BBE/$File/NT0003610A.pdf). Acesso em: 20 de fev. 2020.

MARQUESAN, Fábio Freitas Schilling; FIGUEIREDO, Marina Dantas de. De artesão a empreendedor: a ressignificação do trabalho artesanal como estratégia para a reprodução de relações desiguais de poder. **RAM. Revista de Administração Mackenzie**, v. 15, n. 6, p. 76-97, 2014.

MASCÊNE, Durcelice Cândida; TEDESCHI, Mauricio. **Termo de referência:** atuação do Sistema SEBRAE no artesanato. Brasília: SEBRAE, 2010.

MAURER, Angela Maria. **As dimensões de inovação social em empreendimentos econômicos solidários do setor de artesanato gaúcho.** Dissertação (Mestrado em Administração). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

MERRIAM, S.B. **Qualitative research and case study applications in education.** San Francisco: Jossey-Bass, 2002.

MIGUEZ, Paulo. Economia criativa: uma discussão preliminar. *In: NUSSBAUMER, Gisele Marchiori (Org.). Teorias & políticas da cultura: visões multidisciplinares.* Salvador: EDUFBA, 2007.

MIRVIS, Philip et al. Corporate social innovation: How firms learn to innovate for the greater good. **Journal of Business Research**, v. 69, n. 11, p. 5014-5021, 2016.

MORALES, Gutiérrez Alfonso Carlos. Claves para comprender la innovación social. (Varios) **La innovación social como motor de Europa, SocialInnova**, Sevilla, p. 13-40, 2010.

MORIGI, Valdir J. e ROCHA, Carla P.V. da . A festa como narrativa mediadora na construção do espírito comum. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO, 8, out 2007, Salvador. **Anais [...]** Salvador: Questões em rede, 2007. Disponível em: <http://repositorios.questoesemrede.uff.br/repositorios/handle/123456789/354>. Acesso em 12 jun. 2020.

MOULAERT, Frank *et al.* Towards alternative model (s) of local innovation. **Urban studies**, v. 42, n. 11, p. 1969-1990, 2005.

MOULAERT, Frank; MACCALLUM, Diana; HILLIER, Jean. Social innovation: intuition, precept, concept. **The International Handbook on Social Innovation: collective action, social learning and transdisciplinary research**, v. 13, 2013.

MUMFORD, Michael D. Social innovation: ten cases from Benjamin Franklin. **Creativity research journal**, v. 14, n. 2, p. 253-266, 2002.

MULGAN, Geoff. The process of social innovation. **Innovations: technology, governance, globalization**, v. 1, n. 2, p. 145-162, 2006.

MULGAN, G., *et al.* Social innovation. **What it is, why it matters and how it can be accelerated**. London: Young Foundation, 2007.

MULGAN, G. Measuring social value. **Stanford Soc Innov Rev**, v. 8, n. 3, p. 38-43, 2010.

MURRAY, Robin; CAULIER-GRICE, Julie; MULGAN, Geoff. **The open book of social innovation**. London: National endowment for science, technology and the art, 2010.

NILSSON, Warren O. **Social innovation: An exploration of the literature**. Montreal: McGill University, 2003.

NOVY, Andreas; LEUBOLT, Bernhard. Participatory budgeting in Porto Alegre: social innovation and the dialectical relationship of state and civil society. **Urban studies**, v. 42, n. 11, p. 2023-2036, 2005.

NUNES, Nei Antônio *et al.* Participação comunitária como prática de inovação social: Um estudo de caso no Centro Educacional Marista Lúcia Mayvorne. **Revista Eletrônica de Estratégia & Negócios**, v. 10, n. 2, p. 154-180, 2017.

OLIVEIRA, Carlos; BREDÁ-VAZQUEZ, ISABEL. Creativity and social innovation: what can urban policies learn from sectoral experiences?. **International Journal of Urban and Regional Research**, v. 36, n. 3, p. 522-538, 2012.

OLIVEIRA, Patrícia Gêmily Grenfell et al. Economia criativa e o empreendedorismo no Ceará: um estudo de campo em uma empresa de design. **Revista Brasileira de Gestão e Inovação (Brazilian Journal of Management & Innovation)**, v. 3, n. 2, p. 110-126, 2015.

OSSANI, A. **A inovação social como processo e resultado da governança da colaboração interorganizacional**: o caso do Canal Futura. Dissertação (Mestrado em Administração). Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo, 2013.

PARAÍBA. Decreto n. 32.186, de 10 de junho de 2011. Regulamenta sobre o limite mínimo para ajuizamento de ações executivas, no âmbito do Estado da Paraíba. Diário Oficial do Estado da Paraíba, Poder Executivo, João Pessoa, PB, 10 jun. 2011. p. 1.

PATIAS, Tiago Zardin et al. Modelos de análise da inovação social: o que temos até agora?| analysis models of social innovation: What have we had so far?. **Revista Brasileira de Gestão e Inovação (Brazilian Journal of Management & Innovation)**, v. 4, n. 2, p. 125-147, 2017.

PACHECO, A. P. C.; BENINI, E. G. A Economia criativa em época de crise: o desenvolvimento endógeno brasileiro na obra de Celso Furtado. **Brazilian Journal of Political Economy**, São Paulo, SP, v. 38, n. 2, p.324-337, 2018.

PAUNESCU, Carmen. Current trends in social innovation research: social capital, corporate social responsibility, impact measurement. **Management & Marketing**, v. 9, n. 2, p. 105, 2014.

PHILLS, James A.; DEIGLMEIER, Kriss; MILLER, Dale T. Rediscovering social innovation. **Stanford Social Innovation Review**, v. 6, n. 4, p. 34-43, 2008.

PIMENTA, Alcineide Aguiar. Economia criativa e inovação social: uma análise na comunidade de carqueijo ceará. 2017. Dissertação (Mestrado em Administração). Universidade do Vale do Itajai, Santa Catarina, 2017.

POL, Eduardo; VILLE, Simon. Social innovation: Buzz word or enduring term?. **The Journal of socio-economics**, v. 38, n. 6, p. 878-885, 2009.

PUE, Kristen; VANDERGEEST, Christian; BREZNITZ, Dan. Toward a theory of social innovation. **Innovation Policy Lab White Paper**, No. 2016-01, 2016.

REIS, Ana Carla Fonseca. **Economia da Cultura e desenvolvimento sustentável: o caleidoscópio da cultura**. São Paulo: Manole, 2006.

REIS, Ana Carla Fonseca *et al.* **Economia criativa como estratégia de desenvolvimento: uma visão dos países em desenvolvimento**. São Paulo: Itaú Cultural, 2008. p. 267. Disponível em: <http://cenpec.org.br/biblioteca/cultura/artigos-academicos-e-papers/economia-criativa-como-estrategia-de-desenvolvimento-uma-visao-dos-paises-em-desenvolvimento>. Acesso em: 20 mar. 2020.

REIS FILHO, Paulo de Oliveira. **O baile charme do viaduto de Madureira na perspectiva da economia criativa**. Dissertação (Mestrado Profissional em Propriedade Intelectual e Inovação). Rio de Janeiro: Instituto Nacional da Propriedade Industrial - INPI, 2012. 183 - f.

RUIZ, Javier E. Inovação social: desafios e estratégias para o desenvolvimento inclusivo do território. **DIÁLOGO REGIONAL INOVAÇÃO SOCIAL, AÇÃO PÚBLICA E COESÃO SOCIAL: desafios e perspectivas**, 5, v. 24, 2012.

RODRIGUES, A. L. Modelos de gestão e inovação social em organizações sem fins lucrativos: divergências e convergências entre Nonprofit Sector e Economia Social. **Organizações & Sociedade**, v. 14, n. 43, p. 111-128, 2007.

SAMPIERI, R. H.; COLLADO, C. F.; LUCIO, P. B. **Metodología de la investigación**. McGraw: México, 2014.

SANTOS, R. L. **Desenvolvimento local sustentável**: caracterização do APL de artesanato de linha do município de Tobias Barreto – SE. 2007. 135f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2007.

SANTOS; T; S. **Desenvolvimento local e artesanato: uma análise de dois municípios de Minas Gerais**. 2013. Dissertação (Mestrado em Administração) Universidade Federal de Lavras, 2013.

SCHUMPETER, J. A. **Capitalismo, socialismo e democracia**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1961.

SCHUMPETER, Joseph Alois. **Teoria do desenvolvimento econômico**: uma investigação sobre lucros, capital, crédito, juro e o ciclo econômico (1934). Coleção Os Economistas. São Paulo: Nova Cultural, 1997.

SEBRAE – Serviço Brasileiro de Apoio o Micro e Pequenas. **Programa Sebrae de artesanato**. Termo de Referência. Sebrae/UF. Brasília. THIOLENT, M. Metodologia da Pesquisa-ação. São Paulo: Cortez Editora. São Paulo, 2004.

SEBRAE – Serviço Brasileiro de Apoio o Micro e Pequenas. **Artesanato: um negócio genuinamente brasileiro**. Rio de Janeiro: SEBRAE, 2008.

SEBRAE – Serviço Brasileiro de Apoio o Micro e Pequenas. **Estudo setorial do artesanato**. Brasília: Sebrae, 2010. v. 20.

SEBRAE – Serviço Brasileiro de Apoio o Micro e Pequenas. **Inovação e Tecnologia – Artesanato**. Disponível em: [https://bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/dd0660de425451694849565d4459cbcc/\\$File/4747.pdf](https://bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/dd0660de425451694849565d4459cbcc/$File/4747.pdf), 2014. Acesso em 20 jan. 2020.

SERRA, N.; FERNANDEZ, R. S. Economia criativa: da discussão do conceito à formulação de políticas públicas. **RAI Revista de Administração e Inovação**, v. 11, n. 4, p. 355-372, 2014.

SILVA, Heliana Marinho. **Por uma teorização das organizações de produção artesanal: habilidades produtivas nos caminhos singulares do Rio de Janeiro**. 2006. Tese (Doutorado em Administração). Escola Brasileira de Administração Pública de Empresas. Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2006.

SILVA, Eduardo Robini da. **Análise do Storytelling para o processo de reflexão como forma de aprendizagem organizacional**. 2016. Dissertação (Mestrado em Administração) Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2016.

SOBRINHO, João Moraes. **A implementação de políticas públicas voltadas ao artesanato na Paraíba: análise do programa Paraíba em suas mãos**. 2014. Tese (Doutorado em Administração). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014.

SOUZA, A. C. A. A.; SILVA-FILHO, J. C. L. Dimensões da Inovação Social e Promoção do Desenvolvimento Econômico Local no Semiárido Cearense. ENCONTRO DA ANPAD–ENANPAD, 38, 2014. **Anais [...]** Rio de Janeiro: Editora Executiva, 2014.

SUNG, T. K. The creative economy in global competition. *Technological Forecasting and Social Change*, v. 96, n. 3, 2015. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/275589560_The_creative_economy_in_global_competition. Acesso em: 16 mar. 2020.

TARDIF, Carole; HARRISSON, Denis. **Complémentarité, convergence et transversalité: la conceptualisation de l'innovation sociale au CRISES**. Bibliothèque et Archives nationales du Québec: Quebec, 2005. Disponível em: <https://crises.uqam.ca/wp-content/uploads/2018/10/ET1003.pdf>. Acesso em: 20 de mar. 2020.

TAYLOR, James B. Introducing social innovation. **The journal of applied behavioral science**, v. 6, n. 1, p. 69-77, 1970.

TEPPER, Steven Jay. Creative assets and the changing economy. **The Journal of Arts Management, Law, and Society**, v. 32, n. 2, p. 159-168, 2002.

UNCTAD- United Nations Conference on Trade and Development. **Creative Economy Report**. A Feasible Development Option. Geneva: United Nation, 2010. Disponível em: https://unctad.org/system/files/official-document/ditctab20103_en.pdf. Acesso em 23 fev. 2020.

UNCTAD - United Nations Conference on Trade and Development. **Creative Economy Report 2018**. United Nations, Geneva and New York. 2018.

UNESCO. Culture for Development Indicators: Methodology Manual. Paris: 2014. Disponível em: https://unctad.org/system/files/official-document/ditcted2018d3_en.pdf. Acesso em: 10 maio 2020.

VAINSENER, Semira Adler. Artesanato do nordeste do Brasil. **Pesquisa Escolar Online**, Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 2007.

VAN DER HAVE, Robert P.; RUBALCABA, Luis. Social innovation research: An emerging area of innovation studies? **Research Policy**, v. 45, n. 9, p. 1923-1935, 2016.

VOLTAN, Annika; DE FUENTES, Claudia. Managing multiple logics in partnerships for scaling social innovation. **European journal of innovation management**, v.19, n. 4, p. 446-467, 2016.

VOORBERG, William H.; BEKKERS, Viktor JJM; TUMMERS, Lars G. A systematic review of co-creation and co-production: Embarking on the social innovation journey. **Public Management Review**, v. 17, n. 9, p. 1333-1357, 2015.

WHITE, D. Steven; GUNASEKARAN, Angappa; ROY, Matthew H. Performance measures and metrics for the creative economy. **Benchmarking: An International Journal**, v.21, n. 1, p. 46-61, 2014.

YIN, Robert K. **Estudo de caso**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.

YIN, Robert K. **Applications of case study research**. United States: Sage, 2011.

APÊNDICES

Apêndice A: Autorização para uso de nomes, dados pessoais e imagens

Campina Grande, Agosto de 2020

Prezado Senhor (a):

A Economia Criativa e as Inovações Sociais podem contribuir significativamente para os desafios da atualidade. A economia baseada na criatividade e o envolvimento de diversos atores sociais nesta economia são capazes de fomentar o desenvolvimento socioeconômico local e regional.

Assim, a academia busca compreender e contribuir com perspectivas efetivas de estudos sobre o desenvolvimento de atividades criativas desempenhadas nas comunidades a partir das inovações sociais. A ser retratado sob a orientação do professor Gesinaldo Ataíde Cândido, o projeto de dissertação de mestrado vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal de Campina Grande, tem por objetivo analisar as práticas da Economia Criativa na perspectiva da Inovação Social e as suas contribuições para o desenvolvimento de uma comunidade rural no município de Esperança-PB.

Dessa forma, venho solicitar, para realizar com êxito a proposta de dissertação, a autorização do uso de nomes, dados pessoais e imagens obtidas por meio desta entrevista. Para fins de estudo, não será necessária identificação e enfatizo que utilizarei as respostas com o objetivo estritamente acadêmico.

Coloco-me a inteira disposição para os esclarecimentos necessários e aproveito o ensejo para agradecer antecipadamente a atenção dispensada.

Cordiais Saudações,

Thiago José de Queiroz Jatobá
Mestrando – PPGA/UFCG

Entrevistado

Apêndice B: Roteiro semi estruturado de entrevistas
Atores Sociais

1. PERFIL DO (A) ENTREVISTADO (A)

1.1	Idade:
1.2	Sexo:
1.3	Estado Civil:
1.4	Naturalidade:
1.5	Grau de Escolaridade:
1.6	Tempo de atividade como artesão:
1.7	Idade em que começou a fazer artesanato:

2. CARACTERÍSTICAS DO ARTESANATO DA COMUNIDADE RIACHO FUNDO

2.1	Como você aprendeu a prática do artesanato?
2.2	Antes do artesanato, qual era a sua fonte de renda?
2.3	Em sua família, quem mais faz artesanato?
2.4	Qual a principal fonte de renda da sua família?
2.5	Você busca melhorias para o seu trabalho? Onde? Como?
2.6	Quais mudanças aconteceram na atividade artesanal em Riacho Fundo?
2.7	Você recebe/recebeu algum apoio para desenvolver o trabalho de artesanato?
2.8	O que você considera como diferencial do artesanato de Riacho Fundo?
2.9	Como é a relação entre os artesãos da comunidade? Existe troca de experiência?
2.10	Qual a importância do artesanato na sua vida?
2.11	Qual a importância do artesanato para sua família?
2.12	Qual a importância do artesanato para a comunidade de Riacho Fundo?

3. DIMENSÕES DE INOVAÇÃO SOCIAL

3.1	Como era Riacho Fundo antes do artesanato?
3.2	Como era a situação das famílias, fonte de renda e emprego antes do artesanato?
3.3	Como era a situação das famílias, condições de moradia, saúde, acessibilidade e transporte das pessoas da comunidade antes do artesanato?
3.4	Como ocorreu o desenvolvimento do artesanato de Riacho Fundo?
3.5	Como a comunidade reagiu ao crescimento do artesanato de Riacho Fundo?
3.6	Como os artesãos participaram do processo de valorização do artesanato de Riacho Fundo?
3.7	Existe interação com artesãos de outras regiões? Vocês trocam experiência?
3.8	Quais foram os ganhos para a comunidade após o crescimento da atividade artesanal em Riacho Fundo?
3.9	O que o artesanato representa para a comunidade hoje?
3.10	O que mudou na comunidade?
3.11	O que a atividade artesanal mudou na sua vida?
3.12	Quais são os desafios da atividade e suas expectativas para o futuro?

Apêndice C: Roteiro semi estruturado de entrevistas
Atores Institucionais e Organizacionais

1. PERFIL DO (A) ENTREVISTADO (A)

1.1	Idade:	1.5	Grau de Escolaridade
1.2	Sexo:	1.6	Função
1.3	Estado Civil:	1.7	Setor de Atuação:
1.4	Naturalidade:	1.8	Organização/Instituição:

2. ATIVIDADE ARTESANAL DE RIACHO FUNDO

2.1	Em qual momento o (SEBRAE/ ARTESOL/ PAP/ Casa do Artesão) começou a apoiar os artesãos de Riacho Fundo?
2.2	Como se deu o crescimento/valorização do artesanato de Riacho Fundo?
2.3	Quais foram as contribuições e incentivos oferecidos pelo (SEBRAE/ ARTESOL/ PAP/ Casa do Artesão) aos artesãos de Riacho Fundo?
2.4	Como o (SEBRAE/ ARTESOL/ PAP/ Casa do Artesão) incentivou o processo criativo do artesanato da comunidade?
2.5	Quais as estratégias contribuíram para que os artesãos valorizassem a cultura do artesanato?
2.6	Qual o diferencial do artesanato de Riacho Fundo?
2.7	Qual sua participação na criação do diferencial desse artesanato?
2.8	Como era a situação das famílias, fonte de renda e emprego antes do artesanato?
2.9	Como você avalia o nível de renda conquistado pelos artesãos de Riacho Fundo? Pode haver alteração no nível de renda conquistado?
2.10	Pode haver alteração nesse nível de renda conquistado?
2.11	Houve melhoria na qualidade de vida das pessoas da comunidade?
2.12	Como era a situação das famílias, condições de moradia, saúde, acessibilidade e transporte das pessoas da comunidade antes do artesanato?
2.13	Quais foram os ganhos para os artesãos da comunidade após o crescimento da atividade artesanal em Riacho Fundo?
2.14	Quais foram os ganhos para a comunidade?
2.15	Quais foram as mudanças ocorridas na comunidade após o desenvolvimento da atividade artesanal?
2.16	Qual a participação do (SEBRAE/ ARTESOL/ PAP/ Casa do Artesão) no processo de capacitação e transferência de conhecimento na atividade artesanal?
2.17	É utilizado algum instrumento de mensuração para avaliar a melhoria na qualidade de vida no nível individual dos artesãos? Como essa melhoria é acompanhada e analisada?
2.18	É utilizado algum instrumento de mensuração para avaliar a melhoria na qualidade de vida no nível comunitário? Como essa melhoria é acompanhada e analisada?
2.19	Como é a relação entre os artesãos de Riacho Fundo e o SEBRAE/ ARTESOL/ PAP/ Casa do Artesão?
2.20	Como foi a participação dos artesãos no processo de crescimento/ valorização do artesanato de Riacho Fundo?
2.21	Os artesãos interagem com artesãos de outras regiões? Trocam experiência?
2.22	Qual o maior desafio para o artesanato de Riacho Fundo e quais as perspectivas para o futuro?

Apêndice D: Comprovante de submissão de artigo

[HOLOS] Agradecimento pela Submissão

Pró-Reitoria de Pesquisa e Inovação do IFRN <holos@ifrn.edu.br>

Seg, 18/01/2021 18:36

Para: Thiago José de Queiroz Jatobá <thiagojatoba@outlook.com>

Thiago José de Queiroz Jatobá,

Agradecemos a submissão do seu manuscrito "ECONOMIA CRIATIVA NO ATUAL CONTEXTO DE NEGÓCIOS E DE GESTÃO" para HOLOS. Através da interface de administração do sistema, utilizado para a submissão, será possível acompanhar o progresso do documento dentro do processo editorial, bastando logar no sistema localizado em:

URL do Manuscrito:

<https://na01.safelinks.protection.outlook.com/?url=http%3A%2F%2Fwww2.ifrn.edu.br%2Ffojs%2Findex.php%2FHOLOS%2Fauthor%2Fsubmission%2F11902&data=04%7C01%7C%7C380cc9b1c8dd4598307f08d8bbf91587%7C84df9e7fe9f640afb435aaaaaaaaaaaa%7C1%7C0%7C637466025767922932%7CUnknown%7CTWFpbGZsb3d8eyJWljiMC4wLjAwMDAilCJQljoiv2luMzliLCJBTil6lk1haWwiLCJXVC16Mn0%3D%7C1000&data=VAorAxs05gNsxRAogQ2BOHz9J8vkslRoi%2FwbKsVQ%3D&reserved=0>

[url=http%3A%2F%2Fwww2.ifrn.edu.br%2Ffojs%2Findex.php%2FHOLOS%2Fauthor%2Fsubmission%2F11902&data=04%7C01%7C%7C380cc9b1c8dd4598307f08d8bbf91587%7C84df9e7fe9f640afb435aaaaaaaaaaaa%7C1%7C0%7C637466025767922932%7CUnknown%7CTWFpbGZsb3d8eyJWljiMC4wLjAwMDAilCJQljoiv2luMzliLCJBTil6lk1haWwiLCJXVC16Mn0%3D%7C1000&data=VAorAxs05gNsxRAogQ2BOHz9J8vkslRoi%2FwbKsVQ%3D&reserved=0](https://na01.safelinks.protection.outlook.com/?url=http%3A%2F%2Fwww2.ifrn.edu.br%2Ffojs%2Findex.php%2FHOLOS%2Fauthor%2Fsubmission%2F11902&data=04%7C01%7C%7C380cc9b1c8dd4598307f08d8bbf91587%7C84df9e7fe9f640afb435aaaaaaaaaaaa%7C1%7C0%7C637466025767922932%7CUnknown%7CTWFpbGZsb3d8eyJWljiMC4wLjAwMDAilCJQljoiv2luMzliLCJBTil6lk1haWwiLCJXVC16Mn0%3D%7C1000&data=VAorAxs05gNsxRAogQ2BOHz9J8vkslRoi%2FwbKsVQ%3D&reserved=0)

Login: thiagojatoba

Em caso de dúvidas, envie suas questões para este email. Agradecemos mais uma vez considerar nossa revista como meio de transmitir ao público seu trabalho.

Pró-Reitoria de Pesquisa e Inovação do IFRN
HOLOS

HOLOS

<https://na01.safelinks.protection.outlook.com/?url=http%3A%2F%2Fwww.ifrn.edu.br%2Fholos&data=04%7C01%7C%7C380cc9b1c8dd4598307f08d8bbf91587%7C84df9e7fe9f640afb435aaaaaaaaaaaa%7C1%7C0%7C637466025767922932%7CUnknown%7CTWFpbGZsb3d8eyJWljiMC4wLjAwMDAilCJQljoiv2luMzliLCJBTil6lk1haWwiLCJXVC16Mn0%3D%7C1000&data=MRNPHV9SdVJ73O0bD%2Fo6rMxX7UcrXcoZmOwNxc%2BT1V0%3D&data=MRNPHV9SdVJ73O0bD%2Fo6rMxX7UcrXcoZmOwNxc%2BT1V0%3D&reserved=0>

[url=http%3A%2F%2Fwww.ifrn.edu.br%2Fholos&data=04%7C01%7C%7C380cc9b1c8dd4598307f08d8bbf91587%7C84df9e7fe9f640afb435aaaaaaaaaaaa%7C1%7C0%7C637466025767922932%7CUnknown%7CTWFpbGZsb3d8eyJWljiMC4wLjAwMDAilCJQljoiv2luMzliLCJBTil6lk1haWwiLCJXVC16Mn0%3D%7C1000&data=MRNPHV9SdVJ73O0bD%2Fo6rMxX7UcrXcoZmOwNxc%2BT1V0%3D&data=MRNPHV9SdVJ73O0bD%2Fo6rMxX7UcrXcoZmOwNxc%2BT1V0%3D&reserved=0](https://na01.safelinks.protection.outlook.com/?url=http%3A%2F%2Fwww.ifrn.edu.br%2Fholos&data=04%7C01%7C%7C380cc9b1c8dd4598307f08d8bbf91587%7C84df9e7fe9f640afb435aaaaaaaaaaaa%7C1%7C0%7C637466025767922932%7CUnknown%7CTWFpbGZsb3d8eyJWljiMC4wLjAwMDAilCJQljoiv2luMzliLCJBTil6lk1haWwiLCJXVC16Mn0%3D%7C1000&data=MRNPHV9SdVJ73O0bD%2Fo6rMxX7UcrXcoZmOwNxc%2BT1V0%3D&data=MRNPHV9SdVJ73O0bD%2Fo6rMxX7UcrXcoZmOwNxc%2BT1V0%3D&reserved=0)